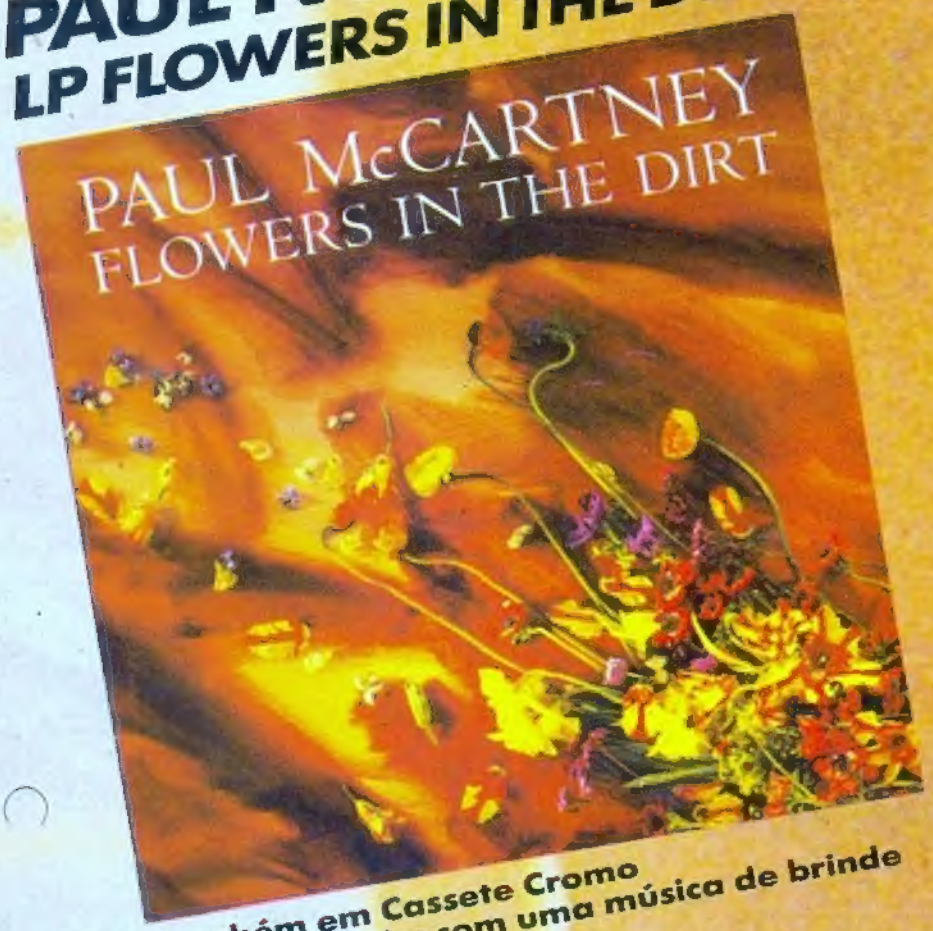
PAUL IN RIO

DIAS 19 E 21 DE ABRIL NO MARACANÃ

PAUL NO BRASIL:
LP FLOWERS IN THE DIRT



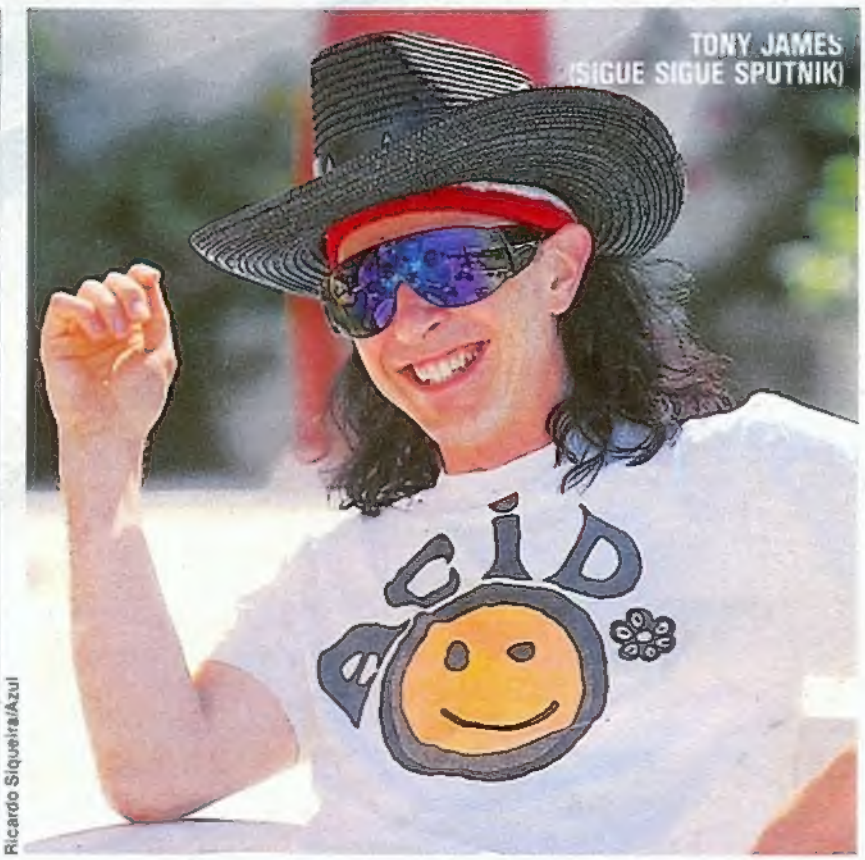
Também em Cassete Cromo
e Compact Disc com uma música de brinde

mpl EMI

OS MAIORES SUCESSOS DE PAUL McCARTNEY ESTÃO EM ALL THE BEST

Álbum Duplo, Cassete e CD

SHOW BIZZ



Ricardo Siqueira/Azul

SISTER SPUTNIK

Tony James é o mais novo integrante do **Sisters Of Mercy**. Ele deixou o Sigue Sigue Sputnik para ocupar o baixo na banda de Andrew Eldritch. De acordo com a *Melody Maker*, o vocalista dos Sisters mantinha uma amizade de longa data com Tony — tendo sido inclusive convidado a integrar o Sputnik, alguns anos atrás.

A mudança de formação foi recebida com surpresa por **Patricia Morrison**, a antiga baixista. Segundo ela, Eldritch é "ganancioso", pois não chegou sequer a pagar o dinheiro que lhe devia. "Além disso, ele me ofereceu um contrato estúpido", declarou Patrícia — que participou de algumas gravações para o novo disco da banda, em dezembro.

Com a saída de Tony, já se fala numa possível separação do Sigue Sigue Sputnik — que teria sucumbido ao fracasso comercial de seu último LP, *Dress For Excess*. Até o fechamento dessa edição, porém, não havia nenhuma informação oficial sobre o futuro da banda.

POUCAS & BOAS I

A morte do vinil parece cada vez mais próxima. *Girl You Know It's True*, do **Milli Vanilli**, um dos campeões da parada americana, não está mais sendo fabricado no velho formato nos EUA. Isso porque a procura pelas versões em cassete e CD foi muito superior ⊗ **Chuck Berry** está sendo processado por um antigo cozinheiro de um restaurante no Missouri. Ele acusa Berry de instalar câmeras nos sanitários femininos, usando os vídeos para "gratificação de fetiches sexuais" ⊗ O **Fairground Attraction** anunciou oficialmente o fim da banda, após lançar apenas um LP: *The First Of A Million Kisses*. De acordo com a gravadora, o grupo acabou porque "já tinha alcançado o máximo dentro do seu formato musical".

A MORTE DE DEL SHANNON

Morreu no dia 8 de fevereiro, na Califórnia, o cantor norte-americano **Del Shannon**. Ele foi um dos primeiros intérpretes da história do rock a compor suas próprias músicas, alcançando grande popularidade nos anos 60. Entre os seus hits mais conhecidos estão "Hats Off To Larry", "Keep Searchin'" e o clássico "Runaway". Nos últimos tempos, Shannon vinha sendo cogitado para integrar os **Traveling Wilburys**. O cantor suicidou-se com um tiro na cabeça, aos cinqüenta anos.

Mountain/LFI

ADAM ANT

VINIL FRESCO I

Adam Ant está lançando seu quarto disco solo, depois de cinco anos de ausência. Chama-se *Manners And Physique* ⊗ **Norman Cook**, ex-baixista dos Housemartins, solta seu primeiro compacto com o novo grupo, **Beat International**. O título é "Dub Be Good To Me" ⊗ **Richie Sambora**, guitarrista do Bon Jovi, prepara para breve seu primeiro disco solo ⊗ O grupo iugoslavo **Laibach** colocou dois novos LPs no mercado: *Macbeth*, trilha sonora para uma montagem alemã da peça de Shakespeare, e *Sympathy For The Devil*, que acrescenta dois novos remixes ao EP lançado no ano passado, com diversas versões da música dos **Rolling Stones** ⊗ Quem prepara sua volta ao vinil é **Andrew Ridgeley**, ex-companheiro de George Michael no Wham! ⊗ Já saíram na Inglaterra as *Peel Sessions* do **Wire** e dos **Buzzcocks**.

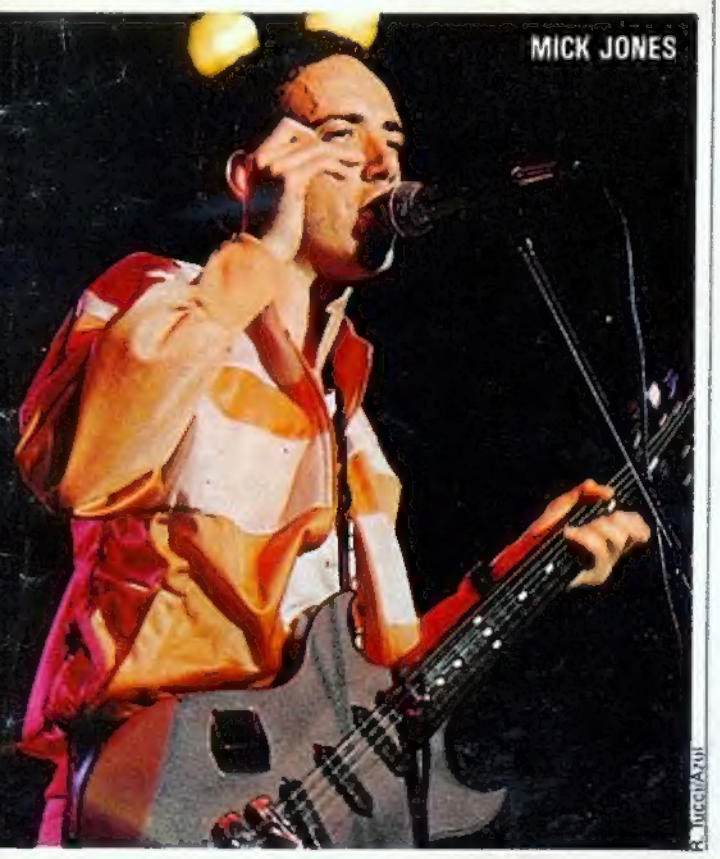
BIBLIOTECA I

Rock Brasileiro: 1955 — 1965 é o livro que conta a história das origens do nosso rock. **Rosemary, Nora Ney** e **Eduardo Araújo** estão entre os artistas da fase pré-Jovem Guarda analisada por **Albert Pavão** — também produtor do LP *Censurar Ninguém Se Atreve* (ver *Discos*) ⊗ Mais um *songbook* nacional chega às lojas: é o *Songbook Da Bossa Nova*, com quatro volumes, incluindo partituras para canções de **Tom Jobim, Carlos Lyra** e **Edu Lobo**, entre outros. O responsável pela edição é Almir Chediak.

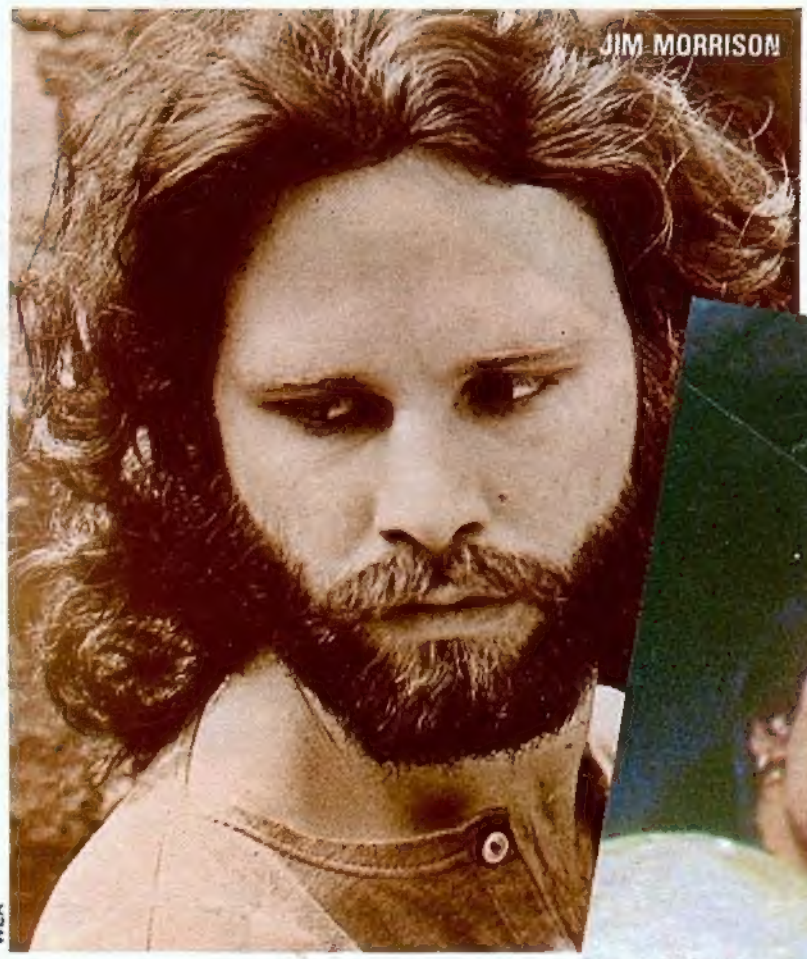
A CRISE DO BAD

As coisas não andam nada bem para os lados do **Big Audio Dynamite**. A crise — que por muito pouco não provoca o fim da banda — começou quando **Don Letts** (efeitos, backing vocals) anunciou sua saída, seguido imediatamente por **Greg Roberts** (bateria) e **Leo Williams** (baixo). O motivo seria o longo período de inatividade do BAD, devido aos problemas de saúde enfrentados pelo vocalista e guitarrista **Mick Jones** no ano passado.

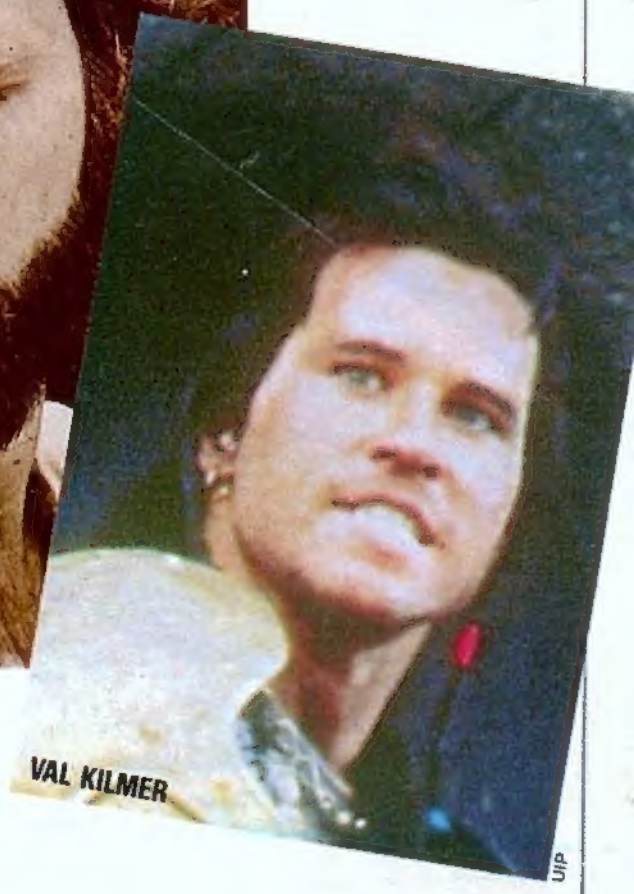
Mesmo tendo sua banda reduzida a uma dupla — com **Don Donovan** nos teclados —, Mick declarou à imprensa britânica que pretende prosseguir com o nome de Big Audio Dynamite, entrando em estúdio nos próximos meses para a gravação de um novo LP. O vocalista desmentiu, ainda, os insistentes boatos de uma reunião do **Clash**.



R. Iucci/Azul



WEA



UIP

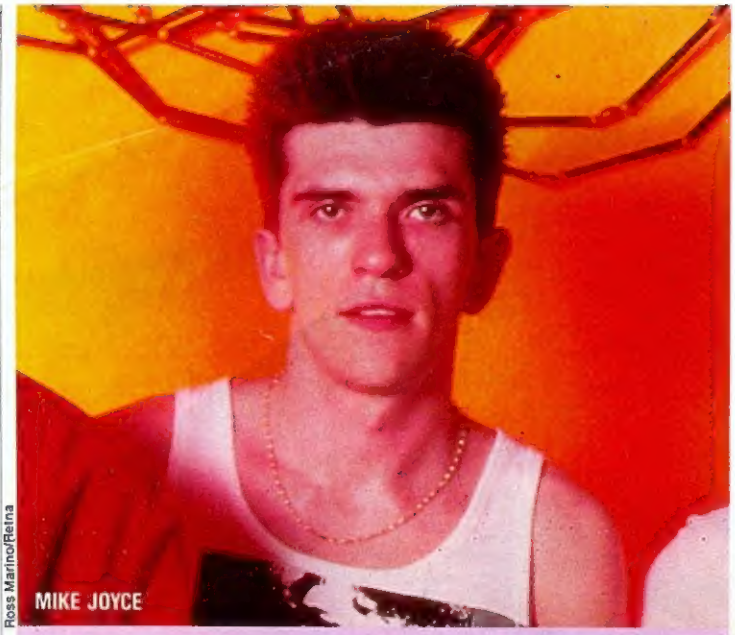
REI LAGARTO NO CINEMA

Um dos maiores mitos da história do rock terá sua vida transposta para as telas. Foram iniciadas no mês de março as filmagens da biografia de **Jim Morrison**, sob a direção de **Oliver Stone** (*Platoon*, *Wall Street*). No papel do vocalista dos **Doors**, está **Val Kilmer**, que já atuou em *Willow*, *Top Gun* e *Top Secret* (onde interpretava um cantor pop). A preparação de Kilmer tem incluido aulas de dança e expressão corporal com a coreógrafa e cantora Paula Abdul, além de sessões de gravação com o produtor Paul Rothchild, que trabalhou com os Doors (não se sabe ainda se ele cantará no filme). O cantor **Billy Idol** interpretará Tom Baker, amigo de Jim — caso se recupere a tempo de um grave acidente de moto sofrido no início do ano —, ao passo que Pamela Courson, esposa do cantor, será vivida por **Meg Ryan** (*Viagem Insólita*).

Antes de chegar às mãos de Oliver Stone, o projeto já havia sido cobiçado por vários diretores — entre eles, Francis Ford Coppola e Martin Scorsese. Todos, porém, tropeçaram nos desentendimentos entre os três ex-Doors e a família de Jim. Uma das condições impostas por esta última era de que o filme não fosse uma adaptação do livro *No One Here Gets Out Alive*, uma polêmica biografia de Jim , de autoria de Danny Sugerman e Jerry Hopkins. Entre os remanescentes da banda, apenas o tecladista **Ray Manzarek** aprovou a idéia do filme, embora preferisse que o enfoque recaísse sobre os Doors: "Quero que seja um filme de rock'n'roll rasgado, e que seja espiritual, transcendental, psicológico e psicodélico".

Depois de vencer as resistências de ambas as partes — graças à mediação de Bill Graham, um dos mais importantes promotores de shows dos anos 60 —, Oliver Stone encarregou-se do roteiro, que também apresentou sérias dificuldades. "Cada pessoa tem uma visão diferente de Jim", declarou o diretor. "Para mim, sua história representa a procura de uma nova consciência e novos níveis de liberdade."

O envolvimento do vocalista com o álcool e as drogas e sua conturbada vida sexual são alguns dos temas delicados que Stone deverá abordar no filme. Na opinião do diretor o maior obstáculo será a complexidade da personalidade de Jim, um dos mais carismáticos e polêmicos poetas do rock. "Não é possível sair de uma coisa dessas com vida, ou mesmo inteiro. No final do dia, você corre o risco de ser condenado." Jim Morrison morreu no dia 3 de julho de 71, em Paris. Ele tinha 27 anos.



Ross Marino/Retna

MIKE JOYCE

POUCAS & BOAS II

O ex-Smith **Mike Joyce** foi recrutado pelos **Buzzcocks**. O baterista acompanha o grupo de Pete Shelley em uma série de shows na Austrália e no Japão ⊗ Ian Astbury foi parar em um hospital logo depois de um show em Ohio, nos Estados Unidos. O vocalista do Cult foi agredido violentamente por um segurança, quando tentava impedir que este espancasse um fã próximo ao palco ⊗ **The Edge** (U2) e **Liam O'Maonlai** (Hothouse Flowers) foram multados pela justiça irlandesa. Tudo porque Liam dirigia o carro de The Edge sem o comprovante de seguro obrigatório ⊗ O mês de janeiro trouxe duas perdas para o pop — ambas causadas por pneumonia. No dia 19, faleceu **Mel Appleby**, da dupla **Mel & Kim** — que chegou a vender um milhão de cópias do seu álbum *Fun, Love And Money*. Quatro dias depois, morria **Allen Collins**, guitarrista do grupo americano **Lynyrd Skynyrd**.

ELVIS NÃO MORREU

Estreou no mês passado no Rio o musical *Elvis Vive*, escrito por Paulo Cesar Coutinho. No papel de Elvis Presley está o cantor **Jerry Adriani**, um dos idealizadores do projeto. "Não é uma biografia", explica Jerry, "é apenas uma visão pessoal, que tenta passar a emoção da época." A estréia foi acompanhada pelo lançamento de um LP de Jerry, com versões em português dos maiores hits do rei do rock'n'roll.

UMA NOITE PELA AMAZÔNIA

"Somos a banda de garagem mais cara do mundo." Foi assim que **Sting** descreveu o grupo formado para o show "An Evening In Brazil", que arrecadava fundos para as campanhas de defesa da Amazônia. Durante cerca de uma hora, **Bruce Springsteen**, **Paul Simon**, **Bruce Hornsby** e **Don Henley** (ex-Eagles) apresentaram-se para uma seleta platéia formada por executivos de cinema, da TV e da indústria fonográfica, num palco improvisado numa mansão em Los Angeles.

O ponto alto do show aconteceu quando Bruce anunciou uma canção inédita: "You Don't Know What You Got Until It's Gone". A seguir, Sting encerraria a festa, cantando "Every Breath You Take". De acordo com as duas organizações responsáveis pelo evento — a Fundação Mata Virgem, presidida por Sting, e a Environment Media Association —, a renda do espetáculo ficou por volta de um milhão de dólares.

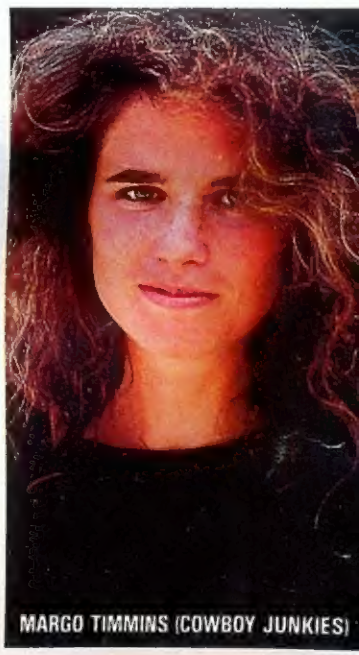
SOUNDS OF BRAZIL

A música brasileira é muito mais respeitada no exterior do que no Brasil. Existe uma espécie de ditadura imposta pelas gravadoras e rádios, que parecem querer acabar com nossa cultura." Essas foram algumas das declarações à revista *Cash Box* de **Milton Nascimento** — descrito como "o mais importante músico brasileiro".

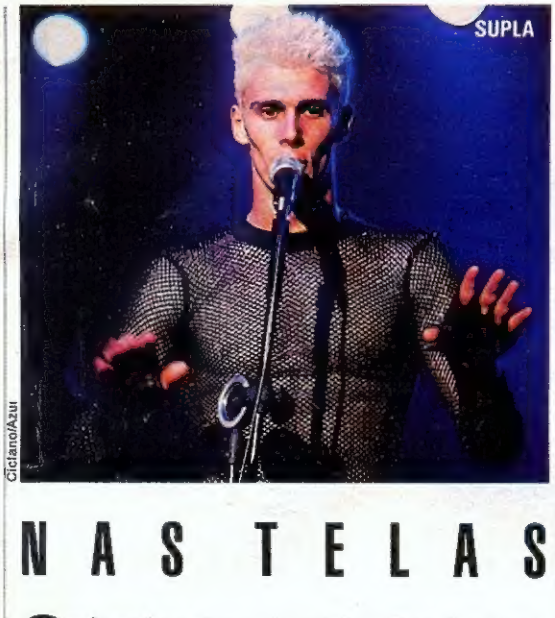
Mas quem está mesmo em evidência no exterior é **Caetano Veloso**, com o lançamento de *Estrangeiro*. A *Spin* descreveu o disco como uma mistura de "bossa nova, samba, baião, fado, reggae e rock", que "fala por si mesma, sem necessidade de traduções". Já a *Musician* considerou *Estrangeiro* o disco mais forte de Caetano nos últimos anos, misturando "melodias sedutoras" com o "vigor dos arranjos dos Ambitious Lovers". O compositor brasileiro compareceu ainda na *Melody Maker*: "Leãozinho", presente numa compilação inglesa, foi escolhida como uma das melhores do ano pelo crítico Jonh Wilde.

VINIL FRESCO II

Os canadenses **Cowboy Junkies** — um dos destaques na votação da crítica do Prêmio BIZZ (ver suplemento especial) — estão lançando seu segundo LP, *The Caution Horses* ⊗ A banda de Mick Jagger está presente no disco *Stoned Again* — uma coleção de covers dos **Rolling Stones** interpretadas por **Inspiral Carpets**, **Shop Assistants** e **Family Cat**, entre outros ⊗ *Fontana* é o nome do segundo LP do grupo britânico House Of Love ⊗ Duas antigas gravações do líder **Julian Cope** estão sendo lançadas na Inglaterra. Uma delas é *Everybody Wants To Shag The Teardrop Explodes* ("Todo Mundo Quer Trepar Com Os T.E."), terceiro álbum da banda, gravado em 82. A outra é *Skellington*, álbum solo de Cope registrado em 84, que inclui duas faixas da época do *The Crucial Three* (banda que incluía **Ian McCulloch**).



MARGO TIMMINS (COWBOY JUNKIES)



Giclano/Azul

NAS TELAS

Supla está no elenco do próximo filme dos Trapalhões. Em *Uma Escola Atrapalhada*, ele será Carlão, o namorado de Tami — interpretada por **Angélica**. O diretor é Antonio Del Rangel ⊗ **Eddie Murphy** pretende realizar um filme sobre a vida de **Little Richard**. O papel principal seria, é claro, do próprio Murphy, que lançou recentemente seu primeiro LP ⊗ **Madonna** prepara um novo projeto cinematográfico, que teria como tema a vida da pintora mexicana Frida Kahlo, esposa de Diego Rivera ⊗ **Cindy Lauper** faz mais uma investida no cinema, no filme *Paradise Paved*.

AS ROSAS NÃO FALAM

Todos os integrantes da banda **Stone Roses** correm o risco de passar alguns meses na cadeia. Eles são acusados pela depredação dos escritórios do selo FM Revolver.

De acordo com a acusação, três membros do grupo invadiram a sede da gravadora e despejaram tinta branca e azul sobre seu diretor, Paul Birch. Em seguida, foram até a rua, de onde atiraram as latas de tinta, quebrando vidros e danificando três carros nas proximidades. No dia seguinte, a banda foi detida, passando várias horas atrás das grades.

O motivo da agressão foi o relançamento, pelo selo Revolver, do segundo single dos Stone Roses "Sally Cinnamon", acompanhado por um videoclip não autorizado pela banda.

OUÇA ESSA

"**E**u acreditava ser um presente dos deuses para as mulheres. Mas, agora, quando eu me vejo no espelho toda manhã, é uma visão terrível — pode acreditar."

Rod Stewart, *New Musical Express*

O ARTISTA DA DÉCADA

Michael Jackson foi homenageado por sua gravadora, a Epic Records, com um prêmio especial pela venda de 110 milhões de discos — incluindo seus LPs solo e com os **Jacksons**, ao longo dos anos 80.

A cerimônia ocorreu em fevereiro no Hotel Regent Beverly Wilshire, em Beverly Hills (EUA). Michael recebeu das mãos do presidente de uma das divisões da CBS Records, Tommy Mottola, o troféu de "Artista da Década" — uma estatueta do cantor, de terno e chapéu (tão pesada que somente o guarda-costas foi capaz de erguê-la).

Num curto discurso preparado previamente, ele agradeceu "às pessoas que tornaram esse prêmio uma possibilidade e, depois, uma realidade. As vendas não são tudo. O mais importante são as pessoas que compram os discos e as que ajudam a fazê-los. Agradeço às crianças do mundo inteiro, amo todas elas. Que Deus as abençoe."

BONNIE RAITT

Capitol

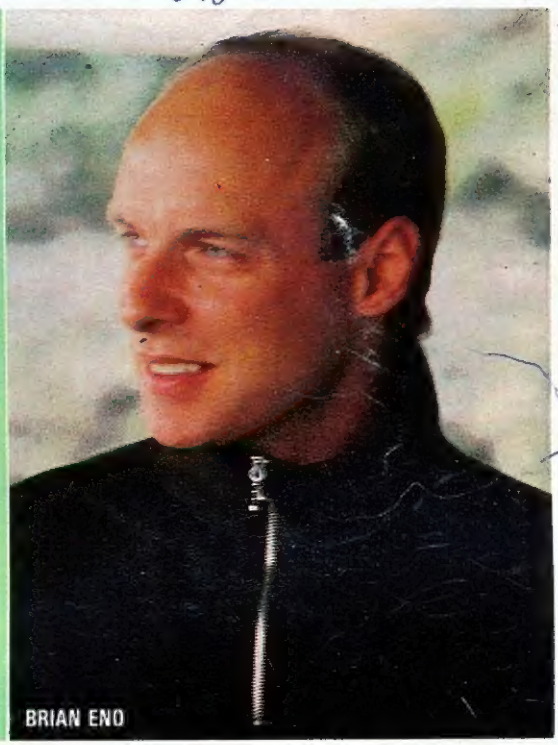
PRÊMIOS DUVIDOSOS

No final de fevereiro, a Academia de Artes e Ciências Fonográficas dos Estados Unidos realizou a 32ª entrega do Grammy. Aqui, você confere os resultados (a cobertura completa estará na próxima edição): *Cantor Pop* **Michael Bolton**; *Cantora Pop* **Bonnie Raitt**; *Duo ou Grupo Pop* **Aaron Neville** e **Linda Ronstadt**; *Revelação* **Milli Vanilli**; *Cantor de Rock* **Don Henley**; *Cantora de Rock* **Bonnie Raitt**; *Grupo de Rock* **Traveling Wilburys**; *Álbum* Nick Of Time, **Bonnie Raitt**; *Compacto* "Wind Beneath My Wings", **Bete Midler**; *Canção* "Wind Beneath My Wings"; *Rap* **Young MC**; *Hard Rock* **Living Colour**; *Heavy Metal* **Metallica**; *Cantor Country* **Lyle Lovett**; *Cantora Country* **K. D. Lang**; *Cantor de Rhythm'n' Blues* **Bobby Brown**; *Cantora de R&B* **Anita Baker**; *Grupo de R&B* **Soul II Soul**. **Paul McCartney** ganhou ainda um prêmio especial pelo "conjunto de sua obra".

Nesse mesmo mês, aconteceu a cerimônia do British Awards, promovida pela indústria fonográfica inglesa. Os premiados foram: *Cantor* **Phil Collins**; *Cantora*: **Annie Lennox** (Eurythmics); *Música* "Another Day In Paradise", **Phil Collins**; *Revelação Britânica* **Lisa Stansfield**; *Revelação Internacional* **Neneh Cherry**; *Grupo Britânico* **Fine Young Cannibals**; *Grupo Internacional* **U2**. .

BIBLIOTECA II

Brian Eno: His Music And The Vertical Colour Of Sound é o nome da biografia do músico e produtor escrita por Eric Tamm. O lançamento é da editora Faber ⊗ Alfred Bos é o autor de *Street Fighting Years*, que reúne biografia e *songbook* dos **Simple Minds**. A editora é a Omnibus Press ⊗ **George Harrison** é biografado em *Dark Horse*, de Geoffrey Giuliano. O nome da editora é Bloomsbury ⊗ *The Heart Of Rock And Soul* traz uma lista com os 1001 melhores singles de todos os tempos, selecionados e analisados pelo jornalista Dave Marsh. A editora é a Penguin ⊗ **Steve Winwood** está lançando sua autobiografia. *The Steve Winwood Story* tem como co-autor Chris Welch, e é uma edição da Omnibus Press ⊗ *Facing The Music* é um livro que traz ensaios sobre rock, música pop e cultura, editados por Simon Frith. A editora é a Mandarin.



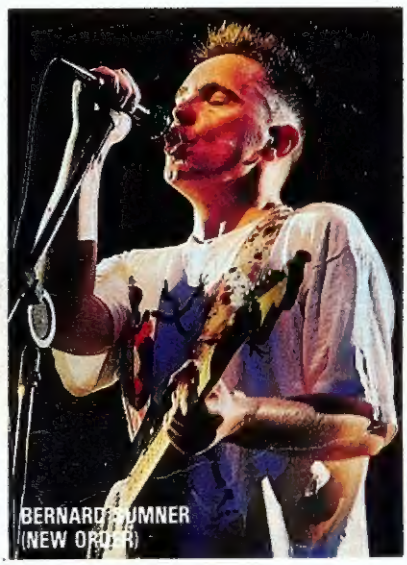
BRIAN ENO

Z. Vivanco/Azul

NA TRILHA DOS SMITHS

"Quando as próximas mil 'grandes sensações' já tiverem desaparecido, eles ainda serão um fenômeno." Foi assim que a *Melody Maker* se referiu aos **Sundays**, em matéria de capa publicada em janeiro do ano passado, quando a banda não tinha mais de seis meses e acabava de lançar seu primeiro compacto, "Can't Be Sure". O rótulo de "salvadores do pop" seria imediatamente descartado pelo guitarrista David Gavurin. "A imprensa exagera demais a importância dos músicos."

Um ano depois, eles voltavam às capas das publicações inglesas, com o lançamento do LP *Reading, Writing And Arithmetic*. Nesse disco, ficavam ainda mais evidentes as influências dos Smiths e dos Cocteau Twins — os artistas preferidos de **Harriet Wheeler**, apontada como a mais promissora vocalista dos nossos tempos. "Eles não quebram nenhuma barreira musical", dizia a resenha da *New Musical Express*. "Em vez disso, usam instrumentos simples e métodos rudimentares com uma intuição econômica." Apesar dos elogios unânimes da imprensa, a banda não quer ser vista como uma "esperança para os anos 90", garante David. "Nunca dissemos que poderíamos mudar a cultura jovem — ninguém pode. Procuramos apenas ter certeza de que cada canção é tão boa quanto possível."



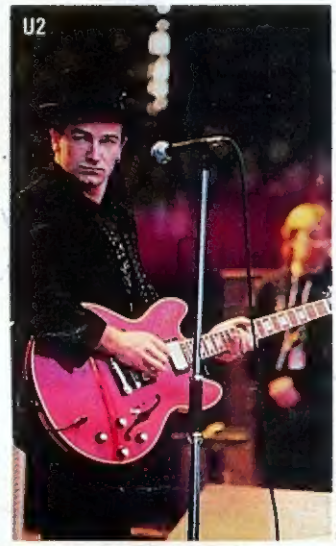
BERNARD SUMNER (NEW ORDER)

Fernando Dias/Azul

NEW ORDER AO VIVO

A turnê brasileira do **New Order** tem, finalmente, seu primeiro registro no vinil. "Sister Ray", uma cover do **Velvet Underground**, gravada ao vivo no Ibirapuera no dia 1.º de dezembro de 88, foi incluída na compilação *Like A Girl, I Want You To Keep Coming*, do selo americano Giorno Poetry Systems Records. *(Mais detalhes na* Zona Franca *da próxima edição.)*

ABRIL NO ROCK



U2

Paramount

1/04/87 — Com um show em Tempe, Arizona, o U2 dá início à turnê *The Joshua Tree*, durante a qual acontecerão as filmagens de *Rattle And Hum*

6/04/68 — Syd Barret anuncia sua saída do Pink Floyd

7/04/69 — John Lennon lança seu primeiro compacto solo, "Give Peace A Chance"

9/04/87 — O Echo & The Bunnymen inicia em Porto Alegre sua turnê pelo Brasil

9/04/88 — James Brown abre sua segunda turnê brasileira com um show no Maracanãzinho (RJ)

12/04/89 — Nick Cave inicia sua turnê brasileira no Canecão (RJ)

14/04/83 — Morre Pete Farndon, baixista dos Pretenders, de overdose de heroína

17/04/60 — Morre em um acidente de carro Eddie Cochran, aos 21 anos. Os maiores hits de sua curta carreira foram "Summertime Blues", "Twenty Flight Rock" e "C'mon Everybody"

17/04/70 — Paul McCartney lança seu primeiro disco solo, *McCartney*, e anuncia publicamente o fim dos Beatles

30/04/74 — Alice Cooper inicia sua turnê brasileira

30/04/83 — Morre o bluesman Muddy Waters, aos 68 anos, de um ataque cardíaco. Ele foi o principal representante do blues de Chicago nos anos 50

1989 ◆ OS LEITORES TAMBÉM VOTAM

No início deste ano, leitores das principais publicações musicais inglesas e norte-americanas foram convidados a votar nos melhores de 89. Confira os resultados dessas eleições diretas...

PIXIES – "MELHOR BANDA" (MM)

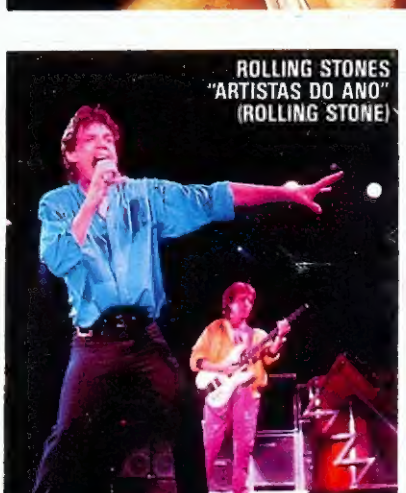
LFI

MELODY MAKER

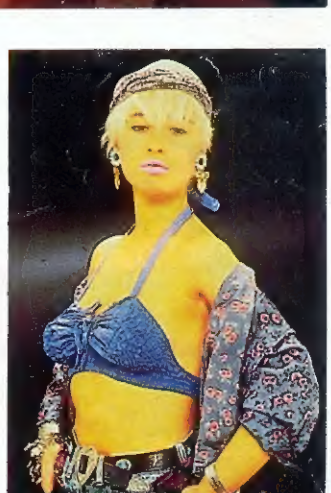
Na opinião dos leitores da *Melody Maker*, os **Pixies** foram a melhor banda de 89. O segundo lugar ficou com o **Cure**, seguido por **Stone Roses**, **Wonder Stuff** e **R.E.M.**. A lista das revelações do ano passado é encabeçada pelos **Stone Roses**, e inclui ainda **Inspiral Carpets**, **Sundays**, **Lush** e **Jesus Jones.**

Doolittle, dos **Pixies**, foi eleito o melhor álbum do ano. Na seqüência vêm os LPs *The Stone Roses*, *Disintegration*, do **Cure**, *Hup*, do **Wonder Stuff** e *Automatic*, do **Jesus & Mary Chain**. O **Cure** foi responsável por dois dos melhores compactos do ano: "Lullaby" (1.º) e "Love Song" (3.º). Nas outras posições estão os **Sundays**, com "Can't Be Sure" (2.º), **Wonder Stuff**, com "Don't Let Me Down, Gently" (4.º), e **Pixies**, com "Monkey Gone To Heaven".

Entre os vocalistas, o primeiro posto ficou com **Robert Smith** (Cure), seguido por **Morrissey**, **Michael Stipe** (R.E.M.), **Black Francis** (Pixies) e **Miles Hunt** (Wonder Stuff). Pelo lado feminino, os votos foram, pela ordem, para **Kate Bush**, **Bjork** (Sugarcubes), **Julianne Regan** (All About Eve), **Kristin Hersh** (Throwing Muses) e **Harriet Wheeler** (Sundays).


ROLLING STONES "ARTISTAS DO ANO" (ROLLING STONE)

CBS


WENDY JAMES "OBJETO DE DESEJO" (NME)

WEA

NEW MUSICAL EXPRESS

Os **Stone Roses** foram os preferidos pelos leitores da *New Musical Express* em 89. A banda de Manchester ficou com o primeiro posto nas categorias *banda*, *LP*, *compacto* ("Fool's Gold") e *revelação*. O **Happy Mondays** foi o segundo melhor grupo do ano, seguido por **Wedding Present**, **New Order** e **Wonder Stuff.** Na categoria LP, a lista inclui ainda *Doolittle*, dos **Pixies** (2.º), *3 Feet High And Rising*, do **De La Soul** (3.º), *Technique*, do **New Order** (4.º) e *Hup*, do **Wonder Stuff** (5.º).

"Wrote For Luck", dos **Happy Mondays**, foi o segundo melhor compacto de 89, seguido por "She Bangs The Drums", dos **Stone Roses** , "Joe", dos **Inspiral Carpets** e "Don't Let Me Down, Gently", do **Wonder Stuff**.

Na categoria "Revelação", os **Stone Roses** são acompanhados pelos **Inspiral Carpets**, **Jesus Jones**, **De La Soul** e **Family Cat.**

Morrissey não foi esquecido pelos leitores da *New Musical Express*. Ele ficou com o primeiro posto na categoria *artista solo*, seguido por **Ian McCulloch**, **Kate Bush**, **Prince** e **Neneh Cherry**. O ex-vocalista dos Smiths foi ainda um dos maiores *objetos de desejo* dos leitores, atrás apenas de **Wendy James** (Transvision Vamp) e **Deborah Harry**.

ROLLING STONE

Os **Rolling Stones** foram eleitos *artistas do ano* pelos leitores da revista norte-americana *Rolling Stone*, faturando as primeiras posições nas categorias *banda* e *turnê*. O melhor LP foi *Full Moon Fever*, de **Tom Petty** — eleito também melhor vocalista de 89. O **B-52's** encabeça a lista dos melhores compactos, com "Love Shack".

As revelações de 89 foram o **Living Colour** e o **Milli Vanilli**. No *rap*, o melhor foi **Tone Loc**, enquanto que a primeira posição na categoria heavy metal ficou para o **Guns N'Roses**. Foram eleitos ainda os pop stars mais sexy de 89: **Bono** e **Paula Abdul**.

A votação da *Rolling Stone* abriu espaço para os piores artistas do ano passado. Foi uma parada fácil para os **New Kids On The Block**: os piores nas categorias *banda*, *LP*, *compacto* e *turnê*. Mas sobraram ainda alguns prêmios para **Axl Rose** (Guns N'Roses) e **Madonna**, os piores vocalistas do ano.

O GUIA DA NATUREZA.

CANELA - RS

Serra. E-17, Alt 837 m, Pop 16 850/19 266 21 511, CEP 95680, DDD 054 • Porto Alegi 141, Gramado 8, Caxias do Sul 79.

SESI (Centro de Lazer do Sesi) - I Francisco Bertolucci, 504. Tel. 282-131 Acesso pela r. Inácio de Moraes (atrás d igreja matriz). 220 ▲, 150, 178, 220, 17, 8, 8, 12, 12, 4 10, serve prato-camping e ca da manhã, , 2 (Ω), de can po, bocha, boliche (cobertos), ping-pon

697 ÁREAS DE CAMPING

São áreas classificadas pelo **Guia Quatro Rodas Camping,** com a descrição dos locais, mapas de acesso, preços e serviços existentes.

O Guia traz todas as informações das cidades onde estão localizados os campings: hospitais, concessionários de veículos, transportes, CEP, DDD, população, bancos e rodoviárias.

1.642 ATRAÇÕES TURÍSTICAS

Tudo o que há de melhor e mais interessante, próximo às áreas dos campings.

ROTEIROS

Para facilitar a sua viagem, o Guia tem 11 roteiros que abrangem 16 estados brasileiros.

QUADRO DE DISTÂNCIAS

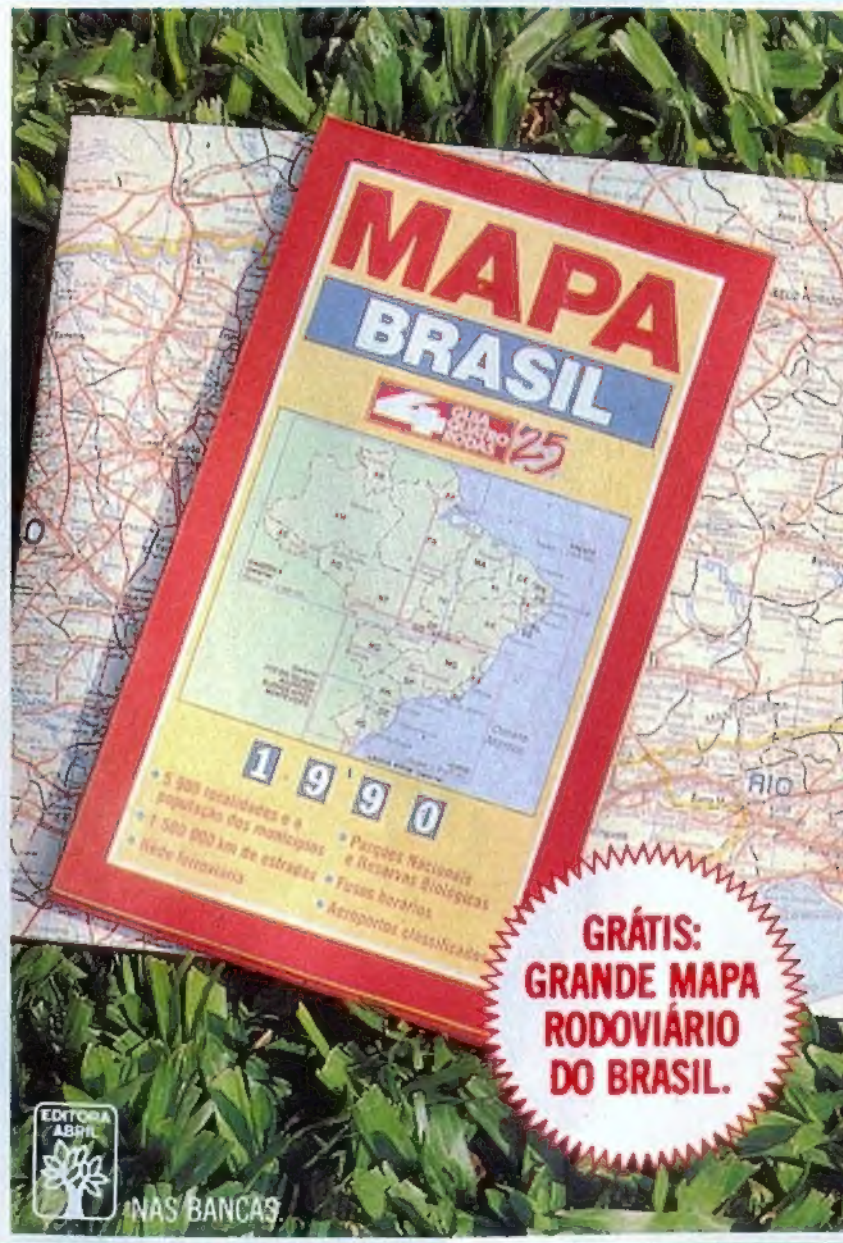
O Guia escolheu para você os caminhos mais curtos e asfaltados, e mostra as distâncias entre as principais cidades do Brasil.

MAPAS DE ACESSO

Com eles você vai encontrar facilmente o local do camping que deseja, assim que chegar à cidade.

E AINDA:

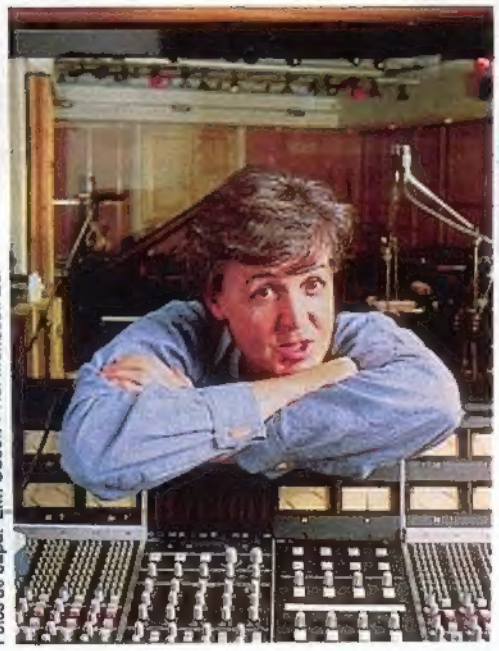
Dicas para acampar. Primeiros socorros. Calendário de Eventos. Índice de campings selvagens. A escolha do camping do ano. E tudo o que é necessário para você acampar melhor.



GUIA QUATRO RODAS CAMPING 90. PERFEITO PARA QUEM ESTÁ ACOSTUMADO A ACAMPAR. INDISPENSÁVEL PARA QUEM NUNCA ACAMPOU.

GUIA QUATRO RODAS 25

ÍNDICE



Fotos de capa: EMI-Odeon e Rui Mendes/Azul

Começem a ensaiar. Quero escutar duzentas mil pessoas cantando comigo. Esse vai ser o maior concerto de toda a minha vida, maior do que qualquer um do tempo dos Beatles." A declaração de **Paul McCartney** — feita em fevereiro, durante uma coletiva em Indianápolis (EUA) — reflete a ansiedade que cerca sua chegada ao Brasil. Por aqui, o sonho está apenas começando. Enquanto Macca se prepara para enfrentar o Maracanã, BIZZ oferece uma prévia do banquete com a cobertura do show de Londres por **Anamaria G. de Lemos** (pág. 50). Ainda nesta edição, a partir da pág. 16, **Ana Maria Bahiana** refaz sua trajetória, antes, durante e depois dos Beatles.

Uma forma velada e elegante de comemorar sua aposentadoria ou um sinal inequívoco de vitalidade? Quando **David Bowie** anunciou sua turnê *Sound And Vision*, os jornalistas do mundo inteiro fizeram essa pergunta. **Anamaria G. de Lemos** esteve entre eles. As respostas estão na pág. 34.

EMI-Odeon

Marcos Bonisson/Azul

Como baixista, ele acompanhou de Caetano Veloso a Tim Maia. Como compositor, escreveu canções que viraram hits em vozes alheias. À frente do **Hanoi Hanoi**, Arnaldo Brandão insiste em sobreviver à sua maneira e chega ao terceiro disco. Entrevista de **Lorena Calabria** (pág. 28)

4 SHOWBIZZ

14 PARADA

20 DeFALLA
por *Alex Antunes*

24 DAVE STEWART
por *José Augusto Lemos*

30 ARTHUR BAKER
por *José Emilio Rondeau*

32 PRIMITIVES
por *Anamaria G. de Lemos*

37 DANCE MUSIC
por *Camilo G. Rocha*

40 PHIL COLLINS
por *Celso Pucci*

42 JETHRO TULL
por *José Emilio Rondeau*

44 CONEXÃO BRASIL

46 AO VIVO
Lulu Santos, DeFalla, Golpe de Estado

53 DISCOS
Neil Young, Ice T, Boogie Down Productions

62 LETRAS
"Inner Self", Sepultura

64 CARTAS

66 DISCOTECA BÁSICA
The All-Time Greatest Hits, Roy Orbison

Ref
03127

Ref.
03145

Ref.
03129

Ref.
03138

Ref.
03142

Observando cada detalhe dos sapatos você entende o porquê da afirmação. Introduzido no Brasil pela ***Samello***, ***Bull-Dog*** é genuinamente inglês em design e manufatura, e feito em couro ultra macio com acabamento digno de toda reverência.

YES, SIR.

Por isso ***Bull-Dog*** vai além da imagem. Do sóbrio ao informal, em cada modelo os segredos da beleza e durabilidade: o talento dos artesãos e a utilização dos melhores componentes. Agora, experimentando os primeiros passos, você vai sentir que falamos o mesmo idioma: quem exige conforto e elegância, diz "sim" para ***Bull-Dog***. Produzido hoje, com tradição de estilo. Para muitos anos.

Solados de borracha com qualidade MSM

PARADA

LEITORES

1. *As Quatro Estações* (2)
   Legião Urbana
   EMI-Odeon
2. *Ô Blésq Blom* (1)
   Titãs
   WEA
3. *Alívio Imediato* (16)
   Engenheiros do Hawaii
   BMG-Ariola
4. *A Night To Remember* (17)
   Cyndi Lauper
   CBS
5. *Lies* (R)
   Guns N' Roses
   WEA
6. *Big Bang* (3)
   Paralamas do Sucesso
   EMI-Odeon
7. *Move To Move* (10)
   Kon Kan
   WEA
8. *Kid* (8)
   Kid Abelha
   WEA
9. *Forever Your Girl* (15)
   Paula Abdul
   EMI-Odeon
10. *The Innocents* (R)
    Erasure
    WEA
11. *Decade* (N)
    Duran Duran
    EMI-Odeon
12. *Information Society* (4)
    Information Society
    Stiletto
13. *Mega Hits 3* (N)
    Varios
    EMI-Odeon
14. *Steel Wheels (5)*
    Rolling Stones
    CBS
15. *Look Sharp* (R)
    Roxette
    EMI-Odeon
16. *A Panela Do Diabo* (R)
    Raul Seixas e Marcelo Nova
    WEA
17. *Disco* (N)
    Pet Shop Boys
    EMI-Odeon
18. *Brasil* (N)
    Ratos de Porão
    Eldorado
19. *In Brazil* (N)
    Bon Jovi
    PolyGram
20. *Circus* (N)
    Erasure
    WEA

Lojas consultadas: **Câmbio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Modern Sound (Rio de Janeiro), Ratos Afins e Musical Box (São Paulo)**

CONVENÇÕES:

(R) Indica retorno à Parada
(N) Indica novidade na Parada
( ) Indica a posição na Parada anterior

Leitor! Sua participação é importante para a Parada BIZZ. Escreva para "BIZZ — Parada do Leitor", Caixa Postal 60081, CEP 05069, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consulta-lo

LOJAS

1. *As Quatro Estações* (3)
   Legião Urbana
   EMI-Odeon
2. *Alive* (6)
   Oingo Boingo
   WEA
3. *Automatic* (N)
   Jesus & Mary Chain
   WEA
4. *Candleland* (N)
   Ian McCulloch
   WEA
5. *Chico Buarque* (2)
   Chico Buarque
   BMG-Ariola
6. *Rei Momo* (N)
   David Byrne
   WEA
7. *Hot In The Shade* (N)
   Kiss
   PolyGram
8. *Djavan* (4)
   Djavan
   CBS
9. *Lies* (R)
   Guns N' Roses
   WEA
10. *Pump* (N)
    Aerosmith
    WEA
11. *...But Seriously* (N)
    Phil Collins
    WEA
12. *Ó Blésq Blom* (1)
    Titãs
    WEA
13. *We Too Are One* (R)
    Eurythmics
    BMG-Ariola
14. *World Beat* (N)
    Kaoma
    CBS
15. *Rotting* (N)
    Sarcófago
    Cogumelo
16. *Brasil* (15)
    Ratos de Porão
    Eldorado
17. *Summer House Hits* (N)
    Varios
    PolyGram
18. *Amigos Invisiveis* (N)
    Edgard Scandurra
    WEA
19. *Black And White Night* (N)
    Roy Orbison and Friends
    Emi-Odeon
20. *Counterfeit E.P.* (N)
    Martin Gore
    WEA

LPs (EUA)

1. (5) *...But Seriously* — **Phil Collins** (Atlantic)
2. (1) *Girl You Know It's True* — **Milli Vanilli** (Arista)
3. (2) *Stormfront* — **Billy Joel** (Columbia)
4. (4) *Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)
5. (3) *Rhythm Nation 1814* — **Janet Jackson** (A&M)
6. (6) *Cosmic Thing* — **B 52's** (WEA)
7. (8) *Pump* — **Aerosmith** (Geffen)
8. (N) *Full Moon Fever* — **Tom Petty** (MCA)
9. (10) *Hangin' Tough* — **New Kids on the...** (Columbia)
10. (N) *Cry Like A Rainstorm,...* — **Linda Rondstadt** (Elektra)

LPs (GB)

1. (1) *...But Seriously* — **Phil Collins** (Virgin)
2. (N) *Colour* — **The Christians** (Island)
3. (N) *Hangin' Tough* — **New Kids on the Block** (CBS)
4. (4) *Enjoy Yourself* — **Kylie Minogue** (PWL)
5. (5) *Foreign Affair* — **Tina Turner** (Capitol)
6. (N) *Pure Soft Metal* — **Vários** (Stylus)
7. (6) *Affection* — **Lisa Stansfield** (Arista)
8. (N) *Reading, Writing And...* — **The Sundays** (Rough Trade)
9. (9) *Ten Good Reasons* — **Jason Donovan** (PWL)
10. (R) *Journeyman* — **Eric Clapton** (Duck)

LPs Independentes (GB)

1. (1) **The Stone Roses** (Silvertone)
2. (2) *Bummed* — **The Happy Mondays** (Factory)
3. (N) *Reading, Writing And...* — **The Sundays** (Rough Trade)
4. (6) *3 Feet High And Rising* — **De La Soul** (Big Life)
5. (3) *Snuff Said* — **Snuff** (Workers Playtime)
6. (N) *Doolittle* — **Pixies** (4 AD)
7. (7) *Enjoy Yourself* — **Kylie Minogue** (PWL)
8. (5) *Wild!* — **Erasure** (Mute)
9. (N) *A Gilded Eternity* — **Loop** (Situation Two)
10. (8) *Ten Good Reasons* — **Jason Donovan** (PWL)

Compactos (EUA)

1. (6) "Pump Up The Jam" — **Technotronic** (SBK)
2. (N) "How Am I Supposed To..." — **Michael Bolton** (Columbia)
3. (1) "Another Day In Paradise" — **Phil Collins** (Atlantic)
4. (N) "Everything" — **Jody Watley** (MCA)
5. (N) "Downtown Train" — **Rod Stewart** (Warner Bros.)
6. (N) "Just Between You And Me" — **Lou Gramm** (Atlantic)
7. (3) "Rhythm Nation" — **Janet Jackson** (A&M)
8. (N) "Free Fallin' " — **Tom Petty** (MCA)
9. (N) "Two To Make It Right" — **Seduction** (A&M)
10. (N) "Opposites Attract" — **Paula Abdul** (Virgin)

Compactos (GB)

1. (N) "Touch Me" — **The 49 ers** (4th & Broadway)
2. (N) "Tears On My Pillow" — **Kylie Minogue** (PWL)
3. (N) "Hangin' Tough" — **New Kids on the Block** (CBS)
4. (N) "Got To Have Your Love" — **Mantronix** (Capitol)
5. (N) "(You Make Me Feel)..." — **Jimmy Somerville** (London)
6. (N) "Going Back To My " — **FPI & Paolo Dini** (Rumour)
7. (N) "Could Have Told You So" — **Halo James** (Epic)
8. (N) "Nothing Compares 2 U" — **Sinéad O'Connor** (Ensign)
9. (1) "Get A Life" — **Soul II Soul** (10)
10. (N) "N-R-G" — **Adamski** (MCA)

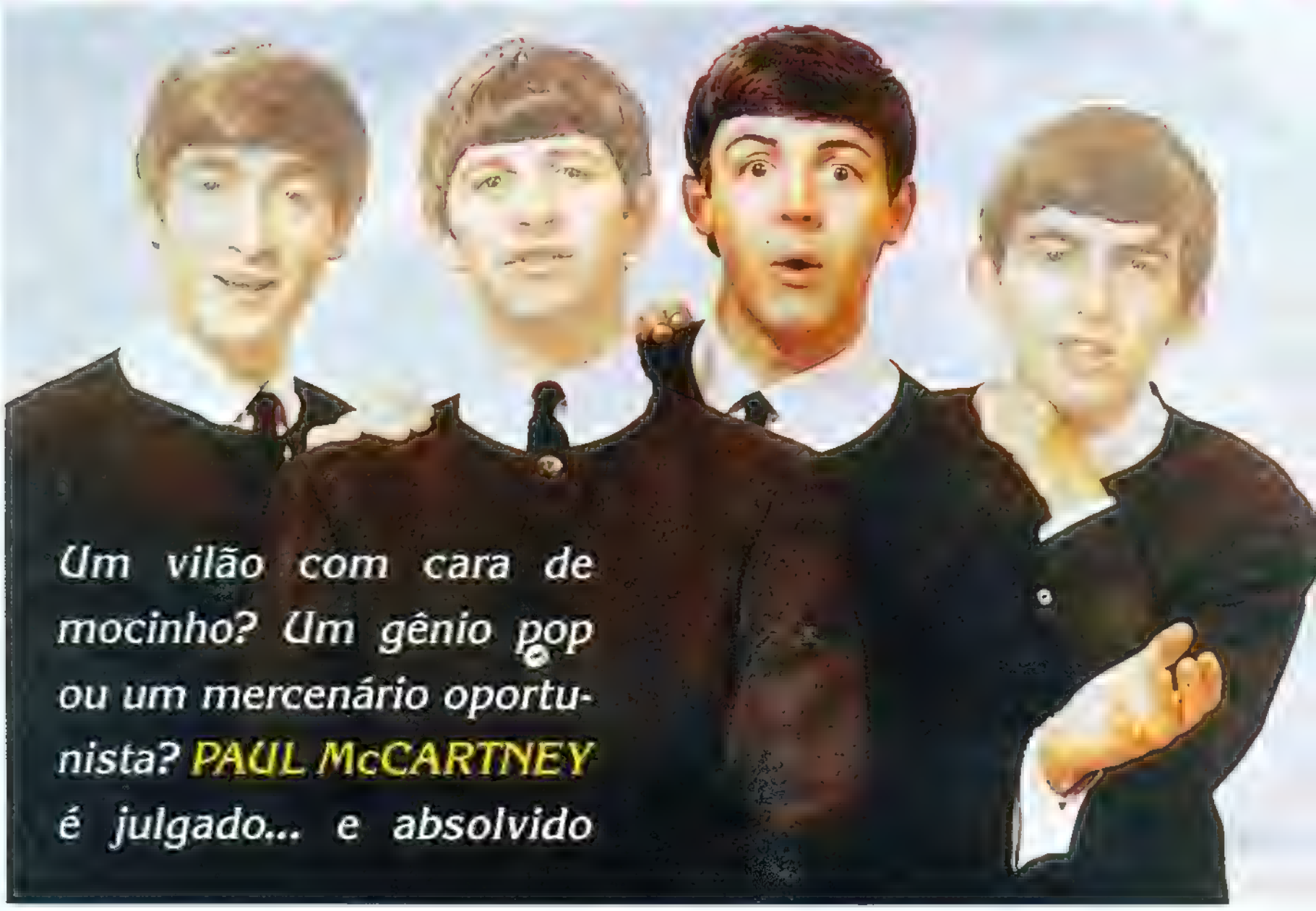
Compactos Independentes (GB)

1. (2) "Madchester Raves..." — **The Happy Mondays** (Factory)
2. (10) "Magic Number/Buddy" — **De La Soul** (Big Life)
3. (1) "Fools Gold" — **The Stone Roses** (Silvertone)
4. (5) "20 Seconds To Comply" — **Silver Bullet** (Tam Tam)
5. (N) "Sleep With Me (EP)" — **Birdland** (Lazy)
6. (3) "Getting Away With It" — **Electronic** (Factory)
7. (N) "Chelsea Girl (EP)" — **Ride** (Creation)
8. (N) "Going Back To..." — **FPI & Paolo Dini** (Rumour)
9. (N) "Tears On My Pillow" — **Kylie Minogue** (PWL)
10. (N) "W.F.L." — **The Happy Mondays** (Factory)

Fontes *Billboard* e *Cash Box* (EUA), *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB), de 27/01 a 3/02/90. Para a *Parada dos Leitores* foram consideradas as cartas recebidas até 8/02/90.

Woodstock
the rock shop
VIDEOS CAMISETAS REVISTAS POSTERS IMPORTADOS NACIONAIS
COMPACT DISCS
LED ZEPPELIN
THE CLASH
JOHN MAYALL
U2
BAUHAUS
THE BEATLES
MUDDY WATERS
PINK FLOYD
YNGWIE MALMSTEEN'S
METALLICA
AC/DC
DAVID BOWIE
ROLLING STONES
THE MISSION U.K
JOHNNY WINTER
DEEP PURPLE
JOE SATRIANI
RUSH
YARDBIRDS
UFO
THE WHO
BUDGIE
IRON MAIDEN
LED ZEPPELIN
ATENDEMOS TODO O BRASIL E ACEITAMOS ENCOMENDA DE QUALQUER DISCO.
R. Dr. Falcão, 157 - 161 Cep. 01007 Fone: (011) 35397
Metrô Anhangabaú Centro SP

RETRATO FALADO



Um vilão com cara de mocinho? Um gênio pop ou um mercenário oportunista? **PAUL McCARTNEY** *é julgado... e absolvido*

JAMES PAUL (1942-56)

É preciso sempre lembrar que no início não havia nada. Havia Elvis, mas Elvis era uma figura distante como um deus, uma criatura de um outro planeta, o sul dos Estados Unidos. E, quando o menino James Paul McCartney se refugiava do mundo cinza e sufocante da Liverpool do pós-guerra, o que ele ouvia, pelos fones e o rádio de ondas curtas engendrados por seu pai, era uma mistura de jazz, música de cabaré, canções sentimentais, o eventual blues estilizado.

É preciso lembrar do que se tratava, aqui: um mundo ainda à espera de ser inventado, desconstruído, imaginado. Lá fora as possibilidades eram o trabalho duro, o salário miúdo e o tédio. Não havia clubes de dança, não havia turnês pelos estádios, não havia rádios tocando hits juvenis, não havia hits juvenis, não havia bandas de rock.

Aqui dentro deste prédio pardo, igualzinho a centenas de outros dos conjuntos habitacionais de Liverpool, uma família de classe média baixa empobrecida pela guerra, dois meninos órfãos criados por um pai solitário e introspectivo, que havia largado a escola no ginásio e tinha o sonho de mandar os dois moleques para a universidade — até a morte prematura de sua mulher, deixando-o não apenas sozinho, mas sem dois terços da renda familiar (que ela trazia para casa como enfermeira/parteira que era).

James Paul, o mais velho, punha os fones nos ouvidos e sonhava. Terá sido assim? Uma noite, uma transmissão perdida da *Voz da América*, alguma estação dos subúrbios de Londres, e a voz de Little Richard murmurou estranhas possibilidades nos ouvidos do moleque. Depois Elvis, e Chuck Berry, e as versões nativas — Lonnie Donnegan, uma batida esquisita chamada skiffle, rústica, pulsante, boa de dançar. O mundo se abria, acordava.

Terá sido assim? Uma bela tarde de domingo, uma festa na igreja do bairro, e uma bandinha de moleques fazendo barulho sobre um tablado de madeira. O mais velho deles tinha um topete ruivo, uma camisa xadrez e uma cara de mau. James Paul queria impressioná-lo — era a primeira vez que ele via outro garoto da sua idade não apenas gostando, mas tocando a mesma música que aguçava seus ouvidos. "Eu sei cantar igual a Little Richard", ele disse. O

outro duvidou. E ele provou que era verdade. O outro menino se chamava John Winston Lennon. James Paul saiu da festa da igreja com seu primeiro emprego: integrante da promissora banda John & The Quarrymen.

PAULIE, O BEATLE BONITINHO (1957-65)

Discografia: *Please Please Me* (63), *With The Beatles* (63), *Meet The Beatles* (64), *A Hard Day's Night* (64), *Help* (65).

É sempre bom lembrar o que aconteceu a seguir, porque, em geral, partimos do pressuposto de que tudo aquilo sempre esteve lá, como um grande sonho coletivo das muitas gerações que vieram depois. Os Quarrymen se metamorfosearam muitas vezes, adotaram os penteados e o visual dos primeiros rebeldes ingleses, os estudantes das escolas de arte, treinaram seu poder de fogo nas biroscas do cais de Hamburgo e voltaram triunfantes à terra natal com o nome "The Beatles".

Descobertos pelo jovem dono de uma cadeia de discos — Brian Epstein —, eles literalmente puseram abaixo as portas da emperrada indústria fonográfica inglesa, que até então não via futuro para "conjuntos de guitarra". Instigados pelo também jovem produtor que, em desespero de causa, havia sido destacado para "dar um jeito" nos moleques de Liverpool — George Martin —, John e Paul mostraram o baú de composições que, esses anos todos, haviam engendrado à sombra das vozes longínquas trazidas pelo rádio: uma refrescante leitura da batida rock'n'roll, ainda vigorosa mas de certa forma educada, inglesa.

Com Epstein cuidando de pentear-lhes os cabelos e enfatizar a deliciosa mistura de ingenuidade e lascívia que seus rostos e sua música sugeriam, os Beatles simplesmente navegaram sem dificuldade a onda de possibilidades que jorravam de uma Inglaterra igualzinha a eles: jovem, inquieta, entediada, aflita para espantar as lembranças da guerra e deixar um novo mundo, um novo tempo, começar.

O papel público de Paul nessa etapa da odisséia Beatle era o de ser adorável e delicioso, o namorado que todas queriam ter e todos queriam ser, o contraponto ao sarcasmo e ao rosto angular de John. Ele não tinha dificuldade alguma com esse papel. Enquanto as meninas gritavam, contudo, Paul aprendia: com George Martin, a controlar os demônios desse novo *medium*, o estúdio, e a fazer suas canções soarem exatamente como elas deveriam; com Brian Epstein, a administrar uma carreira e uma fortuna com que ele jamais havia sonhado em nenhuma de suas longas noites no quarto cinzento de Liverpool.

O WALRUS ERA PAUL (1966-70)

Discografia: *Rubber Soul* (66), *Revolver* (66), *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band* (66), *Magical Mystery Tour* (67), *Yellow Submarine* (68), *The Beatles* (68), *Abbey Road* (69), *Let It Be* (70), *McCartney* (70).

O papel de Paul McCartney na construção e desconstrução dos Beatles tem a clareza de uma boa fotografia preto-e-branco e, como ela, está aberto a todas as reflexões e dúvidas de quem a olha. Dentro dos Beatles, Paul era o baixo fluido, a voz cristalina,

EMI-Odeon

Paul nos 80. Ao lado, uma farda para promover *Pipes Of Peace*. Abaixo, um flash do espetáculo que desembarca este mês no Rio: a turnê *Flowers In The Dirt*

Nick Elgar/LFI

Anos 60

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Os Beatles e sua *entourage* cara a cara com o guru Maharishi

EMI-Odeon

as canções mais doces, o condutor da eletricidade de John e o anteparo de sua abrasividade. Ele era o que via os Beatles mais como uma surpresa que uma aventura, mais como uma carreira que um sonho tornado realidade, ele era o organizador — a idéia da Apple foi sua, as providências para substituir Brian Epstein foram suas. Quando, na metade final dos anos 60, os Beatles conseguiram enfim depor sua imagem como ídolos juvenis e permitir-se o que todo mundo já tentava — a experimentação e a loucura —, Paul começou, silenciosamente, a acumular o poder deixado pelo vácuo da morte de Epstein, o desbunde de John e as peregrinações de George. Paul tinha uma visão: em muito pouco tempo, toda a alegre festa ininterrupta em que a recém-nascida "cena rock" tinha se tornado, se transformaria num modo de vida e numa inesgotável fonte de renda.

Paul estava, evidentemente, certo. Mas sua visão pragmática estava adiante de seu tempo e em conflito com a mistura de cansaço e irritação de seus companheiros, que preferiam deixar a festa como estava. Quando, em 69, John importa para o grupo sua versão pessoal do papel de Paul — Yoko Ono —, a crise torna-se inevitável. De agente de construção, Paul vê-se compelido a um derradeiro papel: gatilho do inevitável, a dissolução dos Beatles. Seu primeiro álbum individual, criado e gravado à sombra

do penoso processo legal contra seus ex-companheiros, é um relato acurado e muitas vezes brilhante não apenas da recente paixão de Paul por Linda Eastman, mas também de suas contradições mais profundas — o sentimental que gosta de poder e dinheiro, o organizador compelido a destruir, a celebridade que gostaria de viver à margem da fama mas que não pode prescindir dela.

VÊNUS E MARTE (1971-79)

Discografia: *Ram* (71), *Wild Life* (71), *Red Rose Speedway* (73), *Band On The Run* (74), *Venus And Mars* (75), *Wings At The Speed Of Sound* (76), *Wings Over America* (76), *London Town* (78), *Back To The Egg* (79).

A visão de Paul confirmou-se em todo o seu esplendor: nos anos 70, a pequena, heróica, atrevida aventura nascida nos conjuntos habitacionais de Liverpool tornou-se uma das mais estimadas *comodities* do mundo ocidental, um manancial de renda, uma comucópia de possibilidades de *business*. Discos-turnês-estádios-filmes-fãs-clubes-camisetas — o mundo era rico, gordo, complacente, esperando para ser entretido, desfrutado.

Paul podia voltar ao seu papel de organizador, e ter, enfim, o controle total sobre meio e mensagem. É possível ver a trajetória de Paul, sua cara-metade Linda, e o agrupamento descartável de músicos intitulado Wings como um contraponto quase exato da carreira de John, Yoko e a Plastic Ono Band: Paul seguindo seu faro e reciclando seu talento como melodista de pop songs impecáveis, John mergulhando de cabeça na vida e nas experiências que os anos Beatles lhe roubaram. Linda, a silenciosa contratação da antiga parceria com John; Yoko, a ruidosa versão da mesma coisa. Vênus e Marte, de ângulos diferentes.

Mas esse é apenas um lado da história. Com uma abundância de discos desiguais, culminando em *Band On The Run*, a mais perfeita tradução de McCartney nos anos 70 — uma atividade incessante de turnês —, Paul estava simplesmente navegando sua própria visão, mais uma vez.

PAUL (1980-90)

Discografia: *McCartney 2* (80), *Tug Of War* (82), *Pipes Of Peace* (83), *Give My Regards To Broad Street* (84), *Press To Play* (86), *Flowers In The Dirt* (89).

"Eu sempre senti falta de parceiro", Paul escreveu num dos textos do programa da turnê *Flowers In The Dirt*. "A maioria das vezes, só para ter uma pessoa para me dizer que tudo estava ótimo. É importante ter essa segunda conferida."

Na busca de um parceiro que dissesse, basicamente, sim, Paul McCartney gastou a maior parte dos últimos anos 70 e primeiros 80. Linda, aparentemente, não contava (a não ser para tirar fotos, cozinhar quiches vegetarianas e tocar pandeiro nos shows), por isso Paul tentou Stevie Wonder ("Ebony And Ivory"), Michael Jackson ("Say Say Say"), Eric Stewart do 10cc (em *Press To Play*), Elvis Costello (em *Flowers In The Dirt*). Entre uma tentativa e outra, Paul retomou seu *approach* de ermitão, fazendo tudo em *McCartney 2*. Tentou novamente o cinema, com *Broad Street* (tão fracassado quanto suas duas investidas anteriores, *Magical Mystery Tour* e *Let It Be*, que acabaram tornando-se importantes pelos motivos errados) e, no geral, tirou seu time de campo. Com John morto — "Tug Of War" é uma flecha surpreendentemente doce e sincera ao ex-parceiro caído na frente de batalha da idolatria —, o Wings debandado, Michael Jackson comprando o catálogo de canções dos Beatles, os 40 anos avançando e suas filhas ouvindo Sex Pistols e namorando Billy Idol, Paul via fechar-se o maior círculo da grande espiral de sua vida.

Que papel lhe caberia no encerramento do século que ele marcará tão inexoravelmente? O de revisor, talvez.

Politicamente mais correto — adotando uma atitude combativa na defesa do meio ambiente e do vegetarianismo, participando dos projetos militantes de Bob Geldof —, Paul virtualmente reemergiu de uma reclusão confusa na penúltima hora dos anos 80, para anunciar que voltaria à estrada sem medo de não inovar nada, apenas para repensar os emocionantes capítulos anteriores dessa enorme jornada comum entre o moleque de Liverpool e duas ou três gerações definitivamente transformadas por ele.

ANA MARIA BAHIANA

Anos 70
A busca do parceiro perdido.
Paul no estúdio com Denny Laine

Photofest/Retna

TRINCHEIRA DO BARULHO

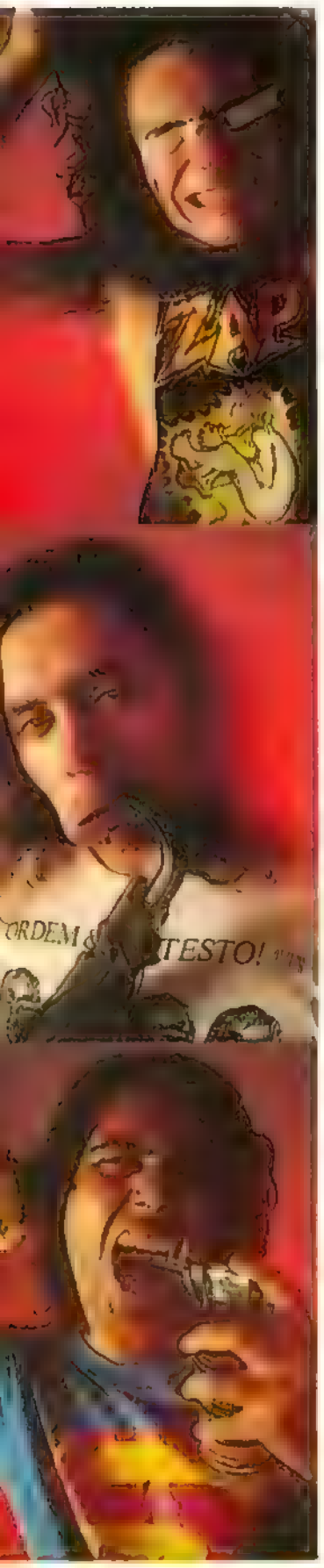
Tudo é novo no front DeFALLA, menos a nota zero em comportamento

Sexo, drogas e provocação. A última banda brasileira na verdadeira tradição do rock'n'roll? Pode ser, e pode ser bom: é exemplar a trajetória do DeFalla, que sai de uma grande gravadora e, de volta ao circuito independente, nem se abala — grava ao vivo um petardo, aquele que considera seu melhor disco: *Screw You*.

Também pode ser um pé no saco, se você é o produtor que espera conseguir um mínimo de unidade e qualidade em uma coletânea envolvendo nada menos que catorze bandas, como foi o caso de *Sanguinho Novo*, o tributo a Arnaldo Baptista. O produtor era eu, e fui eu quem expurgou a participação do De Falla do LP, uma versão porca e pornô para "Vou Me Afundar Na Lingerie": um clássico arnaldiano vilipendiado. Por isso fui meio ressabiado entrevistá-los — tinha medo de ser recebido com um banho de cerveja ou qualquer um desses barbarismos com que os gaúchos epígonos do Led Zeppelin parecem se divertir. Felizmente o DeFalla, indiferente a gravadoras, produtores, casas noturnas, mídia ou o que quer que atravesse seu caminho — inclusive a baterista Biba Meira, limada da atual formação —, parece ser impermeável ao mau humor.

O tema abordado foi justamente um desses enfrentamentos: a saída do DeFalla da BMG, pela qual [illegible] selo Plug, seus [illegible]

"Nenhuma das gráficas que imprimem capas queria aceitar o serviço" (Edu K)



"A imprensa, inclusive a BIZZ", esclarece Edu K, "disse que fomos chutados. O que a gravadora disse foi: vocês podem fazer o terceiro LP, só que a gente não vai dar verba especial, não vai divulgar, não vai fazer porra nenhuma... Quer dizer, eles nunca fizeram nada disso mesmo, mas dessa vez a coisa ficou explícita. De que adiantava gravar o disco assim?"

O contato com a independente Devil Discos aconteceu quase por acaso. Quem estava interessado em produzir um *bootleg*, um pirata "oficial" do DeFalla, gravado em algum show, era o estúdio Big Bang, de São Paulo. Depois do rompimento com a BMG o processo se acelerou. O Big Bang se associou à Devil na produção, e em duas semanas (!) o disco já estava gravado, em duas noites de casa fechada no Dama Xoc, também em São Paulo.

"A gente está sempre caminhando de costas: começou na gravadora grande, foi para a pequena; fazia show em lugar grande, agora faz em lugar pequeno." É mesmo. O disco, gravado num espaço grande, acabou sendo lançado no minúsculo Retrô. Retrocesso? "Não, para nós acaba funcionando melhor desse jeito", diz Flávio. "Na BMG era uma vagabundagem. Do segundo disco a banda recebeu *quatro* cópias para fazer divulgação... Agora a gente tem o disco na mão, pode vender pelo reembolso. Bota aí na matéria o endereço da Devil...: (*R. 24 de Maio, 62 - lojas 343/345 - São Paulo, CEP 01041, fone: 221-2142*). Agora vamos começar de novo, e a coisa pode até ficar grande."

Sem dúvida uma trajetória esdrúxula, somada às freqüentes mudanças no som da banda, que já foi gótica, já fez hip hop para depois reaproximar-se do hard rock — e no próprio show de lançamento do disco já estava mostrando outra coisa. Pareceria oportunismo se a banda não escolhesse justamente os estilos mais *hip*, mais na crista da onda, para abandoná-los justamente quando eles começam a ter aceitação comercial... Flávio: "Sei lá, são mudanças naturais. Cada vez a gente vai tocando mais pesado, vai ficando mais vagabundo, vai perdendo instrumento. Depois da gravação do disco no Dama Xoc deu uma confusão, os convidados subiram no palco... No dia seguinte fomos buscar os instrumentos e o programador do Dama disse que o meu baixo ficava como garantia, até que tivéssemos pago os oito microfones que tinham sido quebrados. Só agora é que eu voltei lá com 150 dólares e consegui o baixo de volta; até outro dia, estava sem instrumento. E o cara ainda disse: vocês não tocam mais no Dama Xoc e, se eu puder impedir, não tocam mais em São Paulo... A gente se queima com muita gente, até nós mesmos nos queimamos..."

"Bagaceiro" é o termo que, em gauchês contemporâneo, descreve essa conduta, digamos, desprendida... Mas e o som — o DeFalla então terá feito sempre a mesma coisa? "Não!", berram todos, "nunca". "Nunca a mesma coisa, mas sempre do mesmo jeito", explica Edu. "No segundo disco largaram as máquinas na nossa mão", diz Flávio, se referindo à barragem de samplers que a banda usou, "e saiu daquele jeito". Edu: "E no som atual não tinha a ver usar as máquinas. Para as gravações do disco chamamos o Marcelo Truda, um herói da guitarra, um cara lendário em Porto Alegre, para fazer um som mais hard rock. Agora, você viu no show de lançamento (ver *Ao Vivo*) sem o Truda, está uma mistura de hard com *noise*, ainda mais pesado. E a maioria das músicas era nova, ensaiamos duas vezes. O Chicão (*proprietário da Devil*) ficou apavorado".

A primeira constatação é que, por uma grande gravadora, *Screw You* teria sido diferente. Talvez não com esse som; certamente não com essa capa... Uma colagem de fotos pornográficas, com momentos escolhidos de alta sacanagem, e uma ou outra figurinha dissimulada no meio, como Zé Carioca e Humberto Gessinger. "Eu fiz a colagem, que é uma ilustração das letras", diz Edu, "e o Jaca, um desenhista que trabalha na *Zero Hora* de Porto Alegre, que também publica quadrinhos na *Animal*, fez a caricatura da banda no envelope externo, como o daquelas revistas pornô que vêm lacradas, com uma sobrecapa. Nenhuma gráfica dessas que imprimem capas queria aceitar o serviço, com medo de um processo. Aí a gente mandou para uma gráfica que faz revistas de putaria, o lugar certo..." Miranda, produtor do disco e amigo da banda, ressalta as virtudes da colagem: "Essa capa pornô vale mais do que uma revista americana, que rende uma punhetinha. A capa rende um punhetão, e você ainda leva o disco..."

Mas mesmo em aspectos mais inocentes da sua produção, como o som, o DeFalla já havia enfrentado problemas com a BMG. Lembro de uma remixagem não-autorizada em "Quem Não Tem Colírio Usa Óculos Escuros". Edu: "Nosso produtor, o Barriga, tinha de trabalhar escondido com a gente. Só mostrava o disco para a gravadora quando estava pronto, aí os caras esperneavam, choravam, mas não dava mais para mexer..." Mas aquela vez mexeram... "Mexeram nada, saiu certo. Eles queriam tirar os vocais sampleados, que não eram do Raul Seixas, mas dos Golden Boys. O Barriga foi driblando. Aí ele disse que tinha contratado umas meninas para refazer os backing vocals, e não mexeu em nada! Nós é que enganamos os caras."

E as mudanças de formação, com a saída da Biba, Castor passando da guitarra para a bateria? "Ela não gostava do som tão pesado, mas a saída teve mais a ver com a gandaia, com o caráter da banda. Antes a Biba era bem doidinha, depois ficou bem bunda, e agora está bunda total. Casou com um cara que tem complexo de Jeca Tatu..."

O DeFalla se identifica com o rock gaúcho? "Só com os Engenheiros..." (*gargalhadas*) "Esses caras são inacreditáveis! Aquela coisa de cantar a musiquinha do Lula e do Brizola no Hollywood Rock! Querem agradar todos os lados... Mas no Sul também tem gente como o pessoal do GBRA, que abriu para a gente no show do Retrô, tem o Atahualpa", lembra Edu, "tinha os Cascavelettes, que eram uma paulada, mas agora se venderam para a gravadora". "Mas ainda tem o Graforréia Xilarmônica, do Frank George, que saiu dos Cascavelettes", lembra Flávio. "Père Lachaise também é legal, tipo Velvet". Edu: "E em São Paulo tem os Ratos de Porão, e as Volkanas (*olhando para a vocalista Marielle, sua namorada*)... E o Sepultura, que tem um puta valor porque abriu as portas do exterior..." Flávio: "O problema do rock nacional é que tudo funciona a partir do rádio, da Xuxa, da novela. Não dá. O Sepultura mostrou um caminho".

E o problema com *Sanguinho Novo*? Edu: "Um senhor, um produtor respeitável, o Alex Antunes, achou que estávamos desrespeitando a memória do Arnaldo... (*risos*) Mas aquela letra original de 'Vou Me Afundar Na Lingerie' eu não conseguiria cantar. É muito pesada..." Pesada? E um verso como "my dick find a home in your mouth", da versão de vocês, é o quê?! "Não, não é pesada desse jeito. Tem que ter a cabeça do Arnaldo para cantar uns troços como os que ele canta. Eu não consigo. Aí fiz minha tradução obscena..." Só que não entrou no disco... "É melhor fazer assim do que fazer como o Naporano, do Maria Angélica, que foi puxar o saco do Arnaldo e se deu mal — o Arnaldo saiu do palco no meio de um show com o Maria Angélica..."

INSTRUMENTOS & ACESSÓRIOS

O SILÊNCIO NO SOM

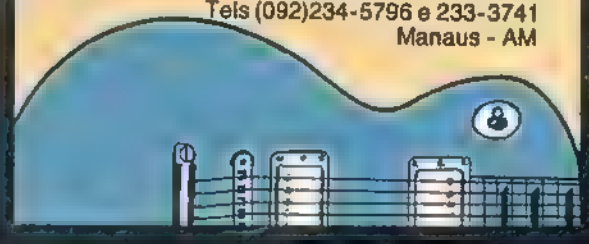
Rua Maria Candida Pereira, 331
Guarulhos - 07040 - SP
Tel.: (011)940.4155 - Telex 11 65221

INSTRUMENTOS MUSICAIS
IMPORTADOS DAS MAIS
FAMOSAS MARCAS

Fender · Gibson USA · REMO · ART · Ovation

Violões, Guitarras, Pedais de Efeitos, Baterias, Pratos, Contra-baixos, Peles, Encordoamento, etc.

INTERCONTINENTAL IMP. E EXP.
Av. 7 de Setembro, 1251 - Sobre Loja nº 7 Centro
Tels (092)234-5796 e 233-3741
Manaus - AM



GANHE 3 MESES DE AULAS GRÁTIS, COMPRANDO SEU INSTRUMENTO NA LOJA DO GRUPO AMA.

OBS. COMPRAS ACIMA DE NCz$ 4.000,00

GRUPO ama

ESCOLA DE MÚSICA E ARTE

LOJA ESPECIALIZADA PARA MÚSICOS DE ROCK

GRUPO AMA EM PROMOÇÃO ESPECIAL PARA OS ROQUEIROS DO BRASIL.
CHEGOU NO GRUPO AMA, GANHOU UMA AULA GRÁTIS DOS NOSSOS CURSOS TÃO BADALADOS:

VIOLÃO	SAXOFONE
GUITARRA	BATERIA
BAIXO	CANTO
PIANO	TECLADO
	ÓRGÃO

R. Gabriel dos Santos, 103
Tel.: 67-4879 - CEP 01231
Santa Cecília - São Paulo - SP
Próximo a estação do metrô
Marechal Deodoro
(NÃO TEMOS FILIAIS)

PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM

instrumentos importados e nacionais

instrumentos sob encomenda

orientação especializada

máquinas e mesas para gravação

KORG · OTARI · Fostex · TASCAM · Tagima · Ibanez · TAMA · METEORO · aDWorks · Oliver · RANE · Pearl · YAMAHA

GANG
INSTRUMENTOS MUSICAIS

Rua Teodoro Sampaio, 826
Pinheiros CEP 05406 São Paulo SP
Tels.: (011) 883-1673 e 881-7619

HOMEM DE BEM

Pai de família e músico talentoso, o Eurythmics DAVE STEWART passa mal com o estado de coisas

Sentado numa mesinha do restaurante do hotel, protegido por óculos escuros, nunca olhando para os lados, falando lento e arrastado, Dave Stewart parece morto de tédio. Não está. É um homem de sorte, *muita* sorte, ele admite. Tem tudo para ser feliz, uma boa fatia desse "tudo" sendo uma obesa conta bancária e a companhia constante de belíssimas mulheres (não necessariamente nesta ordem). Elas são sua parceira na eurritmia, Annie Lennox, e sua esposa, Siobhan (ex-Bananarama, atual Shakespeare's Sister).

Dave Stewart está mesmo chumbado (a) pelo longo vôo Los Angeles—São Paulo do dia anterior (b) pela longa entrevista coletiva realizada alguns minutos antes, na qual teve de encarar perguntas do tipo "o que é mais fácil para um casal: permanecer junto como amantes ou como parceiros musicais?" (A resposta: "É óbvio que como parceiros musicais. Há muito tempo não somos um casal".)

O único disco dos Eurythmics não lançado no Brasil — seu primeiro LP, *In The Garden* (81) — talvez seja o capítulo mais interessante na história da banda. Por uma única e simples razão: foi gravado na Alemanha, produzido pela Grande Eminência Parda do rock alemão dos anos 70, Conny Plank, com participações hiper-extra-super-especiais, como o aloprado tecnotrônico Holger Czukay e Markus Stockhausen, trompetista *extraordinaire* e filho de *Herr* Karl-Heinz. Um estrondoso fracasso comercial que eu gostaria muito de poder, um dia, ouvir.

Dave, vamos começar pelo começo...

"Isso foi há muito, muito tempo..."

Como você conheceu Conny Plank?

"Antes dos Eurythmics, Annie e eu tínhamos essa banda chamada Tourists, junto com um cara chamado Pete Coombes. Morávamos os três num *squat* (espécie de "república" improvisada em prédios e casas abandonados) num estado de miséria absoluta. Sem gás nem água corrente... há muita gente vivendo assim em Londres, acredite. Não dá para conseguir nenhum tipo de benefício da assistência social porque, se você não paga aluguel, não tem um endereço e burocraticamente não existe. Ficávamos o dia inteiro tocando e compondo, movidos a drogas — as mais baratas, anfetamina e cafeína — porque não tínhamos dinheiro para comer e elas nos mantinham em pé. Chegávamos a compor até dez músicas por dia nesse estado. Havia um cara chamado Creepy John Thomas, que morava bem na esquina e conhecia Conny Plank. Conny gostava muito dele, enchia o cara de horas de estúdio grátis. Creepy John nos convidava para tocar com ele e assim ficamos conhecendo Conny. Passamos a nos encontrar todos os dias. Fizemos o primeiro disco dos Tourists e o primeiro dos Eurythmics com ele. Holger Czukay participou de nossa primeira apresentação na TV. Os Eurythmics no começo eram um grupo de vanguarda."

"Mesmo em *Sweet Dreams* há um certo clima de *workshop* experimental — vivíamos uma situação parecida, miniaturizada, da Factory de Andy Warhol. Mas aí *Sweet Dreams* fez tanto sucesso... Eu não imaginava que pudesse acontecer — uma gravação caseira, em oito canais! Em uma semana, éramos pop stars!"

Quem viu os Eurythmics no Hollywood Rock ficou com pena de Terence "Nem Peixe Nem Prince" D'Arby. Afinal, a escocesa branquela e sua banda, que o antecederam no palco, tinham muito mais *soul* que ele. Do rhythm'n'blues aerodinâmico, estilizado à moda européia, ao rockão stoniano, ao pop eletrônico, Annie e Dave cobrem um vasto território.

"Nossa intenção é sempre chegar ao coração de cada estilo. 'Would I Lie To You', por exemplo, soa como um típico esporro *à la* Stax. E quando fazemos algo eletrônico, é eletrônico para valer. Se há uma coisa que não suporto é um sintetizador fazendo timbre de violino... ou trompete. Quando queremos isso, chamamos uma orquestra!"

"Eu tive muita sorte de ter um irmão, quatro anos mais velho, com um gosto excelente em música e cinema. Por causa dele, aos onze, doze anos de idade eu estava ouvindo Robert Johnson, Bob Dylan, Sleepy John Estes, o pessoal da Stax. Minha mãe era apaixonada por literatura, lia Walt Whitman para mim. Devo muito a essa educação que tive em casa, ao contrário do que acontecia na escola. Em relação à música eletrônica, aprendi tudo com Conny Plank, em vez do Spandau Ballet... Você pode rir, mas isso aconteceu com muita gente na Inglaterra!"

"Continuei aprendendo muito com as pessoas com quem trabalhei depois, como Sam, do Sam & Dave (*dupla da Stax, responsável por clássicos como "Soul Man" e "Hold On, I'm Coming". Há uma cover deles — "Wrap It Up" — em* Sweet Dreams)... Aretha Franklin, Bob Dylan, assisti Mick Jagger fazendo suas letras, acabo de passar duas semanas com George Harrison, ele me contando detalhadamente as gravações do 'álbum branco'. É... tive muita, muita sorte. Já a Annie me complementa perfeitamente, pois tem formação clássica, estudou três anos na Royal Academy of Music, toca flauta e piano, lê e escreve arranjos orquestrais. Juntos, cobrimos todo o campo musical possível, eu acredito."

Agora há pouco, na entrevista coletiva, você desceu a lenha em Stock, Aitken & Waterman e, em outro momento, declarou uma paixão pela Motown. São duas linhas de montagem para a fabricação em série de hits...

"Há uma grande diferença... Obviamente, Stock, Aitken & Waterman se consideram a 'nova Motown', mas... você já encontrou algum artista da Motown?"

Fiz uma entrevista com Mary Wilson.

"Pois bem... Eles eram realmente talentosos. Estavam a serviço de uma linha de montagem, mas é diferente pegar uma atriz de telenovela, como Kylie Minogue, e vendê-la como cantora. Embora eu entenda essa atitude que a Motown também tinha, 'vamos faturar o máximo de dinheiro possível em cima do maior número de pessoas possível', havia *soul* ali. Stock, Aitken & Waterman estudaram o compasso do coração humano e programam o ritmo assim, roubam melodias da música popular italiana porque sabem que pegam, fazem as rimas mais hediondas. Sei tudo sobre o método de trabalho deles porque minha mulher estava no Bananarama, quando eles começaram a produzi-las e chegava em casa dizendo 'não agüento mais', me contando tudo. O Bananarama era uma outra coisa — pop, mas inteligente, três garotas cantando letras diferentes do 'eu não posso viver sem você' — até eles porem a mão. Tudo

"No começo, éramos um grupo de vanguarda. Viramos stars em uma semana"

bem, entendo que esse tipo de música faz as pessoas dançarem e esquecerem seus problemas, mas existe um outro universo musical paralelo, que é o que me interessa. Bob Marley e John Lennon — não é à toa que ambos foram baleados — faziam música pop em que havia uma verdade, isso me fazia sentir seguro. Me sinto assim quando estou cercado por verdades, e fico inseguro quando estou cercado por mentiras..." (Enquanto traça dois ovos estrelados, algumas torradas com quase meio quilo de manteiga cada e um bule de chá, ele divaga sobre o pobre estado atual da música pop e da humanidade em geral. Aparentemente, não é preciso mais que três perguntas para entrevistar Dave Stewart.)

Eric de Haas/Azul

"...Esse pop mediocre, os Huey Lewis e Rick Astleys da vida parecem estar todos cantando a mesma canção, que tem uma letra assim (*Dave canta*) 'Me dê dinheiróo...' que eu compro um carro novóo... me dê dinheiró-ô-ô...' Enquanto isso, os sintetizadores no acompanhamento parecem dizer: 'Deus queira que essa meleca seja um hit'. Felizmente existe gente como o Public Enemy e Ice T, os Sex Pistols dos dias de hoje, mas são meio ingênuos em suas declarações. Aaah! E os Stones Roses!! Você já ouviu?"

Não. São tão bons assim?

"Hmmm... são. Não é de arrepiar, como se você estivesse ouvindo Rolling Stones pela primeira vez, mas são ótimos, estão mantendo viva essa tradição. Que nem uma banda de Liverpool que eu contratei para o meu selo, chama-se Pleasure... Sim, montei um selo, já tenho umas seis, sete bandas. Ganho tanto dinheiro com os Eurythmics, vou fazer o quê? Colecionar Lamborghinis?"

Enquanto contrata bandas principiantes, excursiona com os Eurythmics e produz discos alheios, o rapaz — nas horas vagas — prepara seu álbum solo, provisoriamente intitulado *Useful Abuse*. Não é de admirar que o próprio seja o vocalista.

"Hmmm... Eu *consigo* cantar, num estilo meio Lou Reed, meio Leonard Cohen..."

(*Eu também!*)

"...Mas o que eu estava dizendo é que Bob Marley e John Lennon conseguiram fazer uma música de sucesso no mundo inteiro, mas que preservava uma..."

Dave, você não tem a impressão de que o pop já perdeu toda sua importância como comentário social, apesar de continuar importante como entertainment?

"O que eu ainda não disse é que Margaret Thatcher está cortando o dinheiro das creches! Mas talvez você tenha razão. Quando a indústria percebeu todo o lucro potencial que havia no rock, ele acabou, morreu. O punk foi uma tentativa — extremada, mas tinha de ser — de recuperá-lo das garras das grandes corporações da indústria fonográfica. Os artistas sempre foram comprados pelos reis, pelo menos houve algum avanço histórico. Annie e eu não compactuamos com esse comércio... Imagine, seria como você..."

(*Eu?!?*)

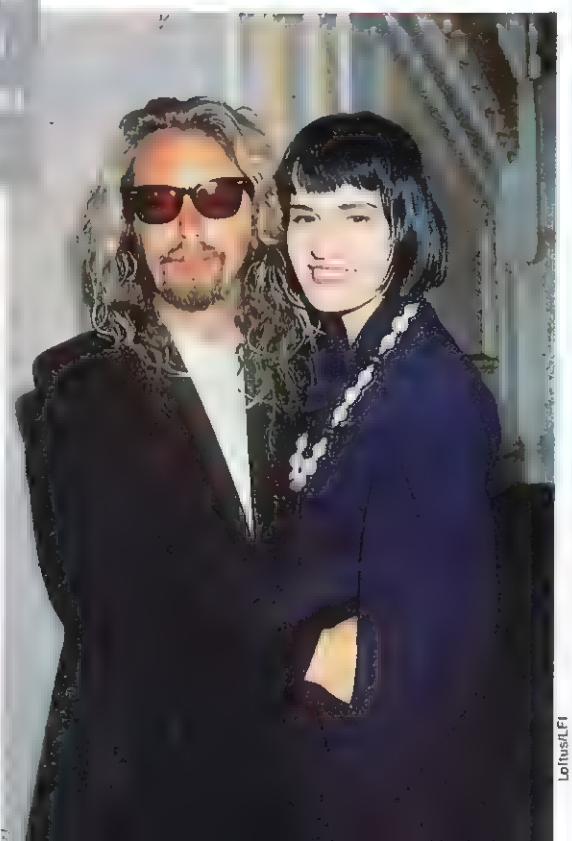
"...se ficasse escrevendo textos para sair no verso de um pacote de sucrilhos, dizendo: 'Comendo este produto, você se transformará num Super-Homem!'..."

Obrigado, Dave. Já tenho o suficiente para uma matéria de dez páginas. Foi um prazer conhecê-lo.

"Você vai ao nosso show amanhã?"

Vou.

(Eu fui. E não me arrependi.)


Lofhus/LFI

Stamp

CAMISETAS - BLUSÕES - JAQUETAS

100% ALGODÃO MALHA MERCERIZADA TAMANHOS P M G

RECEBA PEL[illegible] CORREIO

CAMISETA MANGA CURTA E LONGA

BLUSÃO DE MOLETON

CAMISETA REGATA

JETA DE MOLETON
AMPA NAS COSTAS

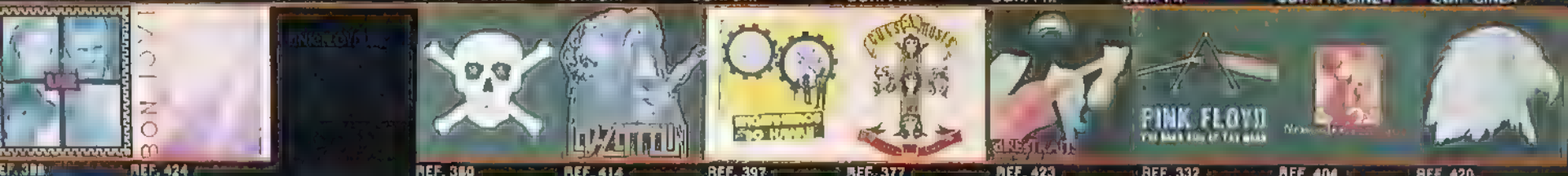
REF. 427 COR: CINZA | REF. 431 COR: BR. PR. | REF. 430 COR: PR. | REF. 436 COR: PR. | REF. 439 COR: PR. | REF. 440 COR: PR. | REF. 428 COR: BR. | REF. 441 COR: PR.

PREÇOS

REGATA (RG):	NCZ$	1.000,00
MANGA CURTA (MC):	NCZ$	1.400,00
MANGA LONGA (ML):	NCZ$	1.800,00
BLUSÃO (MT):	NCZ$	2.500,00
JAQUETA (JQ):	NCZ$	2.700,00

VÁ DOS ATÉ A PRÓXIMA B...

REF. 444 COR: PR. | REF. 445 COR: PR. | REF. 429 COR: PR. | REF. 432 COR: BR. CINZA | REF. 433 COR: BR. | REF. 437 COR: BR. | REF. 442 COR: PR. | REF. 434 COR: PR. | REF. 430 COR: PR. | REF. 435 COR: PR. CINZA | REF. 443 COR: CINZA



REF. 388 COR: PR. | REF. 424 COR: BR. | REF. 380 COR: PR. | REF. 414 COR: PR. | REF. 397 COR: BR. | REF. 377 COR: BR. | REF. 423 COR: PR. | REF. 332 COR: PR. | REF. 404 COR: PR. | REF. 420 COR: PR.

REF. 353 COR: PR. | REF. 364 COR: PR. | REF. 334 COR: PR. | REF. 383 COR: PR. | REF. 215 COR: PR. | REF. 407 COR: PR. | REF. 314 COR: PR. | REF. 422 COR: PR. | REF. 283 COR: BR. | REF. 378 COR: PR.

REF. 224 COR: BR. | REF. 418 COR: BR. | REF. 208 COR: BR. | REF. 260 COR: PR. | REF. 275 COR: PR. | REF. 396 COR: CINZA | REF. 348 COR: BR. | REF. 381 COR: CINZA | REF. 232 COR: PR. | REF. 380 COR: PR. | REF. 313 COR: PR.

REF. 258 COR: PR. | REF. 318 COR: BR. | REF. 309 COR: BR. | REF. 287 COR: PR. BR. | REF. 304 COR: PR. | REF. 218 COR: PR. | REF. 308 COR: PR. | REF. 341 COR: BR. | REF. 395 COR: PR. | REF. 408 COR: CINZA

ENTREGA URGENTE - SEDEX A COBRAR - PAGUE AO RETIRAR

Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, senão a encomenda será devolvida

O pagamento da encomenda mais despesa postal será efetuada no Correio

O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade

O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem

Todas estampas estão disponíveis nos cinco modelos. Camiseta Regata (RG), Manga Curta (MC) Manga Longa (ML), Blusão (MT) e Jaqueta (JQ)

PREÇO ESPECIAL PARA REVENDEDORES

TEL. (011) 299-7478 . HORÁRIO: 2ª a 6ª DAS 8:00 AS 17:30 HS

Desejo receber à seguinte encomenda no Valor de NCz$ mais despesas postais

Ref	Cor	Tam	Mod

Nome _____

End _____

Cep _____ Cid _____ Est _____

Envie este cupom ou copia p Stamp Rua Emb JoãoNeves dafontoura 156 Cep 02013 São Paulo SP

B122-57

COQUETEL VIRA-LATA

Funk, reggae, rock... Com cinco anos de estrada, o HANOI HANOI de Arnaldo Brandão ainda procura "na dança, o melhor remédio"

"Totalmente Demais", "Rádio Blá", "O Tempo Não Pára". É muito comum associar estes hits a seus intérpretes — Caetano Veloso, Lobão e Cazuza, respectivamente.

O que poucos sabem é que foram originalmente gravados pelo Hanoi Hanoi, tendo como um dos autores o cantor e baixista Arnaldo Brandão. Para um artista menos seguro, poderia ser constrangedor. Para Arnaldo, não há problemas em fazer sucesso na voz de terceiros. "Foi muito bom para o grupo porque as gravadoras não acreditavam na gente. Em relação ao nosso som, nunca tive dúvidas — mais cedo ou mais tarde, vão acabar reconhecendo. Digo sempre para o Tavinho que nosso trabalho é para a posteridade", brinca.

Compondo com Arnaldo desde 84, o letrista Tavinho Paes considera a banda "uma peça em evolução. O Hanoi tem passado por transformações sem cair no oportunismo. Procuramos acochambrar uma forma em que o sucesso não seja um problema".

Sem ter alcançado a popularidade das três músicas citadas, o Hanoi Hanoi sobreviveu às exigências do mercado caminhando na contramão. "Fizemos muitos shows", conta Arnaldo. "Uma banda que não toca, acaba. As rádios do interior ou fora do eixo Rio-São Paulo também foram muito importantes. Independentes da pressão das gravadoras, elas facilitam a aparição de artistas novos. Em Salvador, por exemplo, nossos reggaes estouraram. Em Minas, piratearam 'Vi Shows' e colocaram numa rádio. Já em São Paulo, o Hanoi não existe. Posso contar nos dedos o número de shows que fizemos lá. Mas na última temporada senti uma grande receptividade. Apesar de ser uma cidade modernissima, a midia ainda é provinciana. A BIZZ, por exemplo, muitas vezes é radical... a começar pelo próprio nome, uma revista que chama 'negócio'. Fala de bandas que ninguém conhece mas que lá têm um peso. E olha que São Paulo é metade do mercado fonográfico. É uma revista bem representativa daquela cidade e, de um modo geral, sempre falou bem do Hanoi. Há um certo preconceito contra o Rio que eu não entendo, porque o Rio não tem com o que vem de São Paulo. As pessoas costumam dizer 'Ih! Lá vem aquelas coisas do Rio de Janeiro'. Na imprensa tem muito disso."

Longe de ser das mais "belas", a voz de Arnaldo agrada a alguns, e a outros, nem tanto. Seu ponto vulnerável tem sido alvo de comentários. "Ele tem uma voz áspera e de pouco tamanho", diz Tavinho, "mas não deixa de ser um estilo original de cantar." Arnaldo comenta a opinião de um crítico publicada no jornal *O Globo*: "Dizia que a minha voz era horrível. Claro que fico chateado, mas no dia seguinte esqueço. Só não esqueci o que foi dito sobre a letra de 'Fanzine'. Não tem nada de natureba. É só prestar atenção na ironia da letra: 'chegou a hora do alimento ser todo natural/ porque os vermes da terra apreciam um corpo legal'. É justamente o contrário. Vai ver o cara ouviu uma vez no rádio e não gostou. Sabe, tem dias que você acorda de mau humor e não gosta de nada, não é? Os críticos são seres humanos também. Mas por que estou falando tanto da crítica? Acho que ela tem de existir sim. A unanimidade é burra e insuportável", finaliza Arnaldo, um viciado em ler jornais.

Com cinco anos de existência, o Hanoi Hanoi — atualmente formado por Marcelo da Costa (bateria); Serginho Vulcanis (guitarra); Ricardo Bacelar (teclados), além de Arnaldo Brandão — lança seu terceiro LP cercado de expectativas, deixando para trás a frustração dos anteriores, *Hanoi Hanoi* (86) e *Fanzine* (88).

Intitulado *O Ser E O Nada*, o disco traz, além das composições de Arnaldo e Tavinho, uma versão para "Só" (Perinho Santana e Luis Melodia), mais uma letra de Cazuza em "Jovem" e uma "parceria" de Tavinho Paes com Lou Reed em "Vi Shows". "Não é uma versão", avisa Arnaldo, "é uma invenção. A letra não tem nada a ver com o original ('Vicious')."

Quanto ao som, ele garante o habitual coquetel funk/reggae/rock. "Achamos que dançar ainda é o melhor remédio. Sou do tipo vira-lata, adoro misturar tudo. Seria um tédio se fizéssemos apenas um tipo de ritmo. Admiro quem consegue. Acho legal quando os Engenheiros ou o Ed Motta dizem que gostam de fazer um som puro. Mas influências todo mundo tem, ora bolas. Na cultura de massa, a cópia faz mais sucesso que o original. Rolling Stones copiaram tudo do Chuck Berry e, no entanto, fazem muito mais sucesso que ele. O Police vende mais que qualquer banda de reggae e chupou tudo o que podia delas. Bebeto vende muito mais discos que Jorge Ben. Mas ainda acredito nessa atitude japonesa de que através da quantidade vem a qualidade."

Falar em influências significa deslocar o assunto para o passado que, como o próprio Arnaldo costuma dizer, felizmente não o condena. "Comecei a tocar baixo aos dezesseis anos numa banda chamada Vietcong. Depois entrei para The Bubbles e passei a dividir os vocais. Sugeri que mudassem o nome para o português e assim virou A Bolha. Fizemos muitos bailes. Em 72, pirei e fui morar em Londres. Queria comprar um sintetizador e acabei tocando música clássica. Conheci Mick Taylor (*guitarrista dos Stones entre 69 e 74*) e ficamos amigos. Ele tinha acabado de chegar da Jamaica e me apresentou tudo de reggae. Fui a shows do Bob Marley, Sly and Family Stone... Fiquei completamente apaixonado por aquele som black. Passávamos dias inteiros ouvindo Marvin Gaye e Stevie Wonder. Em 75, quando voltei ao Brasil, entrei numa de ser músico acompanhante. No fundo, queria fazer funk e reggae com todos os artistas com quem gravei e toquei: Raul Seixas, Luis Melodia, Jorge Mautner, Caetano Veloso e Jorge Ben. Ainda sobrou tempo de formar um grupo com Lobão e Arnaldo Dias Baptista que, na época, estava apaixonado pelo Kiss. Eu achava estranho, detestava rock mas admirava muito o Arnaldo. No verão seguinte, em 78, fiz alguns shows com a Blitz. Paralelamente, ainda tocando com Caetano na Outra Banda da Terra, montei o Brylho. O Julio Barroso me apresentou a um pessoal funk de São Gonçalo, Claudio Zoli, Paulinho Roquete e Paulo Zdan. Peguei uns amplificadores emprestados com Caetano e começamos a trabalhar. Em 82 gravamos um LP e estouramos com 'Noite Do Prazer'. Quando Claudio Zoli saiu em 84, a banda acabou. Tentei carreira solo na BMG, mas demorou tanto que montei uma banda e voltei a fazer shows."

Hanoi Hanoi — um fenômeno que colocava as notícias na mídia antes de os fatos ocorrerem, numa história publicada pela revista francesa *Metal Hurlant* — foi o nome escolhido, não por acaso. Buscando uma continuidade entre o Brylho e o Hanoi, Arnaldo reflete: "Acho que eu estava um pouco à frente do tempo no início dos oitenta. Com o Brylho, havia optado pelo funk e reggae. Na época, a mídia só se interessava por rock. Esbarrei em muitos preconceitos. Até hoje eles existem, mas não vêm do público, não. O público gosta de ouvir coisas diferentes e sem saber por quê".

"Na cultura de massa, a cópia faz mais sucesso que o original" (Arnaldo)

CARA-METADE

"Ele xinga, eu xingo. Discutimos o tempo todo. Eu me meto nas letras, e ele, nas músicas. É assim que funciona." Palavras de Arnaldo Brandão endossadas por seu letrista-parceiro número um, Tavinho Paes: "Com ele, tenho certa liberdade de propor temas. Em inglês, qualquer absurdo vira tema. O cara faz uma música sobre o trem que sai da estação. Aqui, só compõem canções de amor", diz o letrista. "A Marina foi a primeira que topou uma letra minha ('Acho Que Dá') sem o 'eu te amo'. Outro dia, ofereci uma letra chamada 'Lascívia' a uma cantora e ela disse que não gravava nada com nome de mulher!"

Tavinho prefere chamar o que faz de "antropologia amadora". "Identifico tipos sociais e aspectos do Brasil observando bêbados. Nesse estado, as pessoas ficam muito relaxadas, discutem tudo, são brilhantes. Pego esses detalhes e monto personagens. Não há nada muito pessoal."

"Fujo da canção de protesto. Ela marcou uma outra época. Minha intenção é passar pelo tempo, satirizando uma situação que possa se repetir, como em 'O Saber' quando cito 'candidatos preparados pela TV'. O Chico Buarque conseguiu isso em 'Apesar De Você'. Esse 'você' é cheio de mistério."

Além do Hanoi, Tavinho já trabalhou com vários artistas, de Xuxa a Gal Costa, e se considera numa posição privilegiada como letrista. "Do final de oitenta para cá, fora os que vieram da poesia, não surgiram novos letristas. Hoje em dia, sou chamado até para 'endireitar' letras, coisas do tipo 'eu chorava', aí mudo para 'eu choro'."

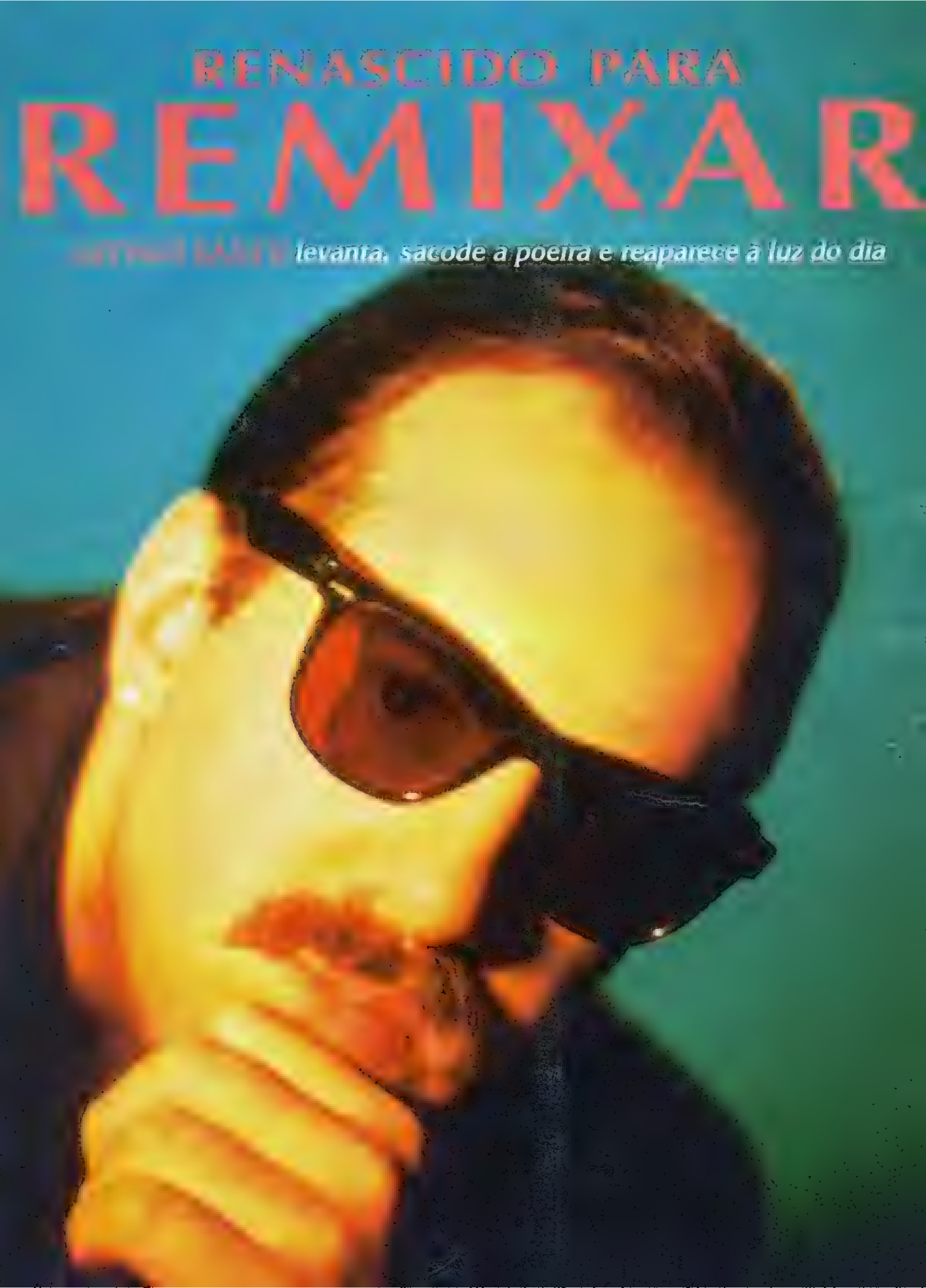
Como poeta, ele já editou 34 livrinhos desde 74. "Fazia poesia marginal só porque não achava patrocínio. Então ia para as ruas vender meus livros." *O Travesti Boçal* e *Cinderela Descalça* são alguns de seus títulos.

L.C.

RENASCIDO PARA

REMIXAR

levanta, sacode a poeira e reaparece à luz do dia



O que faz um dos produtores mais bem-sucedidos — e imitados — de sua geração virtualmente sumir de circulação após uma enxurrada de hits gravados com a primeira linha do pop, de Bob Dylan a Afrika Bambaataa and Soulsonic Force, de U2 aos Rolling Stones, de Bruce Springsteen a New Order? Pó. E má fama.

No espaço de tempo que inaugurou e enterrou os anos 80, Arthur Baker inventou ou ajudou a popularizar o uso de samplers, o rap, o remix com produção adicional aos canais já gravados para uma determinada canção, a mescla de hip hop e hard rock. Em determinado momento, Baker era uma espécie de Midas que avalizava o sucesso de faixas alternativas — a chegada de "Confusion", do New Order, aos Estados Unidos — ou mesmo dava vida nova a hits não necessariamente zero quilômetro mas ainda em fase de promoção — "Girls Just Wanna Have Fun", de Cyndi Lauper. O prestígio de Baker era tanto que não foi difícil para ele e Stevie Van Zandt arregimentarem o batalhão de estrelas incluído no racha-assoalho antiapartheid "Sun City", um verdadeiro "quem é quem" do pop de 1985.

Mas, em 1986, o rastilho de excessos que Baker vinha deixando para trás detonou um barril de amargor e recriminações que acabou resultando no colapso quase absoluto de sua carreira. Foi preciso que Arthur se refugiasse na Europa e, de lá, "onde ninguém sabia das minhas loucuras", reconstruísse sua vida profissional.

O resultado deste "purgatório" é *Merge*, o primeiro álbum que Baker lança como artista, uma série de canções compostas com antigos colaboradores e gravadas aqui por seus próprios autores — Jimmy Somerville, ex-Communards e Martin Fry, do ABC — ou por um time de feras vocais encabeçado por Al Green, a quem foi entregue o primeiro single da leva, "The Message Is Love".

"Eu estava duro, me sentindo um merda, tudo estava dando errado, ou eu morria ou me endireitava." Quem vê Baker falar, custa a acreditar que três anos atrás morava um ser decrépito dentro deste corpo que hoje parece tão saudável e sólido quanto é disposto e ágil o raciocínio de seu dono. Um discípulo dedicado da boa forma, hoje Baker não toca em nada mais forte do que uma xícara de café, como a que está saboreando entre mordidas de pão doce no pátio do restaurante do hotel Le Mondrian em Los Angeles.

"Então parei", continua Arthur, os cabelos pretos, ainda molhados do chuveiro, combinando com o pretume de calça, camisa e tênis. "E comecei a jejuar, fiquei praticamente sem comer, apenas fazendo ginástica e ouvindo discos. Consegui ficar sem tomar drogas por duas semanas... Até que o New Order chegou na cidade (*risos*)."

"Fomos para o estúdio e ficamos desabotinados de tanto cheirar pó — estávamos trabalhando em 'Touched By The Hand Of God'... Não! Estávamos compondo uma música nova que ainda vai sair num disco meu, no futuro... Mas, enfim, no dia seguinte, às dez da manhã, ainda estava passando mal, suando, me sentindo horrível. E estava apavorado — com o jejum tinha perdido dez quilos — uma loucura, muito mais magro e cheirando pó daquele jeito, ia acabar tendo um enfarte."

"Disse a mim mesmo: 'Se eu conseguir sobreviver, nunca mais vou querer saber de drogas'. E foi o que aconteceu. De lá para cá, perdi 35 quilos. E tudo sozinho, nunca precisei ir a um centro de reabilitação de toxicômanos ou coisa parecida. Tive sorte, porque não fazia *freebase*, só cheirava."

A fase "química" de Baker impediu, em muitos casos, que ele chegasse na frente da competição mesmo quando já havia encontrado um atalho. Antes que pudesse concluir seus experimentos com uma canção que tivesse melodia e batida de rap, mas não tivesse uma linha de contrabaixo costurando tudo, Prince lançou "When Doves Cry". Quando começou a misturar rap e heavy metal, não demorou muito até descobrir que Russel Simmons (co-produtor, junto a Rick Rubin, de *Raisin' Hell*, do Run DMC) estava fazendo o mesmo.

"Eu nunca terminava um projeto, deixava tudo pelo meio", explica Baker.

Um dos projetos que ainda está na gaveta é uma gravação realizada numa noite em que Bob Dylan faltou ao estúdio e Baker se viu com sala, equipamento disponível, mais Sly Dunbar e Robbie Shakespeare à sua disposição. Com a ajuda de Stevie Van Zandt, ele fez "Addiction", uma canção que poderia ter sido composta por Norman Whitfield (um dos autores de "I Heard It Through The Grapevine"), "caso Norman fosse compositor de reggae". A faixa tem vocais de Hall & Oates, e dos Temptations David Ruffin e Eddie Kendricks. "Se a CBS topar, pode ser que essa música ainda vire um disco."

Uma gravadora que se entusiasmou com o Baker regenerado foi a A&M. "Eles ouviram um single que eu havia lançado na Inglaterra — 'Tighten Up', com o Wally Jump, que foi sucesso de parada — e, por causa desse disco, eu era famosíssimo lá." Custou pouco até que essa simpatia inicial desse à luz *Merge* e uma associação que poderá gerar até mesmo a primeira turnê de Baker. Por enquanto, as viagens são estritamente promocionais — dali a três dias ele embarcaria para a Espanha —, conforme permitir a atual ocupação de Arthur: supervisor musical de um documentário sobre Quincy Jones, "não tanto sobre ele, mas sobre a América, sobre o que é nascer e crescer nos Estados Unidos sendo negro".

"Estava apavorado. Cheirando pó daquele jeito, ia ter um enfarte"

Nas viagens que faz, Baker pode ainda observar sinais de mudanças para os anos 90.

"Os 80 foram os anos da tecnologia — do rap, das ruas, da dança e da tecnologia. Agora começa a haver uma atenção maior — uma conscientização em relação a diferentes tipos de músicas. A Inglaterra está lançando um montão de novos discos de dança. Itália e Espanha também."

"Hoje em dia qualquer pessoa consegue fazer um disco. E alguns dos discos de melhor som, atualmente, foram produzidos por DJ's. É toda uma nova geração. E é engraçado: por um bom tempo eu achei que muita gente entre essa garotada não tivesse o mínimo conhecimento da música mais antiga, que não tivesse os fundamentos. Mas muitos deles têm, porque tiram um bocado de idéias de discos antigos."

DOCE, PURA ESQUIZOFRENIA

"Pop perfeito" é um dos rótulos com que os PRIMITIVES já foram agraciados. Agora eles querem provar que é verdade

Não importa que me chamem de *bimbo* (algo como "perua"). Eu tenho algo mais a oferecer além de seios. Estou aqui para provar que sou diferente."

Tracy Tracy tem uma dura batalha pela frente. Estamos em agosto de 88, e os Primitives são considerados "o grupo do momento" pela imprensa britânica. Mas o brilho da vocalista é ofuscado pela constelação de louras que tomou conta do pop inglês. Kylie Minogue, Sam Fox, Vanessa Paradis, Andrea (Darling Buds) e Wendy James (Transvision Vamp) são apenas as mais conhecidas. Em comum, o mesmo modelo: Debbie Harry, a eterna Blondie.

"A única semelhança entre Blondie e eu está... no cabelo", diria a vocalista na época, repelindo o título de "blondie of the blondies", cunhado pelos jornalistas. Não é difícil, portanto, entender o que levou Tracy a mudar seu visual no final do ano passado: seus cabelos passaram a ser ruivos. A reação da imprensa inglesa foi imediata. "Alguém arrancou as estrelas do céu? Será a morte do nosso último sonho dourado?" (Chris Roberts, *Melody Maker*).

"Só existe uma razão para alguém gostar dessa banda: a música." Essa é a frase preferida por Paul Court para cortar qualquer tentativa de introdução ao assunto "blondies". O guitarrista dos Primitives me recebe no bar do hotel Columbia, em Londres, e me fita demoradamente com seus enormes olhos azuis. O Brasil, para ele, é uma realidade distante. "Vamos excursionar pela Europa, e depois alguns shows nos EUA. O Brasil não está nos nossos planos ainda, mas adoraríamos tocar lá."

Os shows são parte da turnê promocional de *Pure*, segundo LP da banda, lançado no final do ano passado na Inglaterra — no Brasil, o lançamento aconteceu em fevereiro. Nos próximos meses, devem sair os primeiros discos solo de Tracy e Paul, que já se apressaram a desmentir os boatos de separação do grupo — em 90, eles completam cinco anos de existência.

Em 79, Coventry, uma pequena cidade no centro da Inglaterra, imprimia sua marca na música pop, através dos Specials e do Selecter, dois dos principais representantes do movimento *two tone* — um revival do ska promovido por grupos multirraciais que afirmavam sua posição contra o racismo.

Nessa época, a adolescente Tracy deixava Coventry e embarcava para a Austrália, ao lado de sua família. De volta à Inglaterra em 86, ela responderia a um anúncio de uma banda à procura de vocalistas, deixado na parede de uma biblioteca.

"Really Stupid" e "Stop Killing Me" seriam os dois primeiros singles lançados por Tracy, Paul, Pete Tweedie (bateria) e Steve Gullaghan (baixo), pelo selo Lazy Records, fundado pelo próprio grupo. Com "Throu The Flowers", lançado em 87, eles chegariam às paradas independentes chamando a atenção dos críticos britânicos — que anunciavam o surgimento do "new Blondie" (*Melody Maker*) ou dos "sucessores dos Smiths" (*NME*).

"Por pouco não nos transformamos na 'próxima grande sensação'", lembra Paul. "Mas as pessoas que conheciam a banda não caíram nessa." As gravadoras, porém, não perderam tempo, acenando com propostas milionárias. No final de 87, eles assinavam com a RCA. "Para falar a verdade, passar de um selo independente para uma grande gravadora não fez muita diferença. Continuamos a fazer a mesma coisa, só que com mais capital."

O primeiro single da nova fase, "Crash", chegaria ao oitavo lugar da parada oficial inglesa. Na opinião da crítica, os Primitives haviam descoberto a "canção pop perfeita".

"Ela *é* uma música pop perfeita!", afirma Paul, sem conseguir segurar o riso. "Não é complicada, vai direto ao assunto, é dançável. Basta ouvi-la uma só vez para que ela grude na sua cabeça e não saia mais. Fora isso, ela foi perfeita porque chegou às paradas. Isso é essencial e inerente ao bom pop."

O LP *Lovely*, lançado no início de 88, confirmava a preferência do grupo pela fusão do pop inspirado nas *girl groups* dos anos 60 com o *noise* herdado do Velvet Underground. Os vocais ingênuos de Tracy sobre as guitarras distorcidas de Paul pareciam uma versão adocicada da proposta do Jesus & Mary Chain. Alguns toques de psicodelia e a estudada pose de indiferença do grupo completavam a fórmula — que seria aplicada, com sucesso, por outras bandas, como o Transvision Vamp ou os Darling Buds.

"Acho que agora isso já acabou, toda aquela onda de grupos fazendo um pop açucarado. Nós também estamos tentando nos distanciar desse estilo, tentando ser mais agressivos. E, se você pensar bem, as pessoas vivem nos comparando aos Darling Buds, mas temos muito pouco em comum."

A primeira guinada em direção a um som "mais agressivo" aconteceria com o lançamento de "Sick Of It", em julho do ano passado. A letra, segundo Paul, é um "desabafo contra toda a *bullshit* que rodeia os Primitives: imprensa, gravadora, fãs..." No lado B do compacto, uma homenagem a um dos ícones de Tracy: uma cover para "I'll Be Your Mirror", do Velvet Underground, gravada originalmente na voz da cantora Nico.

As expectativas de uma mudança mais radical no som da banda seriam frustradas com o lançamento de *Pure*, em outubro do ano passado. Com um lado mais pop e outro levemente psicodélico, o álbum acabaria sendo chamado de "esquizofrênico" pela *Melody Maker*. Nas entrevistas à imprensa britânica, Paul admitia ter tomado certas "substâncias" enquanto compunha as músicas para o disco.

"De uma certa maneira, são dois discos diferentes em um", explica o guitarrista. "Poderíamos ter misturado todas as faixas, mas decidimos separá-las em dois blocos distintos. Um dos lados é exatamente o que as pessoas esperam de nós, enquanto o outro é mais diverso, mais amplo."

A psicodelia, na verdade, não é um dado novo no som do grupo. "Shadows", faixa do primeiro LP, já contava com a participação de músicos indianos e suas cítaras... "Não é nada novo. Se você ouvir os lados B dos nossos singles, vai ver que esse nosso lado sempre existiu."

Quem quiser conhecer os lados B dos compactos dos Primitives terá apenas uma alternativa: procurar a coletânea *Lazy 86—88*, lançada na Inglaterra no ano passado — não existe previsão de lançamento no Brasil. É também uma das poucas chances para se conferir a formação original da banda — que ganhou um novo baterista, Tig (ainda em 86) e um novo baixista, Andy Hobson (em 89, substituindo Paul Sampson, que toca baixo apenas em *Pure*).

Mesmo admitindo a qualidade duvidosa de algumas faixas, Paul acredita que o lançamento foi uma boa idéia. "Descobrimos que havia muitas pessoas interessadas nessas músicas, que estavam pagando até trinta libras por um compacto. Agora, elas podem ter acesso ao que estávamos fazendo naquela época."

No auge da popularidade, em 88, os Primitives chegaram a fazer algumas aparições em revistas para adolescentes — quebrando a barreira que separava os independentes britânicos do *mainstream*. "E, chegamos a sair na *Smash Hits*, mas não funcionou muito bem. Ninguém entendia o que gente como nós estava fazendo na revista!" Será que os Primitives são perigosos demais para eles? "Somos (*risos*). E, além do mais, não gostamos de responder a perguntas do tipo 'qual-é-a-sua-cor-predileta?'."

Os Primitives sempre acreditaram na sua vocação para o *mainstream*. "Queremos chegar aos primeiros lugares das paradas", dizia Paul à *Melody Maker*, ainda em 87. Qual será o próximo passo? O megaestrelato? "Não estamos mais preocupados com as paradas. Já fizemos várias turnês, e temos o nosso público. Se você ouvir o que está nas paradas hoje... bem, essa coisa toda de dance music... Há boas músicas, e há outras péssimas. Mas sinto que o que falta hoje em dia são bons pop stars."

"O que falta hoje em dia são bons pop stars" (Paul Court)

FUGA AO PAS

David Bowie entrou na década reunindo cerca de duzentos jornalistas no velho Rainbow Theatre, em Londres. O teatro — sede do "adeus" de Ziggy Stardust em julho de 73 — está fechado há mais de dez anos e foi aberto especialmente para esta coletiva. O motivo: anunciar ao planeta sua primeira turnê solo desde 87, batizada *Sound And Vision* (título de uma das melhores canções de seu catálogo, incluída no LP *Low*, e também da caixa de CDs que inaugurou recentemente o relançamento de toda sua discografia pré-*Let's Dance*).

Os fãs de Bowie têm, este ano, muitas razões para economizar uma grana. Pode-se dizer, inclusive, que o ano é dedicado a eles. Duas linhas telefônicas — uma na Inglaterra, outra nos EUA — foram especialmente instaladas para receber pedidos que, computados, darão o repertório da turnê — que pode gerar um disco ao vivo. Todos os relançamentos trazem faixas inéditas de bônus e devem ser engrossadas por mais uma coletânea, *Changes Bowie*, baseada no repertório votado pelos fãs. "Fame" — sua parceria com John Lennon, que encabeçou a parada americana e faturou um Grammy em 75 — sai como single, remixada por John Gass (Babyface).

Enquanto isso, o Tin Machine vai bem, obrigado. Acabou de gravar seu segundo LP, provisoriamente intitulado *A Big Hurt*, que deve estar nas lojas em outubro.

Dentro do Rainbow Theatre, as paredes estão cobertas de fotos e há um monitor de vídeo em cada canto mostrando as várias encarnações de Bowie: Ziggy Stardust, Aladdin Sane, Thin White Duke... Finalmente, ele aparece em carne e osso, posa para os fotógrafos e se senta diante do microfone, de violão em punho!

As primeiras perguntas, naturalmente, se referem à turnê. Bowie diz que está tentando conseguir lugares menores e fechados: "Prefiro tocar várias noites numa mesma cidade do que me apresentar num estádio, onde acho que o publico não tem condições de aproveitar bem o espetáculo". Ele nega que seja sua última turnê, mas adverte que pode ser a derradeira oportunidade de ouvir ao vivo certas canções: "Não há sentido em continuar tocando músicas que refletem o meu passado. Quero continuar trabalhando do jeito que estou, mantendo o entusiasmo".

"Vocês não verão roupas esquisitas nos shows. Nada de botas de salto alto, nada de vestidos, nada de cabelo vermelho, nem mesmo uma peruca!"

Embora seja razoável prever *Sound And Vision* como uma espécie de retrospectiva de seus mais de vinte anos de carreira, Bowie deixou sua galeria de máscaras nas páginas da história do rock e não pretende revivê-las. Por outro lado, ele explica que o método adotado para a escolha do repertório é uma forma de controlar seus "caprichos": "Geralmente, um terço de meu show é de material conhecido, no resto do tempo, faço a minha vontade. Tenho tendência a selecionar material mais obscuro. Desta vez, quis que os fãs escolhessem. Assim, eles ouvirão o que desejam e", enfatiza mais uma vez, "nunca mais terei que tocar essas músicas de novo".

Quando é comparado aos membros do Who, que declararam numa entrevista ter feito a última turnê para tirar uns trocados em cima de sua fama, Bowie fala quase irritado: "Eles não têm o Tin Machine, têm? (*pausa*). Ganhando dinheiro? Em cima de minhas músicas? Você deve estar brincando! São grandes músicas e eu fico orgulhoso de tocá-las... Existem no mundo uns quinze artistas que valem a pena assistir ao vivo. Enquanto não chegar o momento em que não conseguirei produzir um bom show, não vou parar. Quanto a ganhar dinheiro em cima de minhas músicas, isso é ridículo. São vinte anos da minha vida!". Aplausos encerram a questão.

Indagado a respeito de sua canção predileta, David começa a tocar e pára. "Não sei", responde. Mais tarde ele diria que a música que o simboliza é "Rock'n'Roll Suicide". As perguntas voam de todos os lados mas ele mantém a calma: "Fiquem quietos que vou tocar alguma coisa". A tentativa é atropelada por uma pergunta sobre os custos e a expectativa de lucro da turnê. "Não vou ganhar tanto quanto Bruce Springsteen, mas será mais do que o Alien Sex Fiend."

Ele consegue, enfim, tocar trechos de "Johnny I'm Only Dancing", "Starman" e "Queen Bitch". Depois emenda com o começo de sua versão inglesa para "Amsterdam", de Jacques Brel, comentando que foi o primeiro número acústico que tocou na vida e que adoraria fazer outros na turnê, "se os fãs pedirem". Esquece a letra e desiste. Mais uma canja: desta vez, é "The Laughing Gnome" acompanhada por aplausos e assobios. Bowie esclarece que, à exceção de parcerias com

SADO

BOWIE põe o Tin Machine na geladeira e embarca numa megaturnê lembrando anos dourados como os de Ziggy Stardust

Iggy Pop, como "China Girl", todas as composições serão de sua autoria. Em seguida, detalha a formação da Adrian Belew Band. "O Adrian, com quem fiz *Lodger* em 78, é um ótimo guitarrista e tem uma superbanda: Rick Fox nos teclados, Mike Hodges na bateria. Estou trazendo Erdel Kizicay, um cara com quem trabalho bastante, um turco que vive na Suíça e toca um baixo bem americano, bem funky."

Se a imprensa em geral tem respeito pelo passado de Bowie, o mesmo não se pode dizer sobre sua investida mais recente com o Tin Machine. Alguém começa considerando que ele esteve sempre no centro da música pop e agora, tanto com a banda nova quanto com o relançamento de seu catálogo, parece estar procurando refúgio no velho rock'n'roll. Concluindo, David Bowie não se deu bem com os anos 80? "Não concordo com o que você disse sobre o Tin Machine."

"Acho que a única expectativa era formar uma banda", prossegue Bowie respondendo a outro jornalista que perguntava se ele estava satisfeito com o Tin Machine. "Qualquer outra expectativa deve ter sido criada no estúdio. Ainda temos muito entusiasmo pelo que fazemos juntos. No dia em que isso estiver desgastado, não trabalharemos mais. Mas por enquanto está tudo indo muito bem." A cutucada tarda mas não falha: Essa é apenas mais uma das faces de Bowie? "Se ainda não for óbvio, a essa altura, que é uma banda inteira trabalhando, cooperando, compartilhando e compondo junto... então, nunca será. Acho que ainda estarei respondendo essa pergunta daqui a quatro álbuns: sim, é um esforço conjunto!"

Apesar das reiteradas declarações a respeito da autonomia da banda, ninguém parece estar muito convencido. Mais uma provocação: O que os outros membros acham de terem sido colocados temporariamente na prateleira? "Eles não foram colocados na prateleira, porque ainda estão trabalhando em algumas composições. Voltaremos ao estúdio para finalizar três composições. Gravamos 25 músicas mas vamos lançar umas dezoito. E todo mundo está fazendo coisas diferentes... O Reeves Gabrels está trabalhando com sua primeira banda, em Boston". E finaliza, categórico: "Eles não foram deixados para trás, vão lançar um álbum no fim do ano. Também faremos uma turnê, depois que a minha acabar".

O que você achou das numerosas críticas que o Tin Machine recebeu?

"Positivas ou negativas?"

Bowie em Berlim, auto-exilado para criar a clássica trilogia *Low* (77), *Heroes* (78) e *Lodger* (79)

Não vimos muitas críticas positivas...

"Claro, você mora na Inglaterra! Em grande parte da Europa, a turnê foi muito bem recebida, provavelmente porque tocamos em lugares menores. Foi a maior turnê que já fiz e, por outro lado, as vendas do disco foram péssimas comparadas com meus álbuns solo. Não sei como encarar a coisa." Para jogar uma pá de cal sobre o assunto, afirma que faria um novo disco "mesmo que o outro tivesse vendido apenas três cópias". "Não deixaria de lançar discos porque não estou vendendo bem", arremata, sob aplausos.

Não seria estranho que, aos 43 anos, depois de estar por mais de duas décadas lançando modas, antecipando tendências e, sobretudo, apontando caminhos para o pop, o homem que caiu na terra estivesse preparando sua aposentadoria. Entretanto, ele ri da especulação. "Ah, sim, claro! (*risos*). Eu me aposentei em 75, agora estou trabalhando. Não, os discos estão sendo relançados porque alguns eram difíceis de serem adquiridos e a Rykodisc queria relançá-los com algumas faixas inéditas e obscuras." E ainda anuncia que está trabalhando em projetos solo que serão conhecidos apenas em 91. Sobre parcerias futuras, declara estar em contato com Glenn Branca, não desconsidera a possibilidade de voltar a tocar com Carlos Alomar e "adoraria trabalhar com os Pixies, seria muito divertido". A banda de Boston é citada novamente quando pedem para que faça uma comparação entre a música dos anos 60 e a dos anos 80. "É difícil dizer. Hoje em dia, não temos um Jimi Hendrix mas, por outro lado, também não temos um Billy J. Kramer. Há grandes bandas por aí, como os Pixies, mas há coisas péssimas, como Milli Vanilli."

Por enquanto, seus planos não incluem o cinema, embora uma oportunidade no teatro pudesse ser bem recebida. "Ninguém me ofereceu mais nada de bom. Se houver alguém com um trabalho bom, eu gostaria muito de fazê-lo."

"Gosto muito de *Diamond Dogs*, da trilogia *Low*, *Heroes* e *Lodger*, do álbum do Tin Machine, metade do *Let's Dance* e *Scary Monsters*. E... (*risos*). Gosto de vários trabalhos meus, mas é difícil gostar de um disco inteiro. *Station To Station* e *Heroes* são meus trabalhos mais consistentes. Eu não sou muito consistente."

E David Bowie tem vergonha de alguma de suas composições? "Eu toquei 'The Laughing Gnome', o que mais você quer? (*risos*)."

Menos do que uma retirada em grande estilo do cenário pop, parece que para Bowie, a turnê com seus grandes sucessos deve funcionar como uma espécie de exorcismo. "O problema é que você tende a usar seus hits como muletas, tipo 'eu posso sempre fazer isso, então estarei seguro'. Não é isso que eu quero fazer. É importante para mim manter o entusiasmo e a motivação para ver as coisas de maneiras novas, como sempre fiz."

Depois de agradecer a Deus por acordar de manhã todos os dias, ele avisa: "Para terminar, uma música. Espero que eu me lembre dos acordes..."

Ele erra alguns, se engana com a letra mas, mesmo assim, nos brinda com uma bela versão de "Space Oddity".

Se ao pensar em house você lembra daquelas coletâneas contendo hits como "Pump Up The Jam", "The Only Way Is Up" e "Grand Piano" etc., está pegando o lado mais FM do gênero. Aqueles que pretendem julgar a dance music pelo que escutam no rádio cometem um grave erro. É como rock. Quantas bandas de qualidade tocam com freqüência nas FMs? O mesmo ocorre com a dance music. Veja a house, por exemplo: quem já ouviu **Blaze**, **Marshall Jefferson**, **Frankie Knuckles**, **Steve "Silk" Hurley** no rádio, levante a mão. Quem são? Simplesmente inventaram a house. O primeiro, de Nova Jersey, foi pioneiro do som garage que ficou mais conhecido nas vozes de **Adeva** e **Chanelle**. Os outros são todos de Chicago e sem eles nem Black Box, nem Technotronic, nem Beatmasters, nem Coldcut estariam aonde estão. Dificilmente seu sucesso ultrapassa o circuito dos clubes, mas acontece. Steve "Silk" Hurley teve um êxito fabuloso com "Jack Your Body" no final de 86 e o Blaze teve até sua música "Whatcha Gonna Do" lançada no Brasil como faixa da coletânea *Hot Dance* (Som Livre). Procure! Blaze também já remixou ABC, Diana Ross, Womack & Womack, Kool & the Gang, enquanto o tecladista Josh Milan tocou piano em "I Want A Dog", do último LP dos Pet Shop Boys. Hurley já remixou Inner City, New Order e Ten City. Knuckles já trabalhou com Chanelle, A Guy Called Gerald, Pet Shop Boys, Womack & Womack e no projeto da Warner de remixagens dos sucessos de Chaka Khan. Jefferson remixou Tom Tom Club, Kym Mazelle, Ten City e Cabaret Voltaire. Fora isso, produzem e lançam dezenas de artistas novos dos cenários dance de Chicago, Nova York e Detroit. Infelizmente, quase todo o trabalho desses brilhantes músicos só está disponível em discos importados. Quem quiser mais detalhes sobre estes ou outros nomes escreva para nós.

Divulgação

Saiu o novo single do **Fall**, "Telephone Thing". Calma, você não está na coluna errada. A música foi produzida pelo **Coldcut** e estará no próximo LP da "cáustica" banda de Manchester. Além dessa faixa, o *dance duo* ainda foi incumbido de moldar "The Black Monk Theme". O que teremos depois? Cocteau Twins remixados por Jazzie B?

Aquela fantástica canção do introspectivo LP dos **Pet Shop Boys**, "It's Alright", foi originalmente composta pelo DJ e produtor de Chicago **Sterling Void** para a voz de Paris Brightledge (não confundir com Paris Grey, do Inner City). É um verdadeiro clássico da *deep house*. Void — que inclusive remixou uma das versões da cover dos PSB — lança agora "Set Me Free", também com vocais de sua *darling* Paris. Dúvida: Por que a *deep* e a *garage house* não pegaram nas pistas brasileiras? Injustiça!

Frankie Bones é um DJ nova-iorquino de 22 anos que realmente faz mais do que apenas virar discos. Seus dois EPs (*Looney Tunes* e *Energy/Dawn*) e seu LP (*Dance Madness And The Brooklyn Groove*, em parceria com Tommy Nusto) são de uma criatividade rara. Bones discotecou em vários *raves* ilegais na Inglaterra e acha as pistas de Nova York um tédio comparadas ao cenário *dance* inglês (ver BIZZ de março).

E aqui vão algumas sugestões para quem segue a trilha do rap: "Jam It Jam", das **She Rockers**, uma dupla feminina de hip hop hardcore; pegando mais leve, "Expression" das **Salt'n'Pepa**; o clássico *disco*, de 1979, "Ain't No Stoppin' Us Now", de McFadden and Whitehead, ganha versão rap do formidável **Big Daddy Kane**; "Welcome To The Terrordrome", novo single do **Public Enemy**, com direito a tesoura da CBS na palavra "nigger" ("negro", com sobretons pejorativos); e, para fechar, o humor de **3rd Bass** em "Gas Face".

Noticiamos na edição passada que a banda Que Fim Levou Robin? teria se apresentado junto com o Technotronic na final brasileira do campeonato do DMC Brasil, no início de fevereiro. Mas os planos foram alterados, e a festa adiada para 13 de março. No mês que vem, daremos a cobertura do evento.

DJs, remixadores, produtores e qualquer pessoa do país que esteja produzindo algo criativo para dançar. Esta coluna tem espaço aberto para a dance music brasileira. Mandem suas fitas!

CAMILO G. ROCHA

As gravadoras que anunciam na BIZZ

EMI-ODEON:

Legião Urbana — "2" **Platina Duplo,** *"Que País é Este"* **Platina.** *Paralamas do Sucesso — "Selvagem?"* **Platina Duplo,** *"D"* **Ouro,** *"Bora, Bora"* **Platina.** *"Zona Zen"* **Platina.** *Zero — "Carne Humana"* **Ouro.** *Beto Guedes — "Alma de Borracha"* **Ouro.** *Marisa Monte — "Marisa Monte"* **Platina.** *Iron Maiden — "Somewhere in Time"* **Ouro.** *Duran Duran — "Notorius"* **Ouro,** *"Dig Thing"* **Ouro.** *Queen — "Live Magic"* **Ouro,** *"A King of Magic"* **Ouro.** *John Lennon — "Menlove Ave"* **Ouro.** *Pet Shop Boys — "Actually"* **Platina,** *"Introspective"* **Platina.** *Tina Turner — "Live"* **Ouro,** *"Live II"* **Ouro,** *"Break Every Rule"* **Platina.** *Morrissey — "Viva hate"* **Ouro.** *Talking Heads — "True Stories"* **Ouro.** *Sigue Sigue Sputnink — "Flaunt It"* **Ouro.**

WEA:

The Smiths — "Strangeways, Here We Come" **Ouro.** *Madonna — "Who's That Girl"* **Ouro,** *"True Blue"* **Duplo Platina.** *Rod Stewart — "Out of Order"* **Ouro,** *"Rod Stewart"* **Ouro.** *Tracy Chapman — "Tracy Chapman"* **Ouro e Platina.** *New Order — "Substance"* **Ouro.** *A-Ha — "Hunting High And Low"* **Duplo Platina,** *"Scoundrel Days"* **Duplo Platina.** *U 2 — "The Joshua Tree"* **Platina,** *"Rattle And Hum"* **Duplo Ouro.**

BMG-ARIOLA DISCOS:

Lobão — "Vida Bandida" **Platina,** *"Cuidado"* **Ouro.** *Engenheiros do Hawaí — "Longe Demais das Capitais"* **Ouro,** *"Revolta dos Dândis"* **Ouro,** *"Ouça o que eu digo: Não Ouça Ninguém"* **Ouro.** *Lulu Santos — "Toda Forma do Amor" —* **Ouro,** *"Lula"* **Ouro.**

DISCOS CBS:

RPM — "Revolução por Minuto" **Ouro e Platina,** *"Rádio Pirata"* **2.000.000 Discos Vendidos,** *"Os Quatro Coiotes"* **Ouro.** *Dance-Mix-2***Ouro.** *Michael Jackson —* **"Bad" Platina.** *Pink Floyd — "A*

PELADA

sempre encontram muito ouro e platina.

Momentery Lapse of Reason" **Ouro Duplo.** *George Michael — "Faith"* **Ouro e Platina.**

POLYGRAM:

Capital Inicial — "Capital Inicial" — **Ouro e Platina,** *Independência —* **Ouro.** *Caetano Veloso — "Caetano"* **Ouro,** *"Totalmente Demais* **Ouro e Platina.** *Marina — "Virgem"* **Ouro,** *"Todas ao Vivo"* **Ouro.** *Tears For Fears — "Song From the Big Chair"* **Ouro.** *Dire Straits — "Brothers in Arms"* **Ouro e Platina,** *"Money for Nothing"* **Platina.** *The Cure — "Blanding on a Beach"* **Platina,** *"Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me"* **Ouro,** *"The Head on the Door"* **Ouro.** *Elton John — "Ice on Fire"* **Ouro,** *Leather Jackets"* **Ouro.** *The Police — "Every Breath You Take"* **Ouro.** *Sting — "Bring on the Night"* **Platina,** *"Nothing Like the Sun"* **Ouro.** *Supertramp — "The Autobiography"* **Ouro.** *Jean Michel Jarre "Rende Vous"* **Ouro,** *"In Concert"* **Ouro,** *"Revolutions"* **Ouro.** *Los Lobos — "La Bamba"* **Platina.**

EDITORA AZUL

AO $UCE$$O

[illegible] que [illegible] da [illegible]rrência [illegible] [illegible]miu o [illegible] de Genesis em 70, pouco mais de uma [illegible] [illegible] seria um [illegible]ker? Nem [illegible] PHIL COLLINS pôde [illegible] uma carreira [illegible] tantas reviravoltas

Sem dúvida, o primeiro grande impulso veio com a saída de Peter Gabriel do Genesis, em 74. Depois de um ano e meio à caça de um vocalista substituto (com mais de quatrocentos candidatos testados), o grupo decidiu que Collins — dono de um timbre vocal bem similar ao de Gabriel e que já cantava esporadicamente com a banda — assumiria os vocais principais. Ele também continuaria como baterista nos discos, enquanto em shows seria usado um músico convidado (primeiro, Bill Bruford, sucedido por Chester Thompson). Collins logo se afirmou enquanto vocalista nos dois álbuns do grupo lançados em 76: *A Trick Of The Tail* e *Wind And Wuthering*, e — com a saída do guitarrista Steve Hackett — cresceu ainda mais a sua influência dentro do Genesis, ao mesmo tempo que começava a se dedicar a outros projetos musicais.

O mais audacioso deles foi o combo de jazz rock Brand X, formado ainda em 76, cujo núcleo consistia em Collins na bateria, o baixista Percy Jones e o guitarrista John Goodsaw, além de outros músicos convidados. Como membro do grupo, Collins participou dos dois primeiros álbuns — *Unorthodox Behaviour* (76) e *Moroccan Roll* (77) —, retornando em participações nos últimos três dos sete LPs que o Brand X lançou.

O LP seguinte do Genesis com Collins como *frontman* — *...And Then There Were Three...* (78) — traria o primeiro disco de ouro para o grupo no mercado americano, além de seu primeiro compacto de sucesso: "Follow You, Follow Me". E os dois álbuns posteriores, *Duke* (80) e *Abacab* (81), só viriam a confirmar a trajetória rumo aos primeiros postos das paradas com um pop cada vez mais acessível ao grande público, mas que invariavelmente fazia os fãs de longa data torcerem o nariz. Em *Abacab*, disco de platina nos EUA, o trio chegava às raias da provocação destes admiradores, ao incorporar *beats* dançantes e até o naipe de metais do Earth, Wind and Fire.

Enquanto o ex-líder do grupo, Peter Gabriel, se aventurava na exploração de novos ritmos e timbres em seus álbuns solo, ficava clara a intenção que os remanescentes do Genesis tinham de trocar o som progressivo praticado no passado por um lugar garantido nas listas dos mais vendidos. E justamente em 81, como que por um capricho do destino, o Genesis teve de começar a se preocupar não só com a concorrência externa mas também com a que vinha de dentro do grupo. A extraordinária recepção do primeiro álbum solo de Collins — *Face Value* —, capitaneada pela execução massiva do hit instantâneo "In The Air Tonight", fez o disco vender mais de dois milhões de cópias só nos EUA. No final de 82, o lançamento de *Hello, I Must Be Going!* percorreria a mesma trilha de sucesso de seu antecessor, colocando nos primeiros postos das paradas a canção "You Can't Hurry Love". Enquanto isto, Collins se dedicava a uma série de turnês com o Genesis, que se estenderia até 84. Neste mesmo ano, ele faria sua primeira incursão pela música cinematográfica, ao compor a canção-tema ("Against All Odds") do filme *Paixões Violentas*, do diretor Taylor Hackford, além de produzir álbuns para Eric Clapton e Philip Bailey.

O sucesso de *No Jacket Required*, lançado em 85, suplantou o dos dois anteriores, sendo seguido pelo êxito de vários singles retirados do LP, como "One More Night", "Take Me Home", "Sussudio" e "Easy Lover". Isto estimulou Collins a promover sua primeira excursão solo, tocando somente composições próprias. Para alguns, este seria o primeiro indício real de que a separação entre ele e o resto do Genesis se tornava inevitável.

Porém, no final de 86, o grupo retornou com o LP *Invisible Touch*, batendo todos os seus recordes anteriores — no mesmo ano em que Peter Gabriel alcançava também seu maior sucesso comercial, com o álbum *So*.

Seguiu-se uma gigantesca tour mundial do Genesis, na qual Collins ainda achou tempo para tocar bateria na banda de Eric Clapton e até estrear na carreira de ator, interpretando o papel-título do filme *Buster*, dirigido por David Green. E, dando continuidade a seu trabalho em canções cinematográficas, compôs dois hits para o filme: "A Groovy Kind Of Love" e "Two Hearts".

Quase cinco anos após *No Jacket Required*, Collins lançou *...But Seriously*, segundo ele "o álbum mais sólido que fiz desde *Face Value*". "Realmente foram cinco anos ocupados, mas, se eu me desse conta de que decorreria tanto tempo até fazer um outro álbum, teria ficado muito deprimido. Mas acho que este longo período foi proveitoso. Eu acumulei uma tremenda quantidade de material." Além disso, Collins já avisava que seu novo LP tinha pouco a ver com sua produção mais recente, afirmando que "A Groovy Kind Of Love" e "Two Hearts" (definida por ele como "um pastiche de canção da Motown nos anos 60") estavam vinculadas a um projeto específico (*Buster*) e não seriam regravadas em *...But Seriously*: "Eu tentei neste álbum trazer as pessoas de volta àquilo que eu era na verdade, um baterista/cantor/compositor, se você preferir, que é capaz de escrever canções. Penso até que canções muito comoventes".

As maiores surpresas ficaram entre os convidados, com as ilustres presenças dos vocais de David Crosby em "Another Day In Paradise" e "That's Just the Way It Is" ("tenho sido fã dele desde os Byrds e o queria no disco porque seu *approach* de harmonia é único"), da guitarra de Eric Clapton em "I Wish It Would Rain Down" ("quando a compus, senti que era o mais próximo que eu poderia chegar de um blues... era uma espécie de canção de Eric") e do órgão de Steve Winwood em "All Of My Life" ("hoje em dia, as pessoas pensam que podem fazer de tudo com o sintetizador, mas o órgão Hammond é uma exceção. É como a bateria, não há substituto para ele").

Os planos para este ano também são muitos, a começar pela tour promocional de *...But Seriously*: "Estaremos excursionando pelo Japão, Austrália e depois pela Europa e EUA. Basicamente, ficaremos viajando até o fim de setembro". E, logo após, ele prepara sua segunda aparição nas telas: "*Goldilocks And The Three Bears* está para se tornar uma realidade, comigo, Bob Hoskins e Danny DeVito nos papéis dos três ursos". Esta multiplicidade de atividades parece ser a tônica do trabalho atual de Collins, uma inquietude que infelizmente não se tem refletido no campo estritamente musical, mas sem dúvida faz dele uma figura das mais proeminentes do cenário pop: "Estaria aborrecido e ficando maluco se tivesse apenas uma banda, uma coisa só. Além da produção, há as composições, tocar bateria, o trabalho com o Genesis, meu trabalho solo, tocar ocasionalmente com Eric Clapton, as filmagens... Isso tudo me deixa revigorado para o que vou fazer em seguida. E não me dá chance de ficar aborrecido".

Abaixo, um flagra do *look* Jesus Cristo em solo brasileiro, na turnê do Genesis em 77

VELHO DE GUERRA

Criador de salmão e, nas horas vagas, comandante do JETHRO TULL, Ian Anderson procura um espaço para suas músicas entre rótulos e indefinições de uma nova década

Ninguém conteve o riso quando, no ano passado, o Jethro Tull ganhou o Grammy de "melhor banda de heavy metal/hard rock", derrotando o franco favorito Metallica. Todo mundo riu às gargalhadas, menos Ian Anderson, inventor e, há vinte e dois anos, líder do Tull.

"O que é o Jethro Tull?", indaga Anderson, meses mais tarde. "Pop? Rap? Se você for analisar, somente aquela categoria se aplica a nós: a de hard rock."

Talvez nenhuma categoria se aplique bem ao Tull, uma banda que inaugurou seu próprio estilo em 1968 ao misturar jazz, blues, música folk e rock pesado. E talvez muito poucos sejam os que conseguem enxergar bom humor nas letras e falas aparentemente amargas ou rancorosas de Anderson, um músico que conhece muito bem seu ofício e as armadilhas que ele traz a reboque.

Em seu décimo sétimo álbum, *Rock Island*, o grupo meio que volta às suas próprias raízes de blues, com uma formação que, estranhamente, incorpora dois integrantes do grupo folk inglês Fairport Convention (o baixista David Pegg e o tecladista Martin Allcock). Permanece aliado a Anderson o guitarrista Martin Barre, que entrara em

1969, em substituição a — pasmem — Toni Iommi, mais tarde sócio-fundador do Black Sabbath.

Relíquia de museu? Carta fora do baralho? Alguém ainda precisa do Jethro Tull? Melhor perguntar a Ian.

Quem é, hoje em dia, o público do Jethro Tull? É diferente do que era, digamos, vinte anos atrás? É mais velho, mais jovem?

Não me parece muito diferente, porque o Jethro Tull começou... estamos falando dos Estados Unidos, correto? No início, tínhamos um público um tanto mais velho, porque começamos tocando em festivais de jazz, tocando no Filmore East junto com o Blood, Sweat and Tears — que falava para um público mais velho. Pelo que lembro, mesmo para os padrões daquele tempo, o nosso público já era um pouco mais velho, entre vinte e trinta anos. Na medida que o tempo foi passando, começamos a conquistar uma garotada mais jovem. E até hoje existe essa mistura.

E como essa garotada descobriu o Tull? Através de amigos mais velhos? Ouvindo discos antigos ou discos novos? Pelas rádios de *classic rock*?

Bom, isso tudo. Eu mesmo faço essa pergunta a pessoas da platéia com quem acabo me encontrando. Muitas vezes eles cresceram ouvindo Jethro Tull, literalmente: o primeiro tipo de música de que eles se lembram na infância inclui Jethro Tull, que eles escutavam no rádio, ou que era o tipo de música que os pais ouviam. Ou seja, a coisa vai até o iniciozinho da infância destas pessoas. Quando já estão mais crescidos, estes caras já podem ir sozinhos aos shows e ver a gente. É meio como conhecer Walt Disney em pessoa, não é? Ou conhecer os bonecos de Vila Sésamo...

Há quem chame *Rock Island* de "álbum conceitual". Você aparentemente é avesso ao "conceito do álbum conceitual"...

Quando lançamos *Aqualung* (71), todo mundo saiu dizendo que éramos um grupo que fazia álbuns conceituais. Mas o disco tinha apenas duas canções interligadas que de certa forma falavam de um mesmo assunto. Mas não acho que, de uma maneira geral, *Aqualung* tenha sido um álbum conceitual — decerto não era esse o nosso objetivo. Uma metade do disco não tinha coisa alguma a ver com a outra metade. Por outro lado, *Thick As A Brick* (72) era, de fato, um álbum conceitual, foi feito de acordo com esta noção. *Rock Island*, por sua vez, foi um esforço de grupo, foi um projeto conjunto, mas álbum conceitual... *Thick As A Brick*, sim, e *Passion Play* (73), que veio logo em seguida, eram álbuns conceituais.

Este álbum novo teria sido composto muito rápido, de acordo com o que foi divulgado...

Não mais rápido do que nosso ritmo normal de trabalho. Geralmente eu componho alguma coisa todo dia. Não significa que preste — metade do que componho acaba fora dos discos. Acho, também, que qualquer um que passe três dias tentando escrever uma só canção, ou a canção é incrivelmente boa, ou essa pessoa está se enganando, porque supõe-se que rock tenha a ver com espontaneidade, imediatismo, e se você está gastando tanto tempo assim compondo uma só canção...

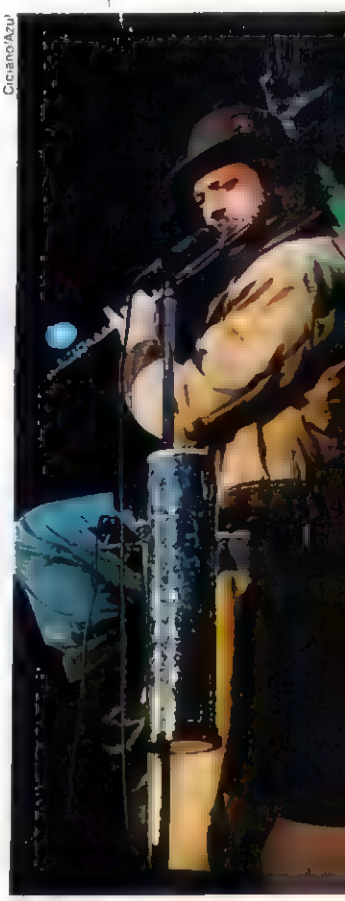
Você também comanda uma criação de salmão e parece que esse negócio tem sido tão bem-sucedido que você poderia até pensar em parar de fazer música para sempre: você chegou a pensar nisso a sério?

Não, não mesmo. Desde 1972 estou envolvido em agricultura, em criação de peixes, e naquele tempo, sim, pensei em largar a música, porque estava um pouco cansado de tocar "Thick As A Brick" para platéias que só ficavam gritando e fazendo barulho durante as passagens mais tranqüilas. Eu não conseguia ouvir o que eu mesmo estava cantando, ficou chato. Mas hoje em dia não penso assim: as duas coisas ajudam a fazer com que minha vida não seja unidimensional. É bom se envolver com coisas diferentes.

Do início da banda até hoje, a indústria de rock mudou demais, e cresceu muito. Como o Tull se encaixa na situação atual?

Não preciso me preocupar muito com isto porque nós operamos fora dos parâmetros normais. O Jethro Tull não tem um empresário, não trabalhamos com produtores em nossos discos. Não sofremos qualquer tipo de pressão da gravadora, porque eu pago os custos de realização de um disco e de manutenção de um grupo em funcionamento: somos inteiramente independentes. O que acontece é que a indústria fica responsável pelo lançamento e pela divulgação dos discos. Começamos numa época em que as coisas eram menos norteadas pelo comercialismo. As coisas mudaram, mas nós permanecemos os mesmos. O que aconteceu, no fim das contas, é algo que tem a ver com show-business: o barato do show-business é papo furado, a manufatura de heróis de mentirinha, maiores do que a própria vida, sob a forma dos Richard Marx da vida. É esse o trabalho das gravadoras: promover os artistas. Os empresários é que bolam como deve ser o visual e o comportamento desses artistas, que passam a ser a visão dos empresários. E, às vezes, os próprios artistas querem ser iguais a alguém que viram na MTV. Se a MTV for a coisa mais importante na vida deles, é daquele jeito que eles vão querer ser. A música passa a ter menos importância do que a idéia de se tornar um astro. Aí tudo vira uma única grande fórmula. No fundo, no fundo, a indústria é formada por acionistas das gravadoras, e diretores e administradores designados, cuja função é defender os interesses destes acionistas. A música é a *commodity* que a indústria usa para negociar. Em termos mais simples, trata-se de um negócio, de um *business*. E do jeito que as coisas vão indo, a tendência da indústria é se concentrar em três ou quatro gravadoras somente, sem nenhuma companhia de porte médio e uma enormidade de selos independentes de interesse minoritário. Antigamente havia os três níveis: grandes companhias, médias e diminutas. Aquilo, sim, é que era salutar.

Abaixo, o piscicultor e sua flauta no palco do Ginásio do Ibirapuera (SP)


Giovano Azul

Rui Mendes / Azul

Quando Daguerre, inventor da fotografia, criou um caleidoscópio gigante, capaz de refletir em milhares de espelhos objetos de grande porte e o batizou **Diorama**, nunca poderia imaginar que estaria legando para um grupo de garotas, quase um século e meio depois, uma alcunha sob a qual essas ácidas sereias destilariam seu canto de amor e morte. Anna Ruth, Maria Andrade, Mari Setti e Charlie uniram, sob o céu enegrecido de São Paulo, influências tão díspares quanto o pop inglês dos anos 60 e o pulso firme da cozinha de grupos pós-punk como Gang of Four e Au Pairs. Na sua fórmula de encantamento ainda há espaço para as melodias amargas de Tom Verlaine e para o rock dos 50.

A configuração celeste devia estar num de seus melhores dias quando as quatro meninas se encontraram no Estúdio Eldorado para gravar sua participação na faixa de Akira S, pela mão de Pedreira Antunes, na coletânea *Sanguinho Novo*, dedicada ao ex-Mutante Arnaldo Baptista. A partir desse encontro providencial, Anna Ruth e Mari decidiram aliar sua experiência rítmica devidamente testada e aprovada em grupos como o Cabine C e N.º 2 com as vozes e guitarras encantadas de Maria Andrade e da holandesa Charlie.

Wah-wahs e distorções calculadas, baixos pulsantes, baterias simples e concisas, mais uma boa dose de guitarras etéreas, concretizam o som mágico disfarçadamente cotidiano do Diorama. Suas palavras, tanto em inglês como em português, resumem com feminina sabedoria detalhes às vezes esquecidos das relações humanas, como em "Filmes" ("Filmes acabam/mas ando no meio/de histórias iguais/filmes são dias/com horas a mais/meu jogo é o meio/a sessão é a mesma"). Se depender da receptividade das platéias de seus primeiros shows, o Diorama já tem seu lugar assegurado nos toca-discos em manhãs docemente ensolaradas.

Gravar o primeiro LP é o sonho de nove entre dez bandas iniciantes. Entre as gravações caseiras de ensaios e o primeiro vinil há, em geral, um longo e árduo caminho — que só mesmo muita determinação consegue suportar.

Gravar o primeiro LP às próprias custas, sem o apoio de uma grande gravadora (ou mesmo um selo independente já estruturado), implica um caminho ainda mais acidentado.

As bandas mineiras **Arte Final** *e* **Yam** *acreditaram no sonho e bancaram o desafio, lançando no mercado dois LPs independentes.*

Nas sete músicas gravadas pela Arte Final (formada por Guto na guitarra, Mário no baixo, Carlos nos teclados e Ruy Montenegro na bateria e voz), aparecem elementos do rock progressivo, somados a um baixo com slaps *freqüentes e letras desiludidas.*

Bob Dog Blues *é o disco de estréia do Yam (formado por Wilmar na guitarra e voz, Rony no baixo, Celso na bateria e Luiz, guitarra solo), na mesma linha das bandas que caracterizaram o rock mineiro dos anos 70 — mas sem os falsetes de Venturini e cia.*

CELSO MASSON/SP

Rodrigo C. migrou de Brasília para Piracicaba (interior de SP), onde encontrou Rodrigo B., também migrante, vindo de Londrina, Paraná. Além do primeiro nome, do fato de serem músicos e "forasteiros", tinham em comum a idade e a fixação por bandas inglesas. Encontraram Gerson e André (baixo e guitarra, respectivamente) e juntos formaram o **Killing Chainsaw**, em 1989.

Pixies, Primitives, My Bloody Valentine e Jesus & Mary Chain entraram indistintamente na receita deste coquetel, para o qual seus *blenders* souberam acrescentar fortes letras e melodias bem desenhadas.

Paralelamente ao Chainsaw, os garotos desenvolveram outro projeto: o Crepúsculo Ignoto. Foi com este disfarce que tocaram no estádio local para duas mil pessoas, preparando o terreno para Maria Angélica, Garotos Podres e Ira!, na última noite de um festival que incluiu ainda Gueto, Inocentes e Sepultura. Longe de fazer feio diante das feras, enfrentaram e surpreenderam o público e as outras bandas — sobretudo o Maria Angélica, que viu "Another Life", de seu repertório, como cover do grupo.

O Crepúsculo foi abandonado, mas o Killing Chainsaw continua com todo o gás. Letras agressivas, cantadas em inglês justamente por seus altos teores de violência, não descartam a possibilidade de serem casadas com versos de Shakespeare, como na canção "My Prayer (My Fuckin' Prayer)", em que uma citação do autor de *Macbeth* desencandeia uma verdadeira ode anticlerical. Olho neles!

Desde que o Crespúsculo de Cubatão — considerado o reduto dark carioca — fechou suas portas em setembro passado, ficaram mais raras as apresentações de bandas independentes na cidade. Menos sombrio, em seus últimos dias o local passara a ser freqüentado por outras tribos e promovia shows ao vivo. Quem mais aproveitou essa fase foi o **Ao Redor da Alma**. *Ativo desde 87, o quarteto formado por João Branco (voz e letras), Claude Capdeville (baixo), Roberto Nascimento (guitarra) e Pedro Serra (bateria) vê Doors, Velvet Underground e Killing Joke como suas maiores influências. As imagens sugeridas nas letras ("Junto às paredes que se diluem/como uma pintura sem autor/promessas escorrem manchando a roupa...") aliam-se a um instrumental climático. Em busca de novos espaços, atualmente o grupo vem divulgando seu trabalho através de uma demo com três músicas recentes e clips do videomaker Paulo Severo.*

AO VIVO

LFI

PAUL McCARTNEY

O público presente na estréia londrina do sr. McCartney reflete o apelo ecumênico dos Beatles na história do século vinte. Entre velhos hippies e jovens de terno e gravata, vê-se várias crianças. É a primeira vez em treze anos que Macca pisa em um palco inglês, e a reaparição, convenhamos, vem embalada no grandessíssimo estilo das megaturnês que marcaram os anos 80.

Do lado de fora do ginásio (a Arena está para o estádio de Wembley assim como o Maracanãzinho está para o Maracanã), um feixe de lasers decora o céu nublado. Aqui dentro, sobre cada cadeira, pousa um programa do show: grátis, com cem páginas de entrevistas e fotos de toda a carreira, além de informações sobre os Amigos da Terra, a entidade preservacionista promovida durante a turnê *Flowers In The Dirt*.

As luzes se apagam pontualmente às oito horas, e por mais de dez minutos vemos 25 anos na vida do ilustre e grisalho cara-de-bebê condensados em imagens editadas por Richard Lester (o diretor de *A Hard Day's Night* e *Help!*, que está filmando toda a turnê para um documentário). Numa tela gigantesca, ao som de "Hard Day's Night", "All You Need Is Love" e "The Long And Winding Road", temos um desfile que começa com o calvário *rocker* dos Beatles num inferninho de cais do porto (o Star Club, em Hamburgo) antes dos teminhos, franjinhas e yeah-yeah-yeahs, passando pela conquista rápida do planeta (vamos encarar os fatos: eles *eram* mais populares que JC!), entremeado com flashes de Martin Luther King, a guerra do Vietnã e os dois casamentos que abalaram os anos 60: Paul e Linda, é óbvio, mais John e Yoko. A última imagem é da banda que o acompanha atualmente, e — pimba! — lá estão eles no palco repentinamente iluminado.

São duas longas horas de canções escolhidas a dedo. *Flowers In The Dirt* comparece com quatro faixas. "Figure Of Eight", "We Got Married", "My Brave Face" e a sentimentalíssima "Put It There" são bem recebidas, mas a platéia parece preferir canções mais antigas do McCartney solo ou com os Wings. E lá vêm elas, hits inevitáveis como "Band On The Run", "Live And Let Die", "Jet" e "Maybe I'm Amazed" em interpretações vigorosas, sem dar chance a sucessos menos inspirados como "No More Lonely Nights".

A maioria veio mesmo para assistir ao velho Macca fazer as pazes com o status de ex-Beatle, do qual procurou fugir durante mais de uma década. Bem-aventurados fãs, que serão plenamente saciados. São mais de quinze músicas do repertório do "quarteto fantástico", ou melhor, "fabuloso" — algumas delas nunca tocadas ao vivo (os Beatles pararam de excursionar em 66). "Sgt. Pepper's..." é acompanhada de efeitos psicodélicos no telão. "The Fool On The Hill" traz Paul num pequeno piano que rodopia e sobe até o teto. "Let It Be" e "Hey Jude" são executadas com simplicidade num outro piano, este de cauda. O rock'n'roll rasgado contagia com "Can't Buy Me Love", "I Saw Her Standing There" e "Back In The USSR". Completam a lista: "Things We Said Today", "Yesterday", "Got To Get You Into My Life", "Eleanor Rigby", "Get Back" e um *medley* tirado de *Abbey Road*, com "Good Day Sunshine", "Carry That Weight", "Golden Slumbers" e "The End". A banda, acima de tudo competente, tem Linda McCartney nos teclados — felizmente amparada por outro tecladista, Wix —, Robbie McIntosh (ex-Pretenders) e Hamish Stuart nas guitarras, mais Chris Witten na bateria.

No final da maratona, a adoração palpável, quase sólida, não se desmancha no ar.

A turnê *Flowers In The Dirt* parece uma visita à Disneylândia: mítica, histórica e — por que não? — deliciosamente divertida.

DEFALLA

Os gaúchos do DeFalla sempre conseguiram compensar as falhas e indefinições em seus rumos musicais com shows absolutamente energéticos. Tanto que, após a substituição da baterista Biba Meira por Castor, a banda ressurgiu com um LP independente gravado ao vivo — *Screw You!* — e um repertório fundamentado no hard rock. Esta predileção pelo contato direto com o público mostrou-se novamente eficaz nas três noites em que se apresentaram no exíguo Espaço Retrô, em São Paulo.

As aberturas dos shows ficaram a cargo de três bandas adequadas para preparar os tímpanos: os gaúchos do GBRA na quinta e no sábado (aqui, também, com a participação do quarteto feminino Volkana) e o grupo brasiliense Dungeon na sexta. Todas muito pesadas, mas nenhuma especialmente brilhante — com a possível exceção do show-relâmpago (duas músicas) do Volkana. Estava pronto o terreno para a entrada do DeFalla.

Reduzido ao formato de trio (com a saída do guitarrista Marcelo Truda), o grupo começou a detonar as músicas de *Screw You!* num volume ensurdecedor, em versões ainda mais *thrash* do que aquelas registradas em vinil. Pauladas como "Useless Baby", "Holy Trash", "Fuckawall" e "Screw You Suzie Doll" eram conduzidas através dos espasmos distorcidos da guitarra de Edu K — já mais apegada a riffs básicos —, enquanto a cozinha formada pelo baixo de Flávio Santos e a bateria de Castor completavam a muralha de decibéis.

Mesmo espremido no minúsculo palco do Retrô, Edu K conseguiu justificar sua fama de bom *performer*, vociferando as letras (incompreensíveis entre a zoeira instrumental), ou berrando suas baixarias já características para a platéia. Seu último visual — um misto de Joey Ramone com Slash — já perdeu o impacto de quando usava saias e vários penduricalhos, mas ele ainda continua sendo um *frontman* carismático. Sua figura comandava a festa de um pequeno, porém fanático, séquito de admiradores.

No entanto, a saída da guitarra de Truda comprometeu o pique do grupo. Isto ficou nítido na comparação desta série de apresentações com o show realizado no Dama Xoc (SP), registrado no disco. A interação entre as duas guitarras cedeu lugar apenas às linhas básicas de Edu K. Quase todas as músicas executadas eram recortadas por vácuos não preenchidos pelas guitarras.

Talvez o melhor dos shows, quando este detalhe ficou minimizado, tenha sido o segundo. O som do local estava melhor equalizado e a banda pareceu mais afiada, superando suas atuais limitações pela garra. Numa seqüência de deixar sem folêgo a audiência, eles tocaram com fé praticamente todo seu novo repertório, cabendo apenas ao final a nota destoante. A exemplo da canhestra cover de "Rock'n'Roll", do Led Zeppelin, incluída em *Screw You!*, o grupo fechou o show com uma semi-irreconhecível versão de "God Save The Queen", dos Sex Pistols.

Tudo bem, ninguém é perfeito.

e Rosenberg Azul

LULU SANTOS

Como recordista de público do Canecão — uma média de 3 900 pessoas por dia —, Lulu Santos retoma consagrado a este palco; sob seu domínio, todos os fatores que o levaram a alcançar esta invejável marca. Pode ainda se dar ao luxo de ocupar pontualmente o horário das dezenove horas e ter casa cheia mesmo numa quinta-feira.

Intitulado Lulu Santos e Auxílio Luxuoso em Tournée, este show difere dos anteriores pelo balanço, em duplo sentido. Musicalmente, Lulu reprocessa boa parte do seu repertório utilizando ginga idêntica à de Popsambalanço e Outras Levadas, seu mais recente LP. Por outro lado, aproveita para, durante duas horas, passar em revista sua carreira. Ainda assim, hits como "Casa", "Sincero", "Tudo Azul" e alguns outros estiveram ausentes. De quebra, três canções inéditas apresentadas logo no início, "Pra Você Parar", "Papo Cabeça" e "O Muro" (de Berlim!), além de "Vôo de Coração", o sucesso de Ritchie.

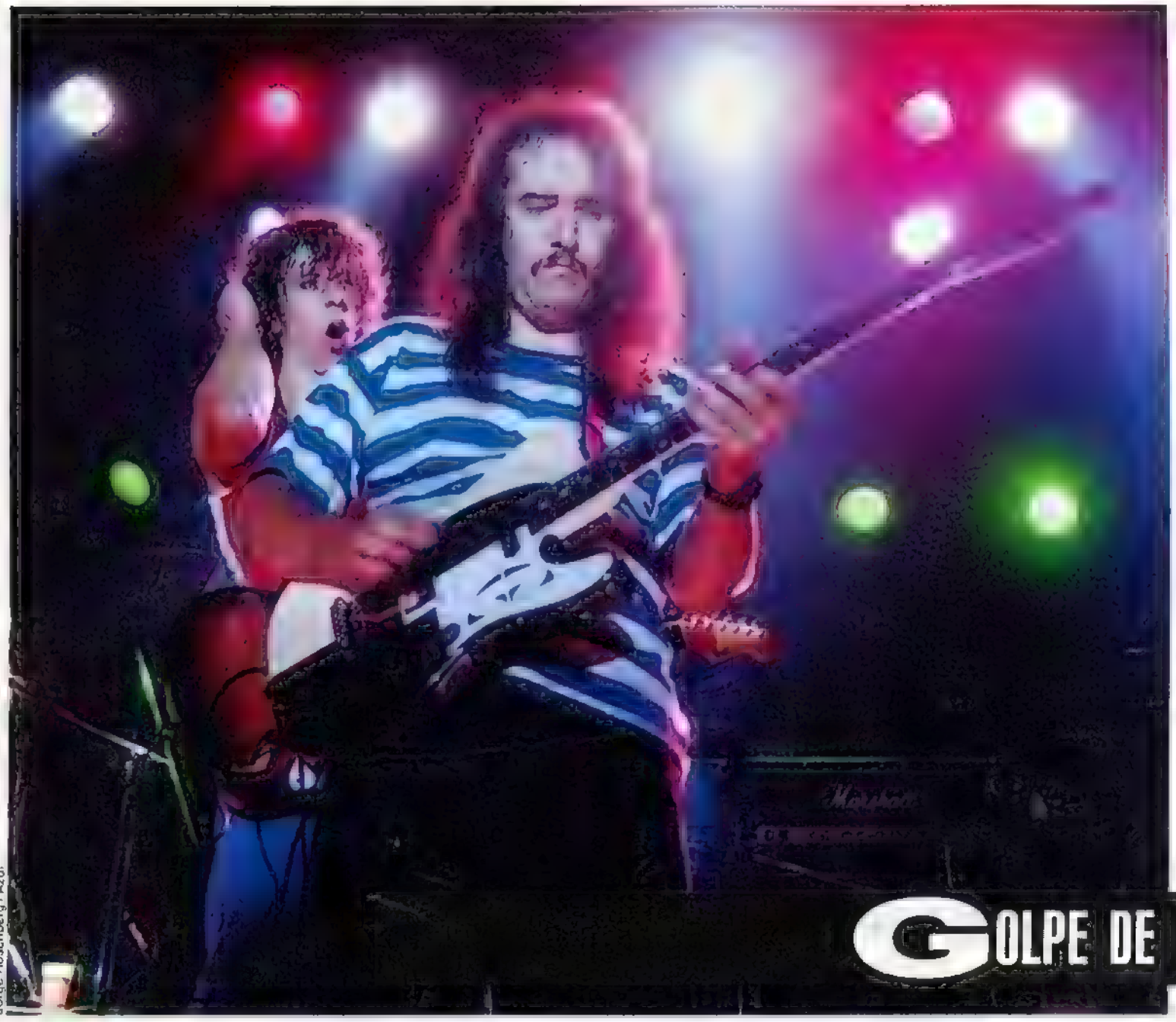
Decorado com bandeiras vermelhas, o palco parece pequeno para sua performance. Num pique aeróbico, ele sobe e desce escadas, pula, gira, corre, samba, rebola, ensaia coreografias com a platéia e, ufa!, canta e toca sem perder o fôlego. A expressão "suar a camisa" ganha dimensões homéricas. Uns vinte minutos depois do início do show, Lulu insinua um strip-tease tirando a camisa sob a mira de um canhão de luz. Como se fosse pouco para deixar a audiência feminina em polvorosa, ele torce a peça encharcada de suor até pingar a última gota, arremessando o que sobrou à turma do gargarejo. Além deste "brinde", Lulu e banda refrescam a platéia jogando água numa cerimônia apelidada por ele de "Estação das Águas — que Lambari seja aqui". Há certas coisas que só um calor de quarenta graus explica...

Ou talvez o fato de artista e público terem sido feitos um para o outro. Toda e qualquer manifestação da platéia — formada por fãs de todas as idades —, é destacada por forte iluminação. Ela não só responde às deixas do cantor, como o acompanha por iniciativa própria. Algumas vezes, entre uma música e outra, ouvia-se um coro entoar o conhecido "Lu-lá, Lu-lá..." Nem o verso alterado em "Toda Forma De Amor" ("Eu não nasci pra perder/ Eu sou do PT") sossegou os ânimos. Lulu, até então indiferente, saiu-se com essa: "Acho que este assunto está um pouco passado, mas tem a ver com o que vou falar. Confesso que fiquei tão surpreso quanto vocês com a majorada em 80 por cento do preço dos ingressos..." E ainda houve quem gritasse que estava barato.

Para o bis, Lulu chega majestosamente envolto numa imensa toalha e recomeça apenas com violão e percussão, num clima de luau. Depois de sete canções, despede-se abraçado à banda, todos dançando com os braços erguidos ao léu, no compasso da bateria eletrônica de "Como Uma Onda".

Enquanto o público permanecer fiel, lotando seus shows, Lulu Santos terá bons motivos para sentir-se rei.

Ricardo Siqueira / Azul



Jorge Rosenberg / Azul

GOLPE DE ESTADO

O dormente cenário do rock nacional precisa de bandas como o Golpe de Estado. Eles têm aquela espontaneidade de quem já passou mais de dez anos entrincheirado no rock'n'roll. Não fizeram parte da vanguarda paulista do início dos anos 80, pois já eram marcados por uma trajetória setentista de peso e blues. Enquanto os pós-alguma-coisa freqüentavam casas noturnas do tipo Madame Satã, os membros desta banda viviam o outro lado da moeda. O Golpe foi formado nos idos de 85, já com o ingrediente que o fez chegar onde está: a simplicidade.

Hoje, eles conseguem lotar todos os shows. Vale a pena citar que seus dois primeiros LPs (*Golpe De Estado* e *Forçando A Barra*) não tiveram uma gravadora do porte da Eldorado, responsável pelo último álbum, bancando e divulgando. Atualmente, nem só de fãs de hard'n'heavy vive o quarteto: são platéias bastante heterogêneas. Bom sinal. Talvez a mentalidade dos consumidores possa ir mudando pouco a pouco e a década que se inicia tenda menos ao pop.

Desde o momento em que pisa no palco até a saída sob insistentes pedidos de bis, a banda transforma o público numa espécie de coro de apoio. O pessoal não arreda o pé da pista e Catalau tem todos na mão, conversando naquele tom malandro que combina perfeitamente com as letras do grupo. Eficientes, injetam um clima festeiro, com muito álcool e fumaça de cigarro. A guitarra de Hélcio Aguirra não dispensa as influências "sabbathísticas", de quase duas décadas, sem muitos efeitos, mas esbanjando experiência.

Depois de algumas canções, Paulo Zinner mostra o que sabe fazer com sua bateria de apenas poucas peças. Todo o suor gasto no solo é recompensado pelos aplausos dos fãs. Aí vem a parte mais lenta do show, regada por blues e baladas como "Ignoro" e "Olhos De Guerra", em que Catalau também pega na guitarra. Tudo bem que, lá pelo meio da música, ele se esqueça ou enjoe e a Fender fique mais como enfeite.

O bluesman André Christovam entra em cena na sua habitual canja em "Moondog", do segundo LP, só na slide guitar. Continuando com as participações especiais aparece o tecladista Fernando, ex-Inox, para acompanhar o solo de Hélcio. De cara, atacam "The Loner", de Gary Moore, com arranjo próprio, emendando improvisos típicos da escola dos anos 70.

O ápice da noite se inicia quando retornam com "Filho De Deus", para em seguida brindarem a platéia com um punhado de seus melhores rocks, levando o Dama Xoc ao delírio. A última porrada ficou por conta de "Nem Polícia Nem Bandido", título do último disco.

Já se aproximavam as duas da madrugada, mas todo mundo pedia mais. A banda retribuiu com duas canções, mas ninguém se deu por satisfeito. Um roadie teve de ir ao microfone anunciar que era mesmo o fim. Por tudo isso, dá para imaginar um futuro cada vez melhor na trilha da banda.

Carlos Mancini / Azul

KID VINIL

Ele se move no palco como um troglodita esquizofrênico. É barrigudo e desajeitado, mas tem uma energia adolescente que faz inveja a qualquer jovenzinho da geração *diet*. Deixa a platéia acesa com uma incrível facilidade e, mesmo demonstrando sinais de exaustão, não perde o fôlego.

Tentando resgatar o espírito original do rock'n'roll, capaz de sacudir os ossos de qualquer alma viva, Kid não desanima nem diante de gritos como "sai fora seu velho!", que vez por outra a garotada rebelde-sem-causa brande do alto da arquibancada do AeroAnta.

A banda que o acompanha também não deixa a peteca cair, apesar de um problema técnico que obrigou o baixista Felipe a abandonar o palco logo na terceira música. Nivaldo (ex-Muzak) e Abel mostraram como é possível cobrir a ausência do baixo, com uma guitarra e uma bateria muito bem tocadas. Foi assim em "BR-116", de André Christovam (seu parceiro nos Heróis do Brasil). Felipe voltou na metade da música e o incidente em nada comprometeu o andamento do show.

Com o time novamente completo, foram apresentadas algumas das músicas do novo LP de Kid. Ainda desconhecidas da platéia, não fizeram tanto sucesso quanto o potpourri dos hits anteriores, que emendou "Eu Sou Boy", "Tic-Tic Nervoso" e "Ela Correu", de Caetano Veloso, popularizada na voz de Kid através da abertura de uma novela.

Numa oportuna homenagem a Billy Gato (guitarrista e vocalista dos Grilos Barulhentos, morto num acidente de carro ao sair do show dos Guana Batz, em São Paulo), o herói tocou "O Lindão", versão de Gato para "Honey Don't", de Carl Perkins. Mais tarde, declarando sua paixão por versões, tocou "Let's Twist Again", vertida numa esculhambação chamada "Let's Twist Gay", que botou a platéia para dançar e animou os mais incrédulos *psychobillies*.

Outras brincadeiras saudáveis, como "Franguinha Assada" e "João Paulo II" (ambas de Tico Terpins e Zé Rodrix, do Joelho de Porco), contagiaram uma facção oposta da platéia: os verdadeiros boys.

Atendendo ao gosto das duas freguesias, o show foi permeado por covers e versões, ao mesmo tempo que apresentou o repertório de seu último disco, *Kid Vinil*, lançado pela RGE. Enquanto presenteava com rock'n'roll os músicos do S.A.R. e dos K-Billies, que assistiam ao show, aproveitou para agradecer a fidelidade dos *psychos* que foram assisti-lo.

Para encerrar, atacou de "Buzum" — música que fala da precariedade dos transportes coletivos —, justamente no segundo dia da greve dos motoristas e cobradores de São Paulo, que teve a maior adesão de sua história. O refrão foi entoado em coro, e a platéia não aceitou a despedida.

Não mais preocupado em esconder sua protuberante barriga, Kid voltou ao palco sem camisa. Fez um bis com quatro músicas, incluindo duas covers: "Sheena Is A Punk Rocker", dos Ramones, e "Double Talking Baby", de Gene Vincent. Uma parte da platéia dançou para valer, enquanto outra foi se retirando da pista.

É impressionante como Kid Vinil aglutina hordas tão distintas de fãs. Só esta habilidade diplomática já valeria seu título de "herói do Brasil".

Num mercado fonográfico e radiofônico deformado como o deste país, a garra de algumas bandas em continuar remando contra a maré sem perder o punch e a dignidade é absolutamente necessária. Os Inocentes, além de barrados nas *play lists*, também não contam com a devida divulgação da gravadora. Enquanto vivem neste impasse, prosseguem na luta tocando e levando sua indignação até onde seja possível.

Depois de mais uma mudança de formação — saiu o baterista Tonhão e entrou César Romário, ex-Alma de Andróide —, o grupo, que definitivamente enterrou a estreiteza do termo punk, voltou à estação do inferno que é o verão na capital baiana para se apresentar no subsolo da maior biblioteca da cidade. A pista, repleta de ensandecidos representantes de tribos diversas, também mostrava os habituais curiosos em saber a quantas anda a galera surgida no início da década de 80 em Vila Carolina, São Paulo.

Os anos de estrada produziram um perfeito entendimento entre as guitarras de Clemente e Ronaldo, que veio se juntar ao peso da bateria e à precisão do baixo de André, produzindo uma performance unida e coesa, mesmo com o pouco tempo de César na banda. O rock é o princípio, meio e fim, mas durante o show, aberto pela local Utopia (cujo vocalista, André Lissonger, é a maior atração, desde que não fique louco o suficiente para esquecer a hora da apresentação como já aconteceu mais de uma vez), outras influências vão revelando as suas faces. Como em "Promessa", que utiliza elementos de baião como o velho Lua jamais sonhou, e "A Voz Do Morro", um flerte com o funk que produz resultados tão interessantes quanto "Tambores".

Esta, por sinal, é a mais raivosa canção brasileira sobre a diáspora negra: "ouço tambores vindos da África/eles me trazem um triste lamento/me dizem que a morte é o caminho mais fácil para acabar com tanto sofrimento". Cantada por Clemente, um negro, em Salvador, ganha uma dimensão simbólica forte, de fácil identificação para muitos dos presentes.

Percorrendo passado ("Não Acordem A Cidade", "Rotina" e "Expresso Oriente"), presente (o repertório do LP produzido por Frejat) e futuro (as inéditas "Abram Alas" e "O Homem Negro"),os Inocentes souberam até mesmo contornar o pouco espaço de palco e a meia dúzia de boçais radicais (punks?) que, aos gritos de "traidor do movimento", cobravam o passado do vocalista. Irritado, Clemente não deixou por menos.

Músicas como "A Face De Deus", uma letra inspiradíssima sobre os deserdados do sistema na vida urbana, com uma levada próxima ao rhythm'n'blues e "O Homem Que Bebia Demais", em homenagem a Robert Johnson, são os exemplos da maturidade e dos novos rumos que a banda trilha. A antológica "Pátria Amada" e "Pânico Em SP" encerraram a noite.

Suado e feliz, me mandei com uma certeza: os Inocentes não merecem sucumbir à lei do cão. Em nome do puro, velho e bom rock'n'roll sem frescuras.

Almir Bindilatti / Azul

RIO DÁ SAMBA? SÃO PAULO DÁ ROCK?

JOÃO DE BRUÇÓ E R. H. JACKSON

Fotos Gustavo Enrique / Azul

No Sesc Pompéia realizam-se, de tempos em tempos, festivais que são verdadeiras radiografias do rock nacional. Foi assim com *O Começo Do Fim Do Mundo*, o primeiro festival punk do Brasil, em 82; com *A Hardcore Rock Night*, do ano seguinte, em que pontificava a geração new wave: Voluntários da Pátria, Titãs, Mercenárias, Ultraje, Ira!, Capital Inicial. E com o *Não São Paulo*, no início de 86, que reuniu, entre outros, Nau, Muzak, Cabine C, Akira S e Maria Angélica. Ou com o projeto *Vira O Disco*, do começo do ano passado, que trouxe DeFalla, Fellini, Black Future, Chance, Violeta de Outono, Vzyadoq Moe e Ed Motta, revelando ainda o Kumbai Nidada e os jovens *rappers* de São Paulo. Agora, se a radiografia vale, o paciente vai mal. *Rio dá Samba? São Paulo dá Rock?* não só não respondeu à questão como deixou perplexidade no ar.

A primeira das cinco noites até que começou bem, mostrando um O-Kotô em grande forma, e boa qualidade de som no PA. A banda de André Fonseca e Cherry Taketani impressiona, ao vivo, pelo vigor e pela utilização de instrumentos orientais de cordas, o kotô e o shamisen, em contextos de pop-jazz-rock (algo próximo dos Missing Persons de Terry Bozzio). Uma chance de conhecer o verdadeiro som da banda, que a autoprodução chinfrim do seu primeiro disco conseguiu diluir. A seguir, um dos pontos altos do evento, o genial Moleque de Rua. Banda de periferia movida a batucada em latas velhas *cum* guitarras, o Moleque pratica o verdadeiro samba-industrial com uma alegria irresistível. A partir da terceira banda, As Matildas, primeiro grupo carioca do evento, é que começa a se revelar uma das linhas mestras do *cast* do evento, a da autocondescendência e do humor de extração universitária, que contagiam, com doses variadas de competência, esta e outras bandas: Saara Saara, Tango Sujo e Carroça Sem Rumo e o próprio Luni.

A segunda noite, dita "eletrônica", derrubou de cara as expectativas. O horrendo tecladista César Sunigan, uma espécie de Dr. Jekyll/Mr. Hyde do sintetizador — cascatas de teclados melosos, mistos de César Camargo Mariano e Jean-Michel Jarre, desembocando de vez em quando em subhip hop, à Herbie Hancock de terceira —, só conseguiu produzir um momento de interesse, com uma peça mais fragmentada acompanhada no telão por um belo exercício de computação gráfica. O Saara Saara, duo carioca no formato synth/voz, até que começou sua apresentação de modo interessante. Mas o repertório enorme e assemelhado, mais o pendor do vocalista para a paródia do bolero e do tango, estilo Duzek, acaba por irritar. Quem salvou a noite foi outro duo, o de João de Bruçó e R.H. Jackson (acompanhados de mais dois percussionistas), que, numa inesperada fusão de programações eletrônicas e ritmos nacionais, apontaram outra via para o rock brasileiro.

ÂNGELA DIP (CARROÇA SEM RUMO)

A terceira noite, de blues, não trouxe surpresas. Único dia com lotação esgotada, enorme competência dos três grupos — o de André Christovam, os Blues Etílicos do Rio e os iniciantes paulistas Blue Jeans —, solos de montão para impressionar o público. É curioso notar como o blues substituiu o jazz no gosto do público branco de classe média...

Para compensar, a seguinte foi a *black night*, única realizada no espaço dançante da choperia. E trouxe Luiz Melodia para mais um de seus concertos malemolentes, com uma banda de apoio cheia de ginga, e Skowa e A Máfia em um show cada vez mais afiado. Bailão. Só destoou a Chick Night, uma banda de covers liderada por Tuba (ex-Klini K), dispensável.

Na última noite, encerrando o evento, Tango Sujo e Carroça Sem Rumo — uma banda dupla, com um trio de instrumentistas e um trio de atores, que se revezam em vários tipos cantantes. Na falta do ator Marcelo Mansfield, sobraram as Harpias Grace Gianoukas e Ângela Dip, em uma apresentação engraçada, porém mais afeita ao teatro. Daúde, outra cantora "descoberta" por Nélson Motta, trouxe uma banda competente e um repertório "esperto" de versões — uma espécie de Marisa Monte negra. É esperar para ver no que dá. Luni, em momento de transição, jogou a pá de cal: uma apresentação insegura, com arranjos "de transição" para músicas antigas, músicas novas francamente ruins e a despedida da vocalista Marisa Orth. Melancólico.

Rio dá samba? São Paulo dá rock? Quem se importa?

CENSURAR NINGUÉM SE ATREVE — VÁRIOS (WOP BOP)

Abril

RENATO E SEUS BLUE CAPS

CBS

ROSEMARY

Divulgação

O rapaz (topete, calça brim coringa, alpargatas) e o broto (rabo-de-cavalo, calça "pescando siri" e camiseta de gola canoa) chegavam de lambreta ao baile, para tomar *hi-fi* (vodka com Crush) e *cuba libre* (Coca-Cola com rum) e dançar ao som do *swing* das grandes orquestras. Até que, em 55, o filme *Ao Balanço Das Horas* chegou à cidade. Na abertura, a trilha de Bill Haley and His Comets. Wow! Aquilo se chamava rock'n'roll. Barulhento, selvagem... A garotada descobriu a pólvora!

Naquele mesmo ano, Nora Ney gravou sua versão do hino da rebelião juvenil. Nascia o rock nacional. Mais comportado do que o original americano, ele ainda dava destaque aos instrumentos de sopro e realçava a herança *swing* do embalo dos "cometas de Haley". Aquela gravação, da qual tanto se fala ou se ouviu falar, permaneceu uma lenda perdida durante eras. Agora, 35 anos depois, ela abre uma preciosíssima coletânea sobre os anos dourados do rock brasileiro pré-jovem guarda.

O pioneiro do rock'n'roll aparece duplamente homenageado neste LP. Além da antológica versão de Nora Ney, cantando "Rock Around The Clock" em inglês, Agostinho dos Santos — autor de inúmeras baladas — comparece entoando "Até Logo, Jacaré", versão de "See You Later, Alligator", outro grande sucesso de Haley.

Entre as raridades, destaca-se ainda "Eu Sei", o primeiro compacto de Rosemary, editado em 62. Estridente e incrivelmente brega, a canção é uma versão da obscura "I Know" (61), de Barbara George. Tão rara quanto esta é a primeira gravação de Renato e Seus Blue Caps, "Espante A Tristeza" (60), ingênua e espontânea como o espírito do rock que caracterizava o final dos anos 50.

"Dinah" (61) é o rock-balada do LP, ao estilo de Paul Anka e Neil Sedaka, cantado por Clério Morais. Mais embalada, mas igualmente romântica, a canção "Diga Que Me Ama" (60) revela os dotes do brotinho Sônia Delfino. Apesar de pouco conhecida, ela poderia ter concorrido com Celly Campelo pelo título de musa do rock brasileiro, como diz o excelente encarte do disco.

Albert Pavão cantava as coisas mais engraçadas, isso já em 59 — seu "Biquininho" é um achado. Na faixa selecionada, ele revela seu medo de andar de elevador e o azar de namorar uma garota no "Vigésimo Andar" (versão de "Twenty Flight Rock", de Eddie Cochran, mais recentemente regravada pelo grupo paulista Coke Luxe). O arranjo é de Rogério Duprat e a guitarra, de Heraldo do Monte. Na mesma vertente engraçada, o "Rock Do Soluço" é uma das raras incursões do carioca Fernando Costa pelo rock.

Mas o ponto alto do LP *Censurar Ninguém Se Atreve* são os números instrumentais. Canções como "China Rock", do grupo The Avalons, e "Boudah", com The Jordans, mostram que eles eram herdeiros diretos do som dos Shadows e Ventures. The Avalons ainda acompanham os vocais de Regiane, na balada "Frankie" (59) — Frankie e The Avalons, que trocadilho!

Bacana também é a "Lição De Twist" (62), com marcação de palmas, piano *boogie* e vocais dissonantes do Conjunto Alvorada, formado por quatro brotos, entre elas Meire Pavão, cantora de hits como "O Que Eu Faço Do Latim?" (64). Mas isso já é outra história.

FREEDOM — Neil Young (Reprise/WEA)

Proto-*cyberpunk* em *Trans*, ingênuo *rock'n'roller* em *Everybody's Rockin'* (ambos de 83), caipirão em *Old Ways* (86) e líder de uma *big band* em *This Note's For You* (88). Errático e imprevisível, Neil Young ultrapassou os anos 80 encarnando a extrema antinomia da condição humana. Sempre pronto a revisitar-se, preferindo queimar a enferrujar, ele aglutinou as tensões e o cinismo de uma geração desencantada neste que é o seu vigésimo segundo LP solo, *Freedom*.

Lançado originalmente em 89, o álbum foi imediatamente incluído pela *Rolling Stone* na listagem dos cem melhores discos da década. Tal reconhecimento não se mostra prematuro nem tampouco exagerado, já que *Freedom* é simplesmente o mais arrebatador *guitar album* jamais gravado por Young; um registro que flui com perfeição por entre a doce volúpia dos violões de *Harvest* (72) e a sanha elétrica do lado B de *Rust Never Sleeps* (79) e do LP *Re*ac*tor* (81).

A bem da verdade, o disco nasceu de uma série de projetos abortados, dentre eles uma nova parceria com os Bluenotes, o misterioso projeto *Times Square* (que seria um álbum de Young) e o LP *Eldorado*, espécie de resumo de sua turbulenta excursão pelo extremo Oriente. E por incrível que pareça, esta junção de alhos com bugalhos mostrou-se irretocável, desvelando um Neil Young como há muito não ouvíamos. Capaz de se entregar a paroxismos de subversão sônica, devaneios insanos, autopunição e descargas poéticas furiosas; tudo fruto da mesma autovivissecção intuitiva, da mesma catarse existencial.

Das doze músicas aqui expostas, pelo menos quatro podem ser chamadas de obras-primas: a brutalizante *love song* "Don't Cry" (que abriga dissonâncias capazes de rivalizar com o pouso forçado de um Boeing 747!), "Eldorado" e o seu surrealismo hispânico, a versão elétrica de "Rockin' In The Free World" e a dramática releitura para "On Broadway", de Leiber & Stoller, que se encerra com o nosso herói implorando aos berros por *crack*... Agudamente crítico e inquiridor, Neil Young fez de *Freedom* uma desconcertante elegia para uma era em seus estertores. A nós, resta a estupefação da descoberta. *Arthur G. Couto Duarte*

LOTUS — Santana (CBS)

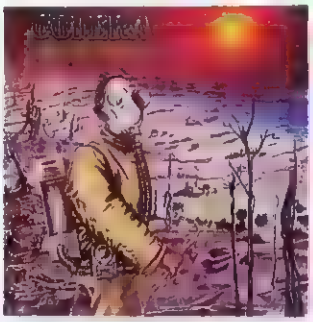
Este álbum triplo foi lançado apenas no Japão, em 74, tendo sido editado nos EUA no final dos anos 70, constituindo-se até então numa raridade para os fãs do Santana. Os discos retratam dois shows da tour japonesa empreendida pela banda em 73, época em que o guitarrista Carlos Santana iniciava uma nova orientação para sua música — abandonando gradualmente os ritmos latinos em favor de uma linha mais ligada ao jazz rock — e entrava em sua fase mística (influenciado pelo guru indiano Sri Chinmoy). *Lotus* reflete bem este período de transição, apresentando balançadas composições dos primeiros LPs de Santana ao lado de elaborados delírios instrumentais, além de uma luxuosa capa, repleta de motivos religiosos. *C.P.*

BALBOA FUN*ZONE — Adolescents (Roadrunner/Eldorado)

Old punks never die! Com dez anos de estrada e ainda contando com três elementos da formação original — incluindo o guitarrista Rikk Agnew e o baixista Steve Soto, responsáveis pelas composições e revezando-se nos vocais principais —, os Adolescents continuam tão bons e vivos quanto em 81, quando lançaram seu homônimo álbum de estréia, um clássico. Neste terceiro LP (editado originalmente em 88), o quarteto prova que ainda não deixou a peteca cair, em doze energéticas faixas que seguem a típica linha do punk californiano: um rock'n'roll deslavado somado a infernais doses de *hardcore*. Como curiosidade, vale citar a frenética versão do grupo para "Instant Karma", de John Lennon. *F.N.*

SLIP OF THE TONGUE — Whitesnake (EMI-Odeon)

Se os fãs do Whitesnake reclamaram da falta de consistência do LP anterior do grupo, foram recompensados com este novo álbum. David Coverdale, desta feita, está coadjuvado pela guitarra extremamente criativa de Steve Vai (que já tocou com Frank Zappa e David Lee Roth), além de contar com a cozinha firme do baixista Rudy Sarzo (ex-Quiet Riot) e do baterista Tommy Aldrige (ex-Ozzy Osbourne e outros). Entre os destaques, a regravação de seu antigo hit "Fool For Your Loving". *L.R.*



VERDE, NÃO DEVASTE ! — Cólera (Devil)

O Cólera tem lá seus méritos, principalmente extramusicais: seu vocalista/guitarrista Redson sempre foi um destacado agitador no meio punk, mantendo as idéias do movimento. Agora, o som da banda é de uma infantilidade atroz, repetindo clichês desgastados por mais de uma década. E a extrema ingenuidade das letras enterra qualquer tentativa de se levar a sério as propostas reivindicatórias do grupo. *C.E.M.*

STRANGE ANGELS — Laurie Anderson (Warner/WEA)

Ainda que não possa ser necessariamente atrelado à música pop, o novo LP de Laurie Anderson (mostrado em primeira mão no Brasil durante as apresentações da artista no festival Tucano Artes, no Rio) é certamente o que mais se acerca das fronteiras do gênero. Desta feita, ela até canta de verdade, passeando com desenvoltura tanto pelo torpor onírico de "The Dream Before" quanto pelo *cyborg samba* "Beautiful Red Dress" (neste último, junto aos Ambitious Lovers). Ela também consegue emoldurar seus absurdos *insights* acerca do co-

tidiano em canções (relativamente) curtas e bem delineadas. OK, não há outro "O Superman" à vista, mas *Strange Angels* esbanja vigor e acessibilidade. *A.G.C.D.*

MOTHER'S MILK — The Red Hot Chili Peppers (EMI-Odeon)

Heavy com samplers de *house*, funk com refrão de hard rock, jazz rock com introdução funk, cover de Stevie Wonder ("Higher Ground")... Não dá para acreditar no mix prensado por estes freaks californianos — agora mais barulhentos, com baterista e guitarristas novos. Sem perder o eterno humor, a certa altura eles pedem — de joelhos — que seus clips passem na MTV. A faixa, ironicamente chamada "Funk Rock Classic", é um trem em disparada, que termina satirizando o solo mais popular do Guns N'Roses. Pensando bem, o que esperar de uma banda que tem um baixista cabeludo chamado Flea (pulga)? *M.P.*

DISCO — Pet Shop Boys (Parlophone/EMI-Odeon)/**CRACKERS INTERNATIONAL — Erasure** (Mute/WEA)

Também nos remixes, o elegante tecnopop dos Pet Shop Boys põe no chinelo o baticum chinfrim do Erasure. *Disco* (que tem seis faixas, sendo duas inéditas: "In The Night" e "Paninaro", e duração de LP) só frustra no remix um tiquinho burocrático da ótima "West End Girls". Chega aqui com três anos de atraso. *Crackers...* é um EP, com as versões normais e mix de "Stop!" e "Knocking On Your Door" e mais duas faixas inéditas, enquanto o LP novo não vem. *A.A.*

SCREW YOU ! — DeFalla (Devil)

A saída da baterista Biba Meira e a admissão do *guitarman* Marcelo Truda (ex-Taranatiriça) selaram o que já se prenunciava nos shows feitos pela banda em 88, ou seja, a transformação do DeFalla numa formação *thrash hard*. Isso implicou não só a extirpação das matizes funk, soul e hip hop que marcaram seus dois primeiros LPs como também a perda de boa parte da criatividade que o grupo vinha imprimindo ao nosso rock. Gravado ao vivo no Dama Xoc, em São Paulo, *Screw You!* traz temas inéditos, uma releitura para "Não Me Mande Flores" (do primeiro LP da banda) e covers para "Smokin' In The Boys' Room" (Brownsville Station) e "Rock'n'Roll" (Led Zeppelin). Um disco pesado, é verdade, mas rigorosamente previsível. *A.G.C.D.*

HITS COLLECTION — The Searchers / THE BEST OF THE FOUNDATIONS — The Foundations / TOO FAST TO LIVE AND TOO YOUNG TO DIE — Mungo Jerry (Young/RGE)

Apesar de já terem sido lançadas há algum tempo, estas três coletâneas — editadas originariamente pelo selo britânico PRT — mantêm sua importância por abordar competentemente grupos mais ou menos obscuros do pop inglês dos anos 60. A melhor delas é a do quarteto de Liverpool, The Searchers. Surgido em 61 na esteira dos Beatles, o grupo tinha sua força nas perfeitas harmonias vocais e linhas de guitarras elaboradas (sendo considerado um precursor dos Byrds). Esta compilação reúne quinze de seus maiores hits, no período 63/66, como "Needles And Pins", "Sweets For My Sweet" e outros. Já os Foundations eram um grupo multirracial formado em Londres nos idos de 67, como uma resposta britânica ao *Motown sound*, alcançando um sucesso mediano com seu simpático coquetel de *soul music* antes de se dissolver, em 70. Vale a pena conferir sua coletânea que inclui algumas faixas ao vivo. Por fim, temos o pop peculiar — misturando instrumentos elétricos com banjo, piano e baixo acústico — do quarteto londrino Mungo Jerry, que explodiu em 70 com o hit "In The Summertime". Esta e mais treze canções estão presentes em sua compilação. Uma trinca do barulho. *C.P.*

PURE — The Primitives (RCA/BMG-Ariola)

Liderados pela graciosa vocalista Tracy Tracy e o guitarrista Paul Court, os Primitives foram apontados em seus primórdios como um dos mais significativos grupos da *blonde fever*. Tal movimento preconizava como suas maiores influências bandas como Blondie, os *girl groups* e a psicodelia dos anos 60, tendo durado cerca de três anos (até 88), época em que muitos de seus principais integrantes — Parachute Men, Flatmates, Darling Buds — começaram a renegar este rótulo e a buscar novas formas de inspiração. Dentre esses grupos, os Primitives foram os que mais se distanciaram de sua proposta inicial, expressa nas faixas de seu álbum de estréia, o genial *Lovely* (88).

Já com uma posição consolidada, tanto no cenário europeu como no dos EUA, era previsível que neste segundo LP o grupo elevasse a proporções maiores sua afinidade com o lado pop, investindo de maneira mais direta no sentido comercial. Mas, para surpresa da crítica, céticos em geral, e um certo desapontamento da maioria dos fãs — leia-se aqueles que conheceram a banda não em sua fase *indie* no selo Lazy, mas já na RCA —, eles tomaram um rumo musical oposto. Em *Pure*, a maior parte das composições apresenta um desvinculamento com os popismos em geral, reforçando uma pesquisa mais intensa nas atmosferas psicodélicas que, até então, eram usadas apenas como um elemento a mais na obra do grupo.

O disco é agradável em vários sentidos, até mesmo no "carro-chefe" "Sick Of It", um saudável exercício de colocar nos primeiros lugares da parada uma letra na qual Tracy canta "estar farta de tudo". A produção é singela e não se aventurou em exageros, e as letras mostraram um sensível amadurecimento, com os versos apresentando uma aura de amargura e sonhos desfeitos.

Algumas das composições, como a já citada "Sick Of It", "Secrets", "Keep Me In Mind" e "Never Tell" ainda remontam à fase *blonde fever* de *Lovely*, mas outras revelam-se estupendos achados. "Outside", "Summer Rain" e "Dizzy Heights" são verdadeiros caleidoscópios sonoros, enquanto as canções interpretadas por Paul J. Court soam como uma digressão aos fantasmas psicodélicos de San Francisco. *Fernando Naporano*

NEM POLÍCIA, NEM BANDIDO — Golpe de Estado (Eldorado)

Em seu terceiro LP, o Golpe continua firme em seu hard rock, apesar de ainda faltar um cuidado maior com as letras, que tratam de temas cotidianos de forma um tanto banal. Porém, o quarteto está bem ciente do que faz: tem um vocalista carismático (Catalau), um guitarrista que cria solos e riffs cortantes (Hélcio) e uma precisa base de baixo (Nelson) e bateria (Paulo). Para completar, a participação do *bluesman* André Christovam na produção do disco soube realçar as qualidades do grupo. *L.R.*

BLAST — Holly Johnson (MCA/WEA)

No momento em que o pop britânico vive um momento de intensa renovação em termos de tendências musicais, o ex-vocalista do Frankie Goes To Hollywood repete em seu primeiro LP solo a mesma sonoridade apresentada há seis anos, época em que seu antigo grupo deambulava por algumas semi-inspiradas revisitações do tecido pop. *Blast* não é um álbum ruim. O problema é que o som pop ortodoxo, por mais bem-feito que seja, tornou-se uma das fórmulas mais copiadas dos anos 80. Por isto, as dez faixas deste disco soam tão desprovidas de imaginação e ousadia, qualidades com que Holly flertou nos tempos de FGTH. Trata-se de um álbum com um nítido apelo pop, porém, sem conteúdo. *F.N.*

DANÇA DOS ESCRAVOS — Egberto Gismonti (ECM/EMI-Odeon)

Desde sua consagração internacional com *Dança Das Cabeças*, ao lado de Naná Vasconcelos, Egberto não grava nada tão vibrante ao violão (instrumento em que, mais ainda do que nos teclados, o fluminense é grande mestre). *Dança Dos Escravos* quase chega lá. Se do lado A o disco ameaça privilegiar os momentos de virtuosismo mais vazio — inclusive uma interpretação oblíqua e fria do "Trenzinho Do Caipira" de Villa-Lobos —, é no outro, a partir da longa (quinze minutos) faixa-título, com direito a citação de composições antigas, como "Baião Malandro" e "Encontro No Bar", que a música de Egberto se ilumina e revela. Fecha o disco uma nova versão para a melancólica "Memória E Fado", de 83. *A.A.*

UHF (Natural)

Para onde vai o *indie rock* nacional? A questão permite considerações, mas tomar-se-á motivo de apreensão a quem venha ouvir o primeiro LP do grupo paulista UHF. Não satisfeito em injetar clichês de reggae e pop numa maçaroca "uêive", o UHF ainda se compraz com letras como a de "Rock 90": "Mamãe África querida, Vovó Ásia sabida/Europa fique fria, o Novo Mundo acordou/de 60 a 90 tudo mudou/trinta anos de batalha, muito rock'n'roll"... *A.G.C.D.*

THE ICEBERG (FREEDOM OF SPEECH... JUST WATCH WHAT YOU SAY) — Ice-T (Sire/WEA)/**GHETTO MUSIC: THE BLUEPRINT OF HIP HOP — Boogie Down Productions** (Jive/BMG-Ariola)

Ice-T e KRS-1, a figura de proa das produções Boogie Down, não são de mentirinha. Para quem tem dificuldades em entender a contraditória evolução do hip hop, em que convivem — ou não — de ególatras delirantes e bufões à violência de brigadas paramilitares, nada mais esclarecedor do que a voz destes cronistas da condição negra na América. E particularmente da ilegalidade, em que ambos "estagiaram"... Não deve ser por acaso que o ex-traficante KRS-1 e o ex-ladrão e trambiqueiro Ice-T (ambos nova-iorquinos, só que T situou seus negócios em Los Angeles), responsáveis, respectivamente, pelos melhores discos de hip hop de 88 e 89, continuam à testa do gênero.

T, um cara-dura recém-saído de seu primeiro LP, em 87, conquistou a notoriedade quando convidou-se para compor a música-tema de *Colors*, o filme sobre a guerra das gangues de L.A. Ao lado do brilhante DJ Afrika Islam, com quem forma um dos times mais duros do hip hop, cometeu *Power* e agora este *Iceberg*, uma coleção de batidas urgentes e secas, *scratches* precisos, guitarras-ritmo e metais sampleados em *loops* aflitivos. A novidade está nas falas emprestadas por Jello Biafra, ex-Dead Kennedys, uma delas constituindo mesmo toda a faixa de abertura: "Shut Up, Be Happy", sinistra proclamação anunciando o controle total das massas.

A resposta é o próprio rap, no qual T propõe suas receitas desassombradas para ir vivendo: esperteza, violência contra a violência... e muito sexo

É o assunto de "The Girl Tried To Kill Me", um rock de verdade, com guitarra e bateria. Rap e rock, diz T, falam da mesma coisa: marginalidade.

KRS-1, apesar da história trágica da banda (o DJ Scott LaRock foi morto a tiros em 87), deriva para formas musicais mais amenas, nas quais desenvolve seus (consideráveis) talentos de produtor. A especialidade da Boogie Down — rap-reggae — está lá, além de outras experiências com ritmos marotos (particularmente "Jah Rules" e "World Peace", pérolas de rap-balanço) e sacolejantes. Mas, nunca, menos letais.

Alex Antunes

TEN GOOD REASONS — Jason Donovan (PWL/Stilleto)

Foi a partir de um seriado da TV australiana (*Neighbours*), em que contracenava com Kylie Minogue, que Jason Donovan também tornou-se conhecido na Inglaterra, lançando-se na carreira de cantor. E, assim como Kylie, o rapaz foi buscar guarida sob a tutela do trio de produtores/compositores Stock, Aitken & Waterman, responsável por nove entre dez hits juvenis da parada britânica. O resultado deste seu LP de estréia não poderia ser outro: nove faixas balançadas, pouco distinguíveis uma das outras e duas

baladinhas (uma das quais cantada em dueto com Kylie), todas imersas na mais absoluta pasteurização. Onze boas razões para desligar o rádio, ou mudar de estação. *C.P.*

OFFICIAL VERSION — Front 242
(RRE/Stiletto)

Cuidado com o ataque dos samplers assassinos! Você está entrando numa zona perigosa: o nascimento da *electronic body music*. A versão oficial desta "operação Frankenstein" foi lançada originalmente na Bélgica, em 87. Mais agressiva do que a lenta *new beat*, a EBM é a megassíntese eletrônica dos *bites and pieces* do Kraftwerk, DAF e Cabaret Voltaire com o pop industrial do Depeche Mode. Uma *beat* marcial dançante recheada de trechos sampleados de discursos de pastores evangélicos e sons chupados de filmes como *Videodrome* (no caso de "Masterhit", sucesso das pistas underground). Dance-se com um barulho desses! *M.P.*

CONTROLLED BY HATRED — Suicidal Tendencies
(Epic/CBS)

Consagrada como uma das melhores bandas a efetuar o *crossover* entre o punk e o metal, os rapazes do Suicidal Tendencies (agora um quinteto, ainda liderado pelo vocalista/letrista Mike Muir) desde seu homônimo álbum de estréia (de 83) já mostravam a que vieram: detonar um rock simples e furioso, que, pelas suas súbitas acelerações de ritmo e síntese das idéias e agitação da juventude radical, acabou convencendo e seduzindo as gangues de *skate punk*.

Essa mistura da linguagem punk com o metal, levemente adornada com rápidas pinceladas de música pop, concretizou a personalidade do som violento deste grupo californiano, que mesmo assim só veio a gravar seu segundo LP (*Join The Army*) em 87, com apenas Muir e Louche Mayorga — baixista e co-autor das músicas — tendo permanecido de sua formação original. Já sem a presença de Mayorga (substituído no baixo por Stymee), a banda lançou no ano passado o seu quarto LP, *Controlled by Hatred*.

O disco deixa bem claras as intenções do grupo: divertir o ouvinte debaixo de uma cacetada de decibéis. Basta escolher qualquer uma das nove faixas para se comprovar isso. "Feel Like Shit...Déjà-vu", por exemplo, faz de sua pulsação acelerada uma perfeita trilha sonora para manobras radicais sobre o skate. O mesmo pode ser dito sobre "Just Another Love Song", que, contradizendo seu título, é uma música muito pesada e veloz. O *hit single* "How Will I Laugh Tomorrow" comparece aqui em duas versões: a "video edit" (a mesma do álbum anterior do grupo, *How Will I Laugh Tomorrow When I Can't Even Smile Today*, de 88) e a "heavy emotion version", ambas estranhas e pesadas baladas num clima que, surpreendentemente, lembra Beatles (!). "Masters Of No Mercy" tem uma levada um tanto tradicional de hard rock, com os vocais até que suaves para o gênero, mas é plenamente compensada pelas pauleiras da faixa-título e de "Choosing My Own Way Of Life", ainda mais sintética e violenta. Por fim, o heavy arrastado de "It's No Easy" e a longa e metálica "Waking The Dead" fazem um bom contraponto para as faixas mais rápidas. Skate no asfalto e Suicidal Tendencies na cabeça!

Carlos Eduardo Miranda

RUNAWAY HORSES — Belinda Carlisle
(Virgin/EMI-Odeon)

Enquanto as vozes femininas do pop procuram redescobrir ou criar outros caminhos de interpretação, parece que a deliciosa Belinda deu uma paradinha no tempo. Neste seu terceiro álbum solo, a ex-vocalista das Go-Go's optou por seguir as vielas já preestabelecidas em seus trabalhos anteriores, ou seja, um pop trivial com pitadas de rock'n'roll. Entretanto, isto não chega a ser negativo, porque — ainda bem — o LP não é mais um daqueles mastodontes superproduzidos que dominam este tipo de realização. É uma reunião simples e charmosa de pop-rock, até com canja de George Harrison em duas faixas, na qual o carisma de intérprete de Belinda ultrapassa o das concorrentes. *F.N.*

TODOS OS LADOS — Capital Inicial
(Polydor/PolyGram)

Não, não se pode negar que o Capital Inicial venha se empenhando na correção de seus pontos fracos. Prova disso é esse *Todos Os Lados*, em que, por exemplo, a voz ocasionalmente semitonada de Dinho e as letras tiveram atenção especial. Infelizmente, tais reparos não funcionaram como um todo e não sanam aquele que é o maior problema do grupo: a falta de identidade sonora. Nesse sentido, vale ouvir "Vênus Em Pedaços" e "Mickey Mouse Em Moscou", nas quais Bozo Barretti & cia. vampirizam sem pruridos arranjos e timbres "titânicos". Pior do que isso, só mesmo a infeliz revisão para "2001" (dos Mutantes), que fecha assim um álbum fraco, ainda que bem-intencionado. *A.G.C.D.*

FLASH OF THE SPIRIT — Jon Hassell/Farafina (Capitol/EMI-Odeon)

Vindo do pequeno Burkina, um estado da África Ocidental, o Farafina é um octeto de música tradicional, à base de *balafons* (marimbas), percussão variada, voz e dança. Quando começaram a aparecer em alguns shows na Europa, a partir de 82, chamaram a atenção exatamente por seu purismo — uma postura contrária à de certos grupos africanos pseudo-exóticos, "para francês ver"... É curioso que tenham acabado colaborando com o trompetista da vanguarda americana, Jon Hassell, e seu percussionista J.A. Deane, que fazem uso intensivo de sons tratados e sampleados — e com resultados muito estimulantes. Trabalhando sobre as intrincadas levadas rítmicas do repertório do grupo, Hassell vai construindo seus climas etéreos, aspirados. Parte do material foi mixada por Daniel Lanois. Outra parte por Brian Eno, que não hesitou em enfatizar detalhes ou elementos de fundo da percussão dos africanos, chegando a eliminar outros. Consta que o pessoal do Farafina desaprovou o disco — pode até ser justo, do ponto de vista deles. Mas veto nenhum poderia negar a magia desses sons. *A.A.*

RÁPIDO & BRASTEIRO

Para começar esta seção em grande estilo, nada melhor que ir direto à reedição, no Brasil, do álbum duplo que traz a trilha de **AMERICAN GRAFFITI** (MCA/WEA). Lançada originalmente em 73, ela reaparece agora — pena que sem a capa dupla da primeira edição — como um ótimo apanhado do pop americano dos anos 50 e início dos 60. São 41 faixas com luminares do rock'n'roll (**Chuck Berry**, **Buddy Holly**) r&b (**Fats Domino**, **Booker T. and the MG's**), *doo wop* (**The Monotones**, **The Regents**), *surf music* (**The Beach Boys**), baladas (**The Platters**, **Bobby Freeman**, **Del Shannon**) e muito mais... Ainda sobre os *early sixties*, surge outro álbum duplo — **THE BRENDA LEE STORY (HER GREATEST HITS)**, via MCA/WEA — que traz 22 sucessos da cantora, passando pelas baladas, twist e *country music* com o mesmo timbre irritante. Seguindo pelas trilhas do country, pode-se tomar um rumo mais certeiro ao se ficar com o álbum (homônimo) da vocalista/compositora **Lucinda Williams** (Rough Trade/Stiletto), agradável e despretensioso. Com os direitos de vendagem totalmente revertidos para o movimento ecológico Greenpeace, foi lançada a coletânea dupla **RAINBOW WARRIORS** (RCA/BMG-Ariola), em que 27 pop stars doaram uma canção para o álbum, compondo um amplo leque musical que vai de **Grateful Dead** ao **R.E.M.** passando, é claro, por **U2**, **Sting** e **Peter Gabriel**. E **Phil Collins** surge com seu quarto LP solo: **...BUT SERIOUSLY** (Atlantic/WEA), um disco que gira em torno do óbvio ululante: baladas melosas repletas de versos piegas e arranjos funk ultraconvencionais. Já um campeão de vendagens, o LP é indicado para os apreciadores do som "padrão FM", nada mais. Por sua vez, os fãs de **Milton Nascimento** têm motivos para celebrar quatro relançamentos pela CBS: o álbum de estréia do cantor (67), **COURAGE** (69, com arranjos de Eumir Deodato), **MILTON** (76, com participações de Herbie Hancock e Wayne Shorter) e **JOURNEY TO DAWN** (79, os três últimos concebidos com o nítido intuito de adentrar no mercado fonográfico americano). Reunindo três bandas paulistas (**Kães Vadius**, **Kriptonitas**, **K-Billy's** e uma carioca (**A Grande Trepada**), a coletânea **DEVIL PARTY** (Devil) traz uma boa amostra do rockabilly nacional, que compensa até o horrendo desenho da capa. Por fim, uma pergunta: o que é que as bandas de rock baianas têm? Bem, se depender da coletânea **ROCK CONEXÃO BAHIA (14: Andar**, **Moisés Ramsés e os Hebreus**, **Cravo Negro** e outras), da Continental, e do primeiro LP do grupo de hard rock **Zona Abissal** (*), a resposta será: um limitado potencial criativo e nenhuma originalidade. Rapaziada, melhor mirar-se no exemplo do bom e velho Raul.

CELSO PUCCI

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Devil — R. 24 de Maio, 62, fls. 343/345, São Paulo (SP) — (011) 221-2142 / Natural — Av. Dois, 738, Rio Claro (SP) - (0195) 24-3136 / Wop Bop — R. Barão de Itapetininga, 255, fl. 25, São Paulo (SP) — (011) 231-4960 / (*) — Cx. Postal 2195, Salvador (BA) — (071) 231-1733

MANGA LONGA

NOVAS ESTAMPAS EM QUADRICROMIA

NEWROCK camisetas. NEWROCK camisetas

NEWROCK

FONE: (011) 240-2952

TAMANHOS: P, M, G

100% ALGODÃO

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

NEWROCK camisetas. NEWROCK camisetas

REF 180 COR BR
REF 175 COR BR, PR
REF 174 COR. BR
REF 189 COR BR PR
REF 171 COR PR.
REF 182 COR BR
REF. 177 COR PR CINZ.
REF: 170 COR: BR
REF: 184 COR BR
REF 173 COR BR PR
REF: 179 COR: BR
REF: 183 COR: BR, PR
REF: 190 COR: BR
REF 178 COR PR
REF: 160 COR BR
REF 161 COR PR
REF 162 COR: BR, PR
REF: 152 COR PR.
REF 142 COR: BR, CINZ
REF 172 COR: BR PR.
REF. 166 COR BR
REF. 110 COR PR
REF 125 COR: BR
REF 168 COR: BR
REF 112 COR BR
REF: 181 COR BR, CINZ
REF. 185 COR: BR CINZ
REF 187 COR BR, PR
REF. 186 COR. BR
REF 146 COR PR.
REF: 108 COR: BR
REF. 128 COR: PR
REF 158 COR: BR
REF 097 COR PR
REF 169 COR BR
REF 149 COR: BR
REF 032 COR: BR
REF 163 COR: BR, CINZ
REF 008 COR BR, CINZ
REF. 134 COR PR
REF 073 COR BR
REF 076 COR PR
REF 133 COR BR
REF 130 COR BR
REF. 108 COR: PR
REF 144 COR BR CINZ
REF 093 COR: BR, PR
REF 148 COR BR
REF 167 COR BR
REF. 080 COR. BR
REF 165 COR PR
REF 045 COR BR.
REF 115 COR BR
REF 135 COR: BR
REF 095 COR PR
REF 132 COR PR
REF: 019 COR: BR
REF 001 COR PR
REF 059 COR BR
REF 176 COR BR
REF 156 COR BR
REF: 164 COR: BR, CINZ
REF 141 COR BR CINZ
REF 157 COR: PR
REF 185 COR BR

PREÇOS

(MC) Manga Curta NCz$ 1.400,00

(ML) Manga Longa. NCz$1 800,00

MALHA ESPECIAL

PROMOÇÃO ESPECIAL

PARA QUE SEU PEDIDO SEJA ATENDIDO COM

SOMENTE COM ENTREGA URGENTE

NA COMPRA DE 7

SEDEX A COBRAR

- VOCÊ SÓ PAGA A ENCOMENDA AO RETIRA LA NO CORREIO
- O PRAZO DE ENTREGA É DE 48 HORAS, APOS A POSTAGEM
- OS PREÇOS DO SEDEX VARIAM DE ACORDO COM O PESO E A LOCALIDADE

VALOR DA COMPRA: _____ +despesas do Sedex

REF	COR	TAM	MOD	REF	COR	TAM	MOD

Nome: _____

End _____ Nº _____

CEP: _____ FONE: _____

CIDADE: _____ EST: _____

Envie esse cupom ou xerox para NEW ROCK - R. Capote Valente, 540/21 - 05409 - Pinheiros - São Paulo - S.P.

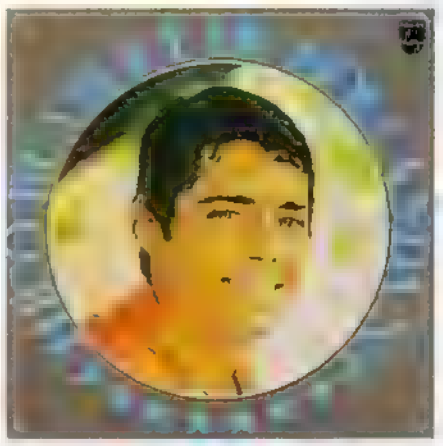
ATENDEMOS REVENDEDORES POR TELEFONE
ACEITAMOS PEDIDOS DE CATÁLOGOS ANTERIORES

AGORA SO ESTAMOS TRABALHANDO COM MALHA ESPECIAL

PREÇOS VALIDOS ATE 31/05/87

COMPACT DISC

Uma boa notícia para os fãs dos lendários **The Byrds:** a CBS edita em CD a coletânea **GREATEST HITS**, que traz algumas das canções mais significativas da banda californiana. Ainda vale citar os lançamentos de **FRAMPTON COMES ALIVE** (A&M/PolyGram) — álbum ao vivo de 75 do guitarrista **Peter Frampton** — e da desigual compilação **WHO'S BETTER, WHO'S BEST**, que engloba desde os principais compactos até os momentos menos inspirados do grupo **The Who**. A memória nacional também não foi esquecida, vindo a reboque da edição do mais recente álbum de **Chico Buarque** (RCA/BMG-Ariola) junto com os CDs **CHICO BUARQUE VOL. 4** (70) e **MEUS CAROS AMIGOS** (76) — ambos através da Philips/PolyGram — enquanto **Martinho da Vila** reaparece, via RCA/BMG-Ariola, com seu primeiro álbum (68) e **CANTA, CANTA MINHA GENTE** (74). Merecem registro os lançamentos



dos CDs da coletânea **DECADE**, do **Duran Duran** e **BIG BANG**, dos **Paralamas do Sucesso**, ambos EMI-Odeon. A gravadora também edita **DANÇA DOS ESCRAVOS**, de **Egberto Gismonti**, **DISCO**, dos **Pet Shop Boys** e **SLIP OF THE TONGUE**, do **Whitesnake**, enquanto a Warner/WEA ataca com **STRANGE ANGELS**, de **Laurie Anderson** (estes últimos quatro lançamentos resenhados na seção *Discos*)

BOLSA DE DISCOS

	OH MERCY Bob Dylan (CBS)	BRAIN DRAIN Ramones (Chrysalis/EMI Odeon)	HAUS DER LUEGE Einstürzende Neubauten (Some Bizarre/Stiletto)	BELOW THE WASTE The Art of Noise (China/PolyGram)	ROCK'A'ULA Os Cascavelletes (EMI Odeon)	NEITHER FISH NOR FLESH Terence Trent D'Arby (CBS)
ALEX ANTUNES Dez						
ANDRÉ FORASTIERI Folha de S. Paulo						
CELSO MASSON Bizz				●		
FERNANDO NAPORANO O Estado de S Paulo						
JIMI JOE O Estado de S Paulo						
JOSÉ ROBERTO MAHR Programa Novos Talentos					●	
LEOPOLDO REY FM 97, Santo André, SP			●			
CELSO PUCCI Bizz						

ÓTIMO

BOM

INTERESSANTE

RAZOÁVEL

FRACO

É pesa mais de 120 quilos e trabalha como açougueiro. A banda que lidera atende pelo seu nome e a sonoridade dela reflete a sua profissão. **Tad** demonstra ser o maior peso pesado do rock atual no LP **GOD'S BALL** (Sub Pop), um elo perdido entre o *hardcore* e o *thrash* em tom de catarse. Uma versão aflitiva de tudo que o Blue Cheer e o Mountain foram nos anos 60. Um grupo repugnante, colossal e ensurdecedor.

Seattle sempre foi uma cidade muito esquisita. Notória pelas altas taxas de suicídio, chuvas torrenciais e por ter sido o berço de Jimi Hendrix, atualmente ela tem chamado atenção por abrigar a mais demencial e tonitruante horda de *guitar bands* do planeta. À frente desta, posta-se o quarteto multirracial **Soundgarden**, criado em 84 e dono de uma sonoridade forjada à custa de um impensável amálgama de Black Sabbath, Minutemen, Killing Joke e Led Zeppelin. Após estrear com o LP *Ultramega OK*, o grupo detona **LOUDER THAN LOVE** (A&M), uma bomba de nêutrons armada em parceria com os *mixers* Michael Barbiero e Steve Thompson (Metallica).

Reatando a parceria que rendeu momentos extasiásticos, tanto na derradeira formação do Mott the Hoople quanto em LPs solo posteriores, o cantor/guitarrista/tecladista **Ian Hunter** e o guitarrista **Mick Ronson** (ex-Spiders from Mars) voltaram a excursionar juntos no final de 89. Documentando o evento histórico, o LP **YUI ORTA** (Mercury) conta com faixas que vão do mais incendiário rock'n'roll ("The Loner") à balada escancaradamente dolente ("Livin' In A Heart").

Jah Wobble, baixista fundador do PIL e responsável — ao lado do guitarrista Keith Levene — pelo experimentalismo radical da banda em seu início, acumula, desde a ruptura com o ranzinza John Lydon, uma extensa discografia. Ao lado de Holger Czukay (Can), do guitarrista Animal, do tecladista Ollie Marland e até de The Edge, Wobble coleciona já uns dez LPs e EPs. Mas o mais marcante é *Bedroom Album (83)* — gravado, é claro, em seu quarto —, uma intrigante coleção de climas urbanos ou arábicos, sombrios, envenenados por seu baixo e vocais imprecisos. Descendente direto desse é **WITHOUT JUDGEMENT** (KK), creditado não a Wobble, mas aos **Invaders of the Heart**, a banda que ele formou com David Harrow (teclados e tapes) Michel Schoots (bateria) e o guitarrista Justin Adams. Semi-improvisado, gravado ao vivo em um posto de polícia abandonado na Holanda, é uma pérola do rock atmosférico e intuitivo. O próximo, prometem Wobble e Adams, será gravado em um castelo escocês mal-assombrado.

O **Chrome**, fundado em San Francisco por Helios Creed e Damon Edge, levou mais longe a fusão da psicodelia com a violência *thrash*, num contexto *noise*-eletrônico. Entre 77 e 83 lançaram dez álbuns bizarros e visionários. Com a saída de Creed a banda continua ativa, mas meio descaracterizada. A boa notícia é que seu selo atual, o alemão Dossier, repôs em catálogo quase todos os discos da fase americana. Destaque para **HALF MACHINE LIP MOVES**, de 79, e **RED EXPOSURE**, de 80.

LETRAS

SEPULTURA

INNER SELF

(MAX CAVALERA/ANDREAS KISSER)

	EU INTERIOR
Walking these dirty streets with hate in my mind feeling the scorn of the world I won't follow your rules...	Andando por estas ruas sujas com ódio em minha mente sentindo o escárnio do mundo não seguirei suas regras...
Blame and lies, contradictions arise (2x)	Culpa e mentiras, contradições emergem (2x)
Nonconformity in my inner self only I guide my inner self	Não-conformismo em meu eu interior apenas eu guio meu eu interior
I won't change my way it has to be this way I live my life for myself forget your filthy ways	Não vou mudar meu caminho tem de ser desse jeito vivo minha vida por mim mesmo esqueça seus modos imundos
Blame and lies, contradictions arise (2x)	Culpa e mentiras, contradições emergem (2x)
Nobody will change my way life betrays but I keep on going there's no light but there's hope crushing oppression I win	Ninguém vai mudar meu caminho a vida trai mas sigo em frente não há luz mas existe esperança esmagando a opressão eu venço
Betraying and playing dirty you think you'll win but someday you'll fall and I'll be waiting laughs of an insane man you'll hear personality is my weapon against your envy	Traindo e jogando sujo você acha que vencerá mas algum dia há de cair e eu estarei esperando risadas de um homem insano você vai ouvir a personalidade é minha arma contra sua inveja
Walking these dirty streets with hate in my mind feeling the scorn of the world I won't follow your rules...	Andando por estas ruas sujas com ódio em minha mente sentindo o escárnio do mundo não seguirei suas regras...
Nonconformity in my inner self only I guide my inner self	Não-conformismo em meu eu interior apenas eu guio meu eu interior

(Todos os direitos reservados)

CANTARIDDA

ANOS 90
O CAMINHO
DO ROCK
BRASILEIRO

PRODUÇÃO
ARTISTICA

PRODUÇÃO
PROMOCIONAL

IRA!
KIKO ZAMBIANCHI
RÁDIO TAXI
SUPLA
GUETO
SEPULTURA

ENDEREÇO:
RUA ARTHUR DE ALMEIDA, 161
VILA MARIANA
CEP 04011
575-1198
549-7438
FAX: (011) 884-3451

CARTAS

TITÃS

Escrevo a vocês para parabenizá-los pela excelente entrevista em capítulos da melhor banda de rock do Brasil, os Titãs. Já era tempo! Realmente a BIZZ prova ser a melhor revista do gênero, com uma equipe de repórteres que caça suas matérias a qualquer custo.
No estúdio Nas Nuvens, deu para sentir o clima dos Titãs, sempre com pensamentos e idéias inteligentes. Gostaria de elogiar também o ótimo trabalho em *Ô Blésq Blom*, que vem provar mais uma vez a evolução e superioridade desta banda paulista.

Myriam Gonçalves Teixeira, Rio de Janeiro — RJ

Venho por meio desta parabenizá-los pelo excelente trabalho que a BIZZ vem realizando em suas entrevistas com os mais variados grupos nacionais e internacionais.
Eu, como fã dos Titãs, estou lisonjeado pela matéria feita por Lorena Calabria (*A História Oficial*) que mostra as diversas dificuldades que esta banda teve de enfrentar até chegar ao que é hoje.

Rodrigo Costa Cidade, Florianópolis — SC

Estamos escrevendo para parabenizar a revista BIZZ e a repórter Lorena Calabria pela excelente entrevista com os maravilhosos Titãs.

Renata Spínola, Salvador — BA

Compro BIZZ desde 87, quando comecei a entender o que é música. O que eu mais gosto na revista são as entrevistas com as bandas nacionais. Adorei a matéria com os Titãs. Genial eles contarem a própria história. Uma grande idéia, com fotos da época e tudo mais.
Os Titãs nunca fazem um trabalho igual ao outro. *Ô Blésq Blom* está dentro da filosofia do grupo, de nunca se repetir. E é inadmissível o que diz Renato Russo sobre o disco: "Os Titãs não são mais os mesmos, eles estão perdendo o pique". O Renato, este sim, deve se manter no mero lugar onde se encontra: abaixo dos Titãs, que é a melhor banda do Brasil.

Andre Panico, São Paulo — SP

Literalmente o máximo a crítica feita por José Augusto Lemos sobre o disco *Ô Blésq Blom*, dos Titãs, na edição de dezembro (BIZZ 53). Foram as palavras mais redondas, exatas e cabíveis sobre o trabalho deles que eu já li. Adorei. Adorei 2: Capa da BIZZ de novembro. Adorei 3: *A História Oficial* dos Titãs.

Maria Rosa Dall'Acqua, Itatiba — SP

IRA!

É lastimável que a BIZZ tenha deixado passar em brancas nuvens este momento de reinauguração democrática através do voto popular de novembro de 89. Será que não tem nada a ver com a música e a poesia a reflexão que se faz neste instante, capaz de instigar o principal (e único) veículo de informação dos consumidores e artistas da música feita no Brasil? Será efêmero? Ou decorre dessa onda *blasé* que tomou conta de quase toda a mídia informativa e propiciou a farsa deste mito oco de imagem pública que nos ameaça nos próximos cinco anos? Esse cavalo de Tróia das Alagoas...
Não era hora de nos expormos política e culturalmente: cantores, compositores, músicos e amantes da música?
Correspondentes internacionais a cada edição mandam suas impressões pessoais do último show do último conjunto exótico europeu, e por aqui ninguém se corresponde. Apenas matérias quase curriculares sobre os nativos.
O que passou, passou...
O que não passa goela abaixo é a arrogância e a pretensão de "críticos" da laia do Alex Antunes. A gota d'água é a sua avaliação do disco duplo de Cazuza. Algo de asqueroso. Mostra que o mau-caratismo não é exclusividade da conservadora *Veja*. Com um estilo stalinista, junta meias verdades e conduz a uma bravata final digna do Porco Napoleão em *A Revolução Dos Bichos*.
Mas há um perfume yuppie em suas palavras. Chet Baker fez pérolas com o fio de sua voz. E o que o candidato a crooner, atual crítico em exercício, Alex Antunes faz com a sua? É desastroso, motivo de escárnio da platéia. Por isso se camufla nas redações, onde conta com a condescendência de seu lobby. Burocrata da música!
Quem não tem nada a dizer que não o diga.
Aí eu proponho: por que não uma espécie de ombudsman na BIZZ? Mesmo sendo mensal, mesmo contando com as defasagens das edições, mesmo assim seria válido. É uma questão de opção. Ou se dá uma passo à frente ou se concorda com a prática de feudos jornalísticos.
No mais, um alento aos torturados por essa troupe: são mortos-vivos.

Marcos Valadão Rodolfo (Nasi), São Paulo — SP

Alex Antunes responde: *"Considero a questão Cazuza esgotada na resposta dada na Seção de Cartas da BIZZ 56. De resto, não entendi lhufas da 'acusação' que o Nasi faz. Alguém aí me explica?"*

BIZZ responde: Favor não confundir a revista com (1) comitê eleitoral, (2) Rede Globo e (3) Folha de S. Paulo.

CAETANO VELOSO

Venho por meio desta condenar e refutar as declarações do sr. Caetano Veloso prestadas a esta revista na edição 54, em que tachou o rock progressivo de kitsch, pretensioso e chato.
O cantor baiano se arvora uma pseudo-imunidade artística para difamar a corrente mais séria e criativa do rock, responsável por dar respeito e credibilidade ao gênero. O que não se admite é um artista forjado na pútrida miscelânea musical brasileira vir opinar sobre o que nunca teve conhecimento.
Daqui para frente, a partir da visão estreita do compositor, arranjos elaborados, apuro instrumental e letras intelectualizadas serão sinônimo de tédio. E eu que pensei que só Stevie Wonder e Ray Charles fossem cegos...

Paulo Jorge Dumaresq Madureira, Natal — RN

Deve ser chique entrevistar Caetano Veloso. *Safra especial* (?!), tá legal... Mas num ponto específico deveriam deixá-lo de fora: o rock'n'roll. Toda vez que lhe perguntam sobre o assunto, ele não se faz de rogado e bate a síndrome de Peter Pan (sr. Caetano, o senhor não precisa ouvir rock para passar jovialidade).

Na revista de janeiro (BIZZ 54), numa pretensa lista de nomes que o atraíam no rock, entravam, entre outros, Miles Davis e Weather Report. Poxa! Ninguém diz nada? Sua veia vanguardista lembrou-lhe ainda que deveria fazer uma referência a Malcolm McLaren e Brian Eno.
O.k., Caetano Veloso é um gênio, "safra especial", "eu gostava de música muito refinada" etc... Mas, enquanto sua cultura rocker ficar em Rolling Stones e Beatles, por favor só perguntem sobre suas atrações sexuais por Elvis, Paulo Ricardo e Lulu Santos. Os estragos serão menores. Que sorte do Bowie!

Marcos Rodrigues, Salvador — BA

Acho que a revista BIZZ deveria dar mais espaço aos músicos brasileiros. Concordo que devem ser feitas matérias com músicos estrangeiros, tais como Bob Dylan, Pink Floyd e outros, mas também temos músicos suficientes para excelentes matérias. Aproveitando este espaço que nos é reservado, quero parabenizar Antônio Carlos Miguel pela maravilha de entrevista editada com o nosso maior poeta vivo: Caetano Emanuel Viana Telles Veloso.

Luiz Eudes Cruz de Andrade, Sátiro Dias — BA

TIN MACHINE

Escrevi para vocês há dois anos para parabenizar a revista, e dessa vez para dizer que vocês estão melhores ainda.
A crítica ao Tin Machine de Bowie é perfeita. Eu tive a oportunidade de vê-los em Los Angeles e foi uma droga. Aliás, o Lobão estava lá também. Seria melhor se o brasileiro chutasse o Bowie lá de cima e assumisse o show. O Bowie está um lixo, e esse Tin Machine não significa nada. O próprio Ian McCulloch disse numa entrevista à BIZZ que não acredita "que o cara mais cool do mundo tenha se transformado no cara menos cool do mundo". Ótima foi a crítica de Miss Lemos, que teve coragem de dizer o que pensa e o que realmente deveria ser aceito.

Marcus Dagna, Nova York — USA

Começo a notar que a BIZZ está melhorando. As matérias estão mais interessantes e as opiniões dos críticos, mais construtivas.
Dou meu total apoio a Anamaria G. de Lemos quanto à reportagem feita por ela sobre o show do Tin Machine. O disco já dá uma boa impressão de como deve ser mórbido o show deles.

André L M Biondo, Bauru — SP

FÃS-CLUBES

Boy George *Fã-Clube do Boy George* A/C Edilene e Aldo, r. Pastor Manoel V. de Souza, 496, CEP 82500, Curitiba — PR

Guns N'Roses *Appetite for Destruction Fan-Club* A/C Viviane dos Santos, r. Otacílio de Albuquerque, 41, CEP 02125, São Paulo — SP

Veludo Cotelê *Fã-Clube do Veludo Cotelê*, r. Natal, 850, CEP 31230, Belo Horizonte — MG

MERCADO PARALELO

Compro BIZZ números 51, 52 e 53. **Luis Cezimar Oliveira, r. Banco do Brasil, 225, CEP 64340, Castelo do Piauí — PI**

Compro qualquer revista BIZZ que tenha reportagens ou posters da Madonna. Pago bom preço. **Alessandro Carano, r. Cândido Cardoso de Miranda, 71/104, CEP 32650, Betim — MG**

ERRAMOS

A coletânea *The World Won't Listen*, dos Smiths, é de 87 e não 84, como está na BIZZ 54, página 59, na seção *Discos*.
Na mesma edição, página 51, o nome correto do baixista da banda Os Jaquetas é Plato Dvorak.

REENCONTRO

Gostaria de entrar em contato com a paulista Renee, que conheci no primeiro dia do Hollywood Rock, em São Paulo. Eu fui do Rio assistir ao Bob Dylan e acabei te conhecendo (Do you remember?). Gostaria de voltar a falar com você. Ronaldo de Lima Costa, r. Viúva Lacerda, 53, CEP 22261, Rio de Janeiro — RJ.

GUARDE SUAS FITAS

PORTA FITAS

MONTAG (011) 885-7045

DISCOTECA BÁSICA

ROY ORBISON

THE ALL-TIME GREATEST HITS OF ROY ORBISON (1972)

Ele não possuía alguns dos atributos que eternizaram as obras de seus mais fabulosos colegas e contemporâneos: não tinha o carisma real de Elvis, apenas flertava com a rebeldia do rock'n'roll de Jerry Lee Lewis e Carl Perkins, ou às vezes com a pureza country de Johnny Cash. No entanto, Roy Orbison conseguiu inscrever seu nome com louvor nas principais páginas da música pop, influenciando diretamente um imenso leque de *stars*, desde Dylan e os Beatles até Bruce Springsteen, Elvis Costello e Van Halen (que transformou num de seus primeiros hits uma versão para "Oh Pretty Woman"), entre tantos outros.

Quais seriam então as razões para este músico tímido e introspectivo, nascido e criado no interior do Texas, merecer tantas honrarias? O principal motivo deve ter ficado por conta da extrema sinceridade, aliada a uma angústia inerente à sua personalidade, transmitida de forma tocante através das canções que interpretava. Mas não só isto: suas próprias performances — em que o timbre de tenor facilmente transmutava-se em dramáticos falsetes ou finais apoteóticos — combinavam perfeitamente com o clima musical adotado para elas, uma combinação que trazia elementos do country, rock'n'roll e r&b, indissociavelmente unidos a uma clara herança do canto operístico e das baladas chicanas, reforçadas por ostensivas intervenções de cordas (diretamente ligadas à sua formação).

Oriundo da classe média, até com uma certa fama de "bom rapaz" (apesar de seus indefectíveis óculos escuros e jaqueta de couro), Orbison preferiu o inconformismo do então insurgente rock' n'roll para se lançar no *show business* através da lendária gravadora Sun, de Memphis, sob os auspícios de Sam Phillips (com o compacto "Ooby Dooby"). Porém, pouco depois mudou-se para Nashville, berço da *country music*, onde pôde desenvolver melhor sua verve romântica. E foi exatamente ali que Orbison — devidamente assessorado pelo produtor Fred Foster — atingiu o ápice de sua carreira.

Após um bom tempo trabalhando só como compositor para uma editora local, ele viu surgir sua grande chance quando "Only The Lonely" — sua segunda gravação como *crooner* em Nashville — atingiu rapidamente os primeiros lugares das paradas de 60. Nos quatro anos que se sucederam, este seria apenas o primeiro sucesso de uma lista memorável que englobou "Blue Angel" (60), "Crying", "Running Scared" (61), "Dream Baby", "Leah" (62), "In Dreams", "Falling", "Blue Bayou" (63) e a já citada "Oh Pretty Woman" (64), só para ficar nas mais famosas.

É exatamente este fértil período — no qual Orbison estava ligado ao selo Monument e quando vieram à luz seus *all-time hits* — que está coberto nesta compilação de vinte faixas. O disco (duplo) só foi lançado em 72, época em que estava praticamente afastado do cenário musical (traumatizado desde os idos de 66/68, quando perdeu sua mulher em um acidente de moto e dois dos três filhos num incêndio em sua casa em Nashville).

Depois desta má fase (reiterada por uma complicada operação cardíaca em 79), Orbison teve sua importância gradativamente reconhecida durante os anos 80, um processo que culminou com o lançamento dos LPs *Mystery Girl* e *A Black And White Night* e a associação aos Traveling Wilburys durante 88. Pouco depois, no dia 6 de dezembro, este incurável romântico faleceu aos 52 anos. Por causa do coração, é claro.

CELSO PUCCI

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Ao Vivo), Celso Puc (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Showbizz), Lore na Calabria (Rio de Janeiro)
Assistente de Redação: Celso Ferrari Masson
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
Atendimento ao Leitor: Lilian Cristina Viveros
ARTE
Editora: Deise Bitinas
Diagramação: Angelo Asson, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahian (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Ayrton Mugnaini J Camilo da Rocha, Carlos Eduardo Miranda, Claudio M. de Men zes, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Leopoldo Rey, Marc Plasse, Marcos Campolim.
Fotos: Almir Bindilatti, Carlos Mancini, Eric de Haas, Gustav Enrique Smolarsky, Marcos Bonisson, Ormuzd Alves.
Arte: Antonio Fernando Morra
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Projeto Gráfico: OZ Desenho & Associados
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
SP - Diretor: Eduardo S. Rosa
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Oliveira Net Carla Covolo
RJ - Diretor: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Eduardo Barros, Romualdo Ayres Costa
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. Botelho

Representantes
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone (0512) 23-9528
Porto Alegre - RS Centro-Oeste:
Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (06 223-0421 - Brasília - DF SP 2:
Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (01 623-4262/623-4291 - Ribeirão Preto - SP
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova Yor** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New Yor NY 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: 23767 Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 7500 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 660731 ABRILP Fax: (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Susan Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, S Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarini
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbos

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ, é uma publicaçaoda Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, P blicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, te (011) 826-6777, CEP 01139. Caixa Postal 60081. CEP 05096. Telex (01 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Pass gem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Tele (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Port gal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, A nhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Valor capa multiplicado pelo número de edições anuais. Ao fazer sua assinat ra exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nomi à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta public ção que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratado sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante. Implicará a re tituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondent aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção mon tária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verific da no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Núm ros atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: D NAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000. Osasc SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os dir tos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - D tribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.

ERIC Clapton

Foi criado no Blues americano. Sua guitarra marcou a trilha para os maiores roqueiros do mundo. Nenhum guitarrista desde então escapou da sombra da sua influência.

A sombra se torna cada vez maior.

89 FM A RÁDIO ROCK

Escreva para a **RÁDIO 89 FM**, Praça Oswaldo Cruz, nº 124, 17º andar, Paraíso, São Paulo, SP, CEP 04004 dizendo qual a nova música de **ERIC CLAPTON** que você está ouvindo na **89 FM**, e concorra ao novo LP **JOURNEYMAN**. A data do sorteio você saberá ouvindo a **89 FM**.

Já em LP & K7 wea

SETE SETE CINCO BRASIL

(011) 826 3190

ABRIL

BIZZ

EDITORA ABRIL

EDIÇÃO DUPLA
PRÊMIO BIZZ
MELHORES DO ANO

Cr$ 140,00
5561 - ANO 06 - Nº 66 - 1990 - EDIÇÃO 67

EDUK (DEFALLA)

O ÚLTIMO ROCKER BRASILEIRO?

PAUL McCARTNEY

- Por que ele desmanchou a banda de maior sucesso do planeta?
- Quais músicas dos Beatles ele vai tocar no Maracanã?
- Biografia e relato completo do show de Paul em Londres

+ ENTREVISTAS

DAVID BOWIE
JETHRO TULL
PHIL COLLINS
EURYTHMICS